Coelho Netto
I
Theatro

Coelho Netto

COELHO NETTO

Nasceu em Caxias (Maranhão) em 20 de Fevereiro 1864.

E' hoje o prosador mais illustre do Brazil. A sua obra triumpha pela sua belleza e pela sua opulencia, é das mais applaudidas e enraizadas. Nos seus livros ha sempre um escriptor millionario, cuja prosa lembra um thesouro inexhaurivel de pedras preciosas. Na sua obra fecunda e admiravel, ha phantasia, piedade e ardor. Na galeria das suas figuras passam algumas maravilhosamente esculpidas. Não é um mero analysta, apesar de excelso: o pintor é magnifico e o poeta vae cantando, na propria abundancia e graça da sua flora, maravilhosamente d'oiro e sangue! Grande romancista e inegualavel contista, tem artigos de critica, phantasia, ritornellos e balladas, toda a escala chromatica, resplandecente e poetica d'um escriptor de raça, laborioso e forte. Hoje a obra de Coelho Netto é conhecida em todos os recantos onde se falla a lingua portugueza, graças ás edições lançadas no mercado pela Livraria Chardron.

THEATRO

DO MESMO AUCTOR

Esphynge, 1 vol.	600
Sertão, 1 vol.	600
Agua de Juventa, 1 vol.	700
A bico de penna, 1 vol.	700
Romanceiro, 1 vol.	500
Jardim das Oliveiras, 1 vol.	500
Fabulario, 1 vol.	500
Miragem, romance, 1 vol.	600
Theatro, vol. 2.º	400
Quebranto (Theatro), vol. 4.º	500
Apologos, 1 vol.	500
Mysterio do Natal, 1 vol.	500

No prélo, a seguir em novas edições:

Inverno em flor	1 vol.
O Rei Phantasma	1 vol.
Capital Federal	1 vol.
O morto	1 vol.
O Paraiso	1 vol.
O Rajah de Pendejab	2 vol.
A Conquista	1 vol.
A Tormenta	1 vol.
O Turbilhão	1 vol.

COELHO NETTO

THEATRO

I

COMEDIAS

O RELICARIO, OS RAIOS X, O DIABO NO CORPO

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES
RUA DAS CARMELITAS, 144

1911

O "accordo,, assignado no Rio de Janeiro em 9 de Setembro de 1889, entre o Brasil e Portugal, assegurou o direito de propriedade litteraria e artistica em ambos os paizes.

A presente edição está devidamente registada nas Bibliothecas nacionaes, de Lisboa e Rio de Janeiro.

PORTO — IMPRENSA MODERNA

O RELICARIO

COMEDIA EM 3 ACTOS

Representada pela primeira vez no theatro Lucinda
a 24 de março de 1899

PESSOAS

SEVERO VALENTE, *supplente de delegado, professor de linguas mortas*
BERNARDO, *alfaiate*
EDUARDO, *mestre de dança*
VENTURA, *moedeiro falso*
SIMÃO, *elegante*
SERAFIM, *belchior*
AMARO, *filho de Valerio*
CANDIDO, *filho de Bernardo*
FIDELIS, *moleque*
Um alumno do curso
VALERIO, *crente, muito surdo*
ENGRACIA, *mulher de Severo*
LOLA, *cocotte*
THOMAZIA, *criada de Engracia*
CARMEN, *filha de Engracia*
BASILIA } *frequentadoras da casa de Pai Ambrosio*
CLEMENTINA }
HONORIA, *filha de Basilia*

CRENTES, CARREGADORES

NO RIO DE JANEIRO. ACTUALIDADE

PRIMEIRO ACTO

Sala de jantar em casa de Severo, mobilada com gosto. Na parede, ao fundo, grande tropheu de armas indigenas, retratos de indios. Portas ao fundo e lateraes.

SCENA PRIMEIRA

SEVERO, *só, passeando ao longo da sala:*

Sim senhor, uma cartada de mestre, deixem lá. O Serafim, por um bom negocio, é capaz de tudo; conheço o meu homem! e uma guarnição de canela encerada por oito centos mil reis é um ovo por um real. Bem imaginado, pois não! Elle entra com os homens, apresenta o mandado, leva a guarnição, eu faço uma scena... e vou buscar os cobres. *(Batendo na fronte:* Il y a quelque chose là, como dizia o André Carvalheira. *(Outro tom:)* Ah! o peccado original! Por causa do amaldiçoado fruto é que ha modistas e o resto. Se não fosse a gulodice de Eva andariamos á

fresca e eu não estaria nos apuros em que me vejo. Mas deixem lá... o fruto vale bem o sacrificio. *(Outro tom:)* Eu podia ter feito negocio com o quarto; o quarto dá mais, dá mesmo muito mais; mas a Engracia virava esta casa pelo avesso por causa da cama do nosso casamento, na qual, diz ella, perdeu as illusões. E' mulher capaz de defender o movel com as frechas do avô Gnimaio-kome, cacique dos botocudos. Ah! eu conheço a Engracia! Em se lhe tocando nas suas coisas fica uma féra! Uma vez, só porque lhe belisquei as cadeiras, fiquei de cara á banda. Por causa do tal relicario, por exemplo, tem-me trazido de canto chorado. Só em annuncios tenho gasto mais do que seria necessario para comprar tres ou quatro relicarios com dentes e o resto; mas é preciso fingir. Tambem, que loucura a minha — dar á Lola, como *gri-gri,* o relicario de minha mulher. Mas eu não tinha vintem e ella fazia questão de possuir um talisman. Dei-lhe o relicario, contei-lhe uma historia sobre os dentes... e a verdade é que ella não dispensa a tal joia. Feliz amuleto que móra naquelle seio! Porque não nasci eu relicario ! Ah! Lola, a quanto me obrigas! Eu, um pai de familia exemplar, professor jubilado de linguas mortas e *ex*... uma porção de coisas, a simular uma penhora para satis-

fazer os teus caprichos. E fico sem ter onde comer, simplesmente porque Lola quer ir ao grande premio do Derby. Mas outro, em meu lugar, faria o mesmo, ou mais. Eu ainda reservo o quarto, o escriptorio, a cosinha... Mas aquelles olhos! aquelles braços! aquelle... *(Thomazia sahe da direita em direcção á porta do fundo, com um cesto no braço:)* Onde vais, rapariga?

SCENA II

SEVERO, THOMAZIA; depois CARMEN

THOMAZIA

Vou ao armazem e á quitanda.

SEVERO

Já sei: vais comprar alguns kilos de elephante ou de urso.

THOMAZIA

Eu já não jógo no bicho.

SEVERO

Pois sim...

THOMAZIA

Por causa d'essas coisas é que D. Engracia desconfia de mim e anda só com indirectas...

SEVERO

Que indirectas?

THOMAZIA

Pensa que fui eu que roubei o relicario com os dentes do avô d'ella. Não faltava mais nada! Graças a Deus não preciso dos dentes de ninguem para comer, tenho os meus braços e as minhas pernas. Commigo, não! Faço as minhas extravagancias, não nego, mas sei portar-me. Mulata sim, mas de bem.

SEVERO

Pois sim, pois sim. *(Carmen entra pela direita com um livro.)*

THOMAZIA, *sahindo pelo fundo :*

Eu, para o bicho, tenho as minhas coisas.

SEVERO

Pobre Thomazia! Bôa rapariga, mas estupidamente honesta.

CARMEN, *adiantando-se :*

Papai...

SEVERO, *voltando-se :*

Minha filha...?

CARMEN

Qual é o sujeito d'esta oração?

SEVERO

Eu não entendo de rezas.

CARMEN

Não é reza, papai: é uma oração grammatical.

SEVERO

Ah! se é grammatical, vejamos...

CARMEN

E' esta: «Margarida partiu para o Perú.»

SEVERO

O sujeito? o sujeito é o Perú.

CARMEN

O Perú!? e eu que pensei que era Margarida.

SEVERO

Margarida! O' filha, nem pareces descendente de um professor jubilado. Margarida será, com grande esforço, a sujeita. *(Outro tom:)* Que é da tua mãi?

CARMEN

Está fazendo dôces.

SEVERO, *á parte:*

Ha de comel-os de pé.

CARMEN, *d'olhos baixos:*

Papai não recebeu uma carta do senhor Eduardo?

SEVERO

Que Eduardo?

CARMEN

Ora, que Eduardo... Papai bem sabe.

SEVERO

Eu logo vi que o sujeito da oração era o tal mestre de dança. *(Alto:)* Recebi, sim, do inquilino do 2.º andar, o trangalhadanças.

CARMEN

Trangalhadanças não, senhor. Para valsas não ha como elle.

SEVERO

Para valsas e para calotes. Ha tres mezes que me péde desculpas e cigarros.

CARMEN

Papai bem sabe que, com o calor, muita gente deixa de dançar. Elle está agora com uns cinco ou seis pares apenas.

SEVERO

Uma quadrilha de saltadores.

. CARMEN

Mas papai vai responder...

SEVERO

Sim, vou responder com um cabo de vassoura.

CARMEN

Com um cabo de vassoura... Porque? Que razões tem o senhor para oppôr-se ao meu casamento com esse moço?

SEVERO

Que razões tenho!? Um sujeito que deve 3 mezes de casa e que passa a vida trocando as pernas.

CARMEN

Ensinando a dançar. E' uma profissão muito séria.

SEVERO

Muito séria, pois não.

CARMEN

Tão séria como a sua; elle é tambem professor.

SEVERO

Nem professor, nem jubilalo: mestre é que elle é, em exercicio. Não queiras estabelecer conformidade entre um homem que ensina a fazer piruetas e outro que descobriu uma nova figura de rhetorica.

CARMEN

O engrossamento.

SEVERO

Basta! Nem mais uma palavra!

CARMEN

Mas eu quero uma resposta.

SEVERO

Nunca!

CARMEN

Nunca! Porque? Papai bem sabe que eu sou quasi maior.

SEVERO

Aqui não se trata de tamanho, trata-se de conveniencia. Se a senhora é quasi maior, que sou eu? e a senhora sua mãi?

CARMEN

Mas eu quero! E papai bem sabe que quando eu quero, quero!

SEVERO

Mais respeito, menina! Note que, além de estar falando á seu pai, que é um homem mais velho do que a senhora, está em presença de uma autoridade constituida. Nunca! Já disse. Com o dan-

çarino, nem depois de morta, como a Ignez, ouviu? Nem depois de morta!

CARMEN

Pois veremos!

SEVERO

Veremos!

CARMEN, *entrando á direita:*

Só se eu não me chamo Carmen Valente.

SCENA III

SEVERO; depois ENGRACIA; depois um alumno do curso

SEVERO

Vem paia cá com a tua valentia... *(Outro tom:)* Um biltre que vive á minha custa. Mora aqui e não paga. E' verdade que ensinou uns passos á pequena... e está ahi o passo que ella quer dar. Aligeirou-lhe o pé para pedir-lhe a mão. Está enganado! Ponho-o na rua, mesmo porque não posso mais com o barulho que fazem lá em cima. Estou, ás vezes, deitado e salto da cama

com medo de que me desabem no corpo uns quatro ou cinco pares... E é um cahir de caliça que me põe doido! E ainda por cima abusa da minha boa fé, trahindo-me com a Lola. *(Triste:)* E a desgraçada tem paixão por elle por causa do *Pas de quatre*. Já me esbordoou porque ousei fazer umas ligeiras observações sobre o procedimento do meliante que não lhe sahe da casa, vivendo ás minhas costas. Pois fiquei com a cabeça cheia de gallos, como um terreiro. *(Furioso:)* Com certeza vai comer metade da minha sala de jantar, o patife!... as cadeiras, pelo menos. *(Triste:)* Se elle ainda se contentasse com as minhas e deixasse as da Lola em paz... *(Desesperado:)* E, ainda por cima, quer ser meu genro... Rua! bigorrilhas. *(De mãos postas, os olhos elevados:)* Emfim, tulo é por ella! *(Esfregando os olhos:)* O'! com seiscentos...!

ENGRACIA, *entrando pela direita, de avental, com uma espumadeira na mão :*

Que é isso, homem? fôste mordido?

SEVERO

Caliça lá de cima. Estão dançando.

ENGRACIA, *depois de soprar-lhe os olhos :*

Do relicario até agora nada, hein?

SEVERO, *sempre esfregando os olhos :*

Nada.

ENGRACIA

Ah! mas se eu encontro o gatuno! Os dentes do meu avô, a unha de minha avó, os cabellos de Sigismundo! *(Outro tom:)* Que fizeste á menina? Está lá dentro chorando como uma malúca, a dizer que foge, que faz escandalo, que se mata...

SEVERO

Que fiz! disse que jámais consentiria no casamento d'ella com esse biltre do dançarino que, além de me não pagar, põe-me os olhos neste estado. Um sujeito que não tem onde cahir morto, um valdevinos...

ENGRACIA

Se ella quer, homem... tu tambem, quando nos casamos, eras um simples professor de primeiras letras, tinhas apenas uns bellos bigodes e tocavas violão.

SEVERO

E' ainda tóco, graças a Deus. *(A' parte:)* Lola, quando está triste, pede-me que lhe toque alguma coisa e eu... *(Alto:)* Mas era um homem de bem, pagava pontualmente ao senhorio, não trahia os amigos, portava-me como perfeito cavalheiro.

UM ALUMNO, *á porta do fundo:*

O professor está?

SEVERO, *adiantando-se:*

Sim, senhor. Que deseja?

O ALUMNO, *surprehendido:*

E' V. S.ª...?

SEVERO

Eu mesmo.

O ALUMNO

Perdão, mas não é V. S.ª...

SEVERO

Hom'essa...! Pois então eu não sou eu?

O ALUMNO

Certamente enganei-me de andar.

SEVERO

Pois... se enganou-se de andar emende o passo.

O ALUMNO

V. S.ª não é o professor de dança?

SEVERO

Mestre, mestre se me faz favor. Isso é lá em cima. *(A'parte:)* E' mais um para atirar-me caliça aos olhos.

O ALUMNO, *retirando-se :*

Queira desculpar-me.

ENGRACIA

Vagabundo! Se são horas de alguem dançar. Hontem, eu estava descançando um bocado na cama, quando vi no meu quarto um homem barbado olhando muito sério para mim. Dei um pulo, agarrei a maça do meu avô e, se o diabo não fôsse tão ligeiro, tinha ficado estendido, com os miolos de fóra.

SEVERO

Que queria elle?

ENGRACIA

Aprender valsa. Enganou-se de andar e foi entrando. Isto é até um perigo. *(Outro tom:)* Mas vamos ao caso da pequena. Se ella fugir? se elle fizer d'ella um rato?

SEVERO

Um rato!?

ENGRACIA

Pois não é assim que se diz quando um homem furta uma moça?

SEVERO

Não, filha: diz-se — rapto, com p. E' uma palavra de origem latina, vem do rapto das sabinas. Se elle raptal-a, queres dizer.

ENGRACIA

Ou isso, se elle ratal-a, com p...?

SEVERO

Caio-lhe em cima com a Lei que o arrazo.

ENGRACIA

Antes de cahires com a Lei caio eu com a maça. Bem sabes que eu descendo dos botocudos. Meu avô comia gente, meu pai tambem... eu tambem sou capaz de comer. *(Outro tom:)* Mas uma moça ratada, com p, é como fruta descascada: só póde ficar nas mãos de quem a descascou. *(Batem palmas á porta.)* Quem é?

EDUARDO, *fóra :*

Um criado. O sr. Severo está?

SEVERO, *fugindo para a esquerda :*

E' elle! Dize-lhe que sahi. Não appareço a esse monstro.

ENGRACIA

Mas ouve, homem... Quem sabe se elle não vem pagar os alugueis?

SEVERO

Arranja-te com elle. Toma os recibos. Eu é que não o quero vêr: sou capaz de esganal-o.

ENGRACIA

Mas olha que eu estou assim, Severo.

SEVERO

Tem paciencia, evita uma desgraça. Eu sou capaz de esganal-o. *(A'parte:)* Um biltre de máus bofes...

EDUARDO, *fóra :*

O sr. Severo está? *(Severo entra precipitadamente á esquerda.)*

ENGRACIA, *á porta :*

Não, senhor; não está.

EDUARDO

Então, com licença. Está a senhora, é o mesmo. *(Entra.)*

SCENA IV

ENGRACIA, EDUARDO e SEVERO, á esquerda

ENGRACIA, *tomando a maça a um canto :*

Eu estou, mas o sr. Severo não está.

EDUARDO

Tanto melhor, dona Thomazia.

ENGRACIA

Engracia, uma sua criada.

EDUARDO

Sim, Engracia... Engracia. *(Sentando-se:)* Com licença. Dancei agora mesmo a quinquagesima valsa. Estou estrompado, dona Ursula.

ENGRACIA

Engracia, uma sua criada.

EDUARDO

Sim, dona Engracia. Pois é verdade, minha senhora... ha tres mezes que...

ENGRACIA

Estão aqui os recibos.

EDUARDO

Recibos...! Ah! tem tempo. Ha tres mezes, minha senhora... *(Levantando-se:)* Permitta-me que lhe dê o dôce nome de mãi. Minha mãi!

ENGRACIA

Sua mãi! *(Repellindo-o com a maça:)* Olhe,

não se chegue muito para mim, tenha paciencia. Eu sinto muito calor.

SEVERO, *entreabrindo a porta :*

A Engracia já está com a maça do avô. Temos obra!

EDUARDO

Mas porque me fala a senhora com esse páu na mão?

ENGRACIA

E' a maça de meu avô. Mas não se chegue tanto, tenha paciencia.

EDUARDO

Pois sim, dona Ismenia.

ENGRACIA, *escamada :*

Engracia, já lhe disse.

EDUARDO

Desculpe-me; eu estou muito cançado, é por isto que...

ENGRACIA

Não quer os seus recibos?

EDUARDO

Não, senhora; obrigado. Prefiro um copo d'agua. *(Outro tom:)* Vim aqui porque não posso mais soffrer. Ai!

ENGRACIA, *assustada:*

Que tem?

EDUARDO

Um mal horrivel! Eu vinha falar ao sr. Severo, mas como estou com a mão na massa, como a senhora, desculpe-me a franqueza. Ai!

ENGRACIA, *á meia voz:*

E' capaz de morrer aqui.

SEVERO

Para que eu lhe faça o enterro.

ENGRACIA, *sollicita:*

Quer tomar alguma coisa? um caldo, uma chicara de café, um calice de vinho? sem cerimonia

EDUARDO, *com a mão no coração:*

Aceito o vinho, dona Basilia.

ENGRACIA

Engracia... *(Entra á direita.)*

EDUARDO, *flebilmente:*

Engracia...

SCENA V

EDUARDO, SEVERO, á esquerda; depois LOLA

SEVERO

Beber o meu vinho, o suor do meu rosto. Ah! se eu estivesse em casa...

EDUARDO

Excellente mulher! parece uma bôa alma, apezar da maça do avô que não lhe sahe da mão. Deve ser uma sogra muito maçante. O marido é que é uma cavalgadura.

SEVERO

Hein!? cavalgadura...! Ah! se eu estivesse em casa.

EDUARDO

Ah! Carmen... E dizer-se que tão formosa creatura é filha d'um monstro.

SEVERO

Homem, tambem a Engracia não é assim de espantar.

EDUARDO

Um imbecil... Nem sei como se confia um cargo policial a um idiota d'aquelles.

SEVERO

E' commigo. O que te vale é eu não estar em casa.

EDUARDO

Covarde...

SEVERO

Prudente, grandissimo patife.

EDUARDO

Parvo...

SEVERO

Quê...?

EDUARDO

A Lola até o obriga a ficar de gatinhas para fazer exercicio de equitação, porque o medico recommendou-lhe passeios a cavallo.

SEVERO

O miseravel não comprehende que eu me deixo cavalgar para poupar despezas.

EDUARDO

E é pai da mulher que adoro.

SEVERO

Pai verdadeiro e unico.

EDUARDO

Mas eu não creio. Ali ha dente de coelho.

SEVERO

Dente de coelho em minha filha...

EDUARDO

Tiririca não dá rosas.

SEVERO

Tiririca... eu! Ah! monstro...!

LOLA, *á porta:*

O professor Edú...

EDUARDO, *aterrado:*

Lola!

SEVERO, *pasmado:*

Ella!

LOLA, *entrando, impetuosa e apaixonada:*

Dudú!

EDUARDO, *com dignidade:*

Que vieste fazer?

LOLA

Vim procurar-te.

EDUARDO

Eu móro lá em cima, no segundo andar.

LOLA

E que fazes aqui no primeiro?

EDUARDO

Estava espairecendo.

LOLA

Ingrato!

SEVERO

Quem com ferro fere... *Hodie mihi cras tibi.* Mas que pouca vergonha...!

EDUARDO

Esqueça-se de mim, minha senhora. *(Outro tom:)* Mas vamos para o 2.º andar.

LOLA

E eu que arranjei o dinheiro que precisas para pagar ao teu senhorio.

EDUARDO

Hein?

LOLA

O idiota prometteu levar-me hoje á tarde os oitocentos mil reis que exigi.

SEVERO

Pois ella quer que elle me pague a casa com a minha sala de jantar...!

EDUARDO, *muito digno:*

Obrigado.

LOLA

Recusas?

SEVERO, *contente:*

Bom!

EDUARDO

Recuso. *(A'parte:)* Se ella sabe que o meu senhorio é o Severo crava-lhe as esporas no figado.

LOLA

Recusas... porque?

EDUARDO

Porquê?... Mas vamos para o segundo andar.

LOLA

Não! has de dizer-me aqui mesmo. Andas a occultar-me um segredo. *(Ameaçadora:)* Ah! Eduardo, livra-te do meu ciume...! Olha que as mulheres da minha tempera são capazes de tudo.

SEVERO

Eu que o diga!

EDUARDO

Sim... mas vamos para o segundo andar.

LOLA

Não vou! Has de dizer porque não aceitas o meu offerecimento. *(Terna:)* Bem sabes que não te posso vêr triste. Que tens? dize...

SEVERO

Pouca vergonha! No seio da minha familia, no recesso do meu lar.

LOLA

Que queres que eu faça?

EDUARDO

Quero que vamos para o segundo andar.

LOLA

Pois vamos! *(Sahem de braço.)*

SCENA VI

SEVERO, *só, sahindo da esquerda:*

Que escandalo! Se eu estivesse em casa esganava-os, a ambos. E eu amo essa vibora que me despoja por amor d'esse boneco de engonço. Mas não ha duvida: vou arranjal-o, vou escrever-lhe uma carta tesa despedindo-o. Rua! que vá dançar nas profundas dos infernos! Nos meus olhos é que não atira mais caliça. Se não quizer attender-me como senhorio, falo-lhe como supplente. E ter ainda a ousadia de pedir a mão de minha filha e de chamar-me tiririca. Vai para a rua hoje mesmo. Vou escrever-lhe uma carta das minhas — tesa e decisiva. Nem mais um dia! Nem mais uma hora! Preciso do segundo andar. O'! que ideia! Preciso do segundo andar para o noivo de milha filha. Livro-me, ao mesmo tempo, de um máu inquilino e de um infamissimo genro. Que idéa! *(Entra á esquerda.)*

SCENA VII

BERNARDO, CANDIDO; depois ENGRACIA

Bernardo entra com uma sobrecasaca para prova, cujas mangas Candido traz ao braço, cuidadosamente dobradas; ambos em mangas de camisa. Espiam algum tempo á porta.

BERNARDO

Não está.

CANDIDO

Se não está é porque sahiu.

BERNARDO

Naturalmente. Mas... talvez esteja descançando. Elle costuma dormir á sésta.

CANDIDO

Então está na cama, e com elle deitado papai não póde provar a sobrecasaca.

BERNARDO

Que duvida! Olha: bate; ha de haver alguem em casa.

CANDIDO

Quer que eu bata? Como quer que eu bata?

BERNARDO

Batendo.

CANDIDO

Então vou bater. *(Sahe, fecha a porta do fundo e, de fóra, põe-se a bater desesperadamente.)*

ENGRACIA, *á direita:*

Ahi vou! estive procurando a chave da despensa. *(Entrando:)* Aqui está o vinho. *(Vendo Bernardo:)* Oh! *(Ouvindo bater á porta.)* Que é isto?

BERNARDO

E' esse bruto do Candido. *(Abrindo a porta violentamente:)* Estás doido, animal?!

CANDIDO

Pois o senhor não me disse que batesse? A gente, quando quer entrar em uma casa, é á porta que bate. Eu não havia de bater na mesa.

ENGRACIA

Mas onde está o homem?

BERNARDO

Que homem?

ENGRACIA

O homem lá de cima.

CANDIDO

O homem lá de cima?

ENGRACIA

Estava aqui, ha pouco.

CANDIDO

Então era aquella mulher que ia subindo a escada quando nós chegamos.

BERNARDO

Eu vim provar a sobrecasaca do senhor Severo.

ENGRACIA

Ah! sim... Quer um calice de vinho, senhor Bernardo? se o hei de deitar fóra...

BERNARDO

Ponho-o eu para dentro. *(Depois de beber, dando o resto ao filho:)* Bôa pinga!

ENGRACIA, *chamando:*

O' Severo! está aqui o sr. Bernardo.

SEVERO, *á esquerda:*

Já vou. Estou assignando.

CANDIDO

Papai tambem assignou.

BERNARDO

E' verdade, assignei para os orfãos.

CANDIDO

Para esses pobresinhos que nascem sem pai nem mãi. *(Severo entra.)*

SCENA VIII

Os mesmos e SEVERO

SEVERO, *fechando uma carta:*

Cá está. *(A'parte:)* E' uma das minhas. *(A Candido:)* O' pequeno, leva-me esta carta ao homem do segundo andar. Tem resposta.

CANDIDO

Tem resposta? *(Sahida falsa:)* A resposta vai aqui dentro?

SEVERO

Não, a resposta has de receber lá em cima.

CANDIDO

Então não tem.

SEVERO

Tem, homem; tem. Espera por ella. *(Candido sahe.)*

BERNARDO

Vamos, então, vêr a sobrecasaca.

ENGRACIA, *debruçada á mesa, consultando as cartas:*

Um homem e uma mulher. O relicario foi furtado por um homem ou por uma mulher... que está em vesperas de fazer uma viagem e em estado interessante. O homem! não, crédo! deve ser a mulher; esta carta está mal collocada. Ha um militar que persegue a mulher... Deve ser a policia. Outro homem com outra mulher... (que diabo!) filha d'um frade. Olhem a excommungada! e anda perseguida por uma mulher ruiva que protege os amores de um advogado com um hortelão. Ora bolas! Decididamente não entendo estas cartas. *(Guardando o baralho:)* Mas se eu encontro o gatuno... seja elle um gigante: estrangulo-o! Não, que eu não tenho sangue de barata, sinto os meus avós aqui dentro. Se o encontro... Ah! Gnimaio-kome, has de tremer no teu póte! *(Entra á direita.)*

SCENA IX

BERNARDO, SEVERO e CANDIDO, fóra

BERNARDO

D. Engracia está um pouco nervosa. *(Examinando a sobrecasaca no corpo de Severo:)* Está uma luva.

SEVERO

Grandissimo patife!

BERNARDO

Como?

SEVERO

Falo com os meus botões.

BERNARDO

Os botões ainda não estão pregados, mas isso é um instante.

SEVERO

Está magnifica. *(Outro tom:)* A Engracia já lhe mandou o recibo d'este mez?

BERNARDO

Sim, senhor... E aqui está a sobrecasaca — é justamente o aluguel: 150$000.

SEVERO

Perdão, mas eu resolvi augmentar 20$000...

BERNARDO

Tambem eu — a sobrecasaca custa 170$000.

SEVERO

Hein? 170$000!?

BERNARDO

Sim, senhor: com os botões... e as casas. As casas estão hoje por um desproposito. Vamos agora vêr as mangas. Onde estão ellas? O' Candido! Querem vêr que o diabo do rapaz levou as mangas no braço para o segundo andar? O' Candido! *(Fóra:)* O' Candido!

CANDIDO

Estou esperando a resposta.

BERNARDO

Que é das mangas da sobrecasaca?

CANDIDO

Estão aqui no meu braço.

BERNARDO

Dá-as cá.

CANDIDO

Não posso descer — estou esperando a res-

posta. O homem disse que está agora muito occupado... Estou esperando que elle se desoccupe.

BERNARDO

E as mangas?

CANDIDO

Estão aqui no meu braço.

BERNARDO

Mas eu preciso d'ellas, estou provando a sobrecasaca. *(Depois d'uma pausa:)* Não sei, um pequeno tão intelligente dá, ás vezes, para idiota que ninguem póde com elle. Eu vou lá acima num pulo. Com licença.

SCENA X

SEVERO, depois SERAFIM

SEVERO

O' homem, pois eu hei de ficar aqui neste estado? Ainda mais esta! *(Outro tom:)* Realmente, no seio da minha familia, no meu lar honrado uma scena d'aquellas... E eu? eu não estava em

casa, felizmente para elles. Andam agora lá por cima, no que é meu, estragando o soalho e desmoralisando um tecto exemplar.

SERAFIM, *apparecendo ao fundo :*

Ah! cá está elle...

SEVERO, *sem voltar-se :*

Anda d'ahi, homem; vem acabar a prova da sobrecasaca. *(Voltando-se:)* Ah! és tu, Serafim? *(Com ancia:)* Então trazes o mandado?

SERAFIM

Pois não. Mas francamente — eu acho que essa coisa não está bem feita.

SEVERO

Como não está bem feita? Como idéa é maravilhosa e está em termos.

SERAFIM

Sim, que está em termos sei eu; mas sua mulher... dizem que é um homem!

SEVERO

Um homem! minha mulher...? O' Serafim...!

SERAFIM

Quando eu digo — um homem, quero dizer que é uma mulher da pá virada.

SEVERO

Ah! isso é: descende dos botocudos das margens do Rio Dôce. Meu sogro comia gente como nós comemos rabanetes. Mas a Engracia não se dá a essas extravagancias. A's vezes, quando o instincto acorda, ferra-me dentadas, mas não passa d'isso. Zangando-se atira-se á gente com a maça do avô, mas não bate.

SERAFIM

Pois sim, mas eu não quero maçadas commigo.

SEVERO

Descança, homem; eu vou fazer a scena. Trazes os carregadores?

SERAFIM

Não, elles virão depois. Aqui está o mandado. *(Passa um papel a Severo.)* E' verdade — onde estão as mangas da sua sobrecasaca?

SEVERO

Sahiram, fôram ao segundo andar, não tardam. Eu vou fazer a scena. *(Examinando o mandado:)* Tu não mandaste copiar o mandado? é o mesmo que eu fiz.

SERAFIM

Acho que assim tem mais valor e o meu caixeiro escreve todas as palavras com letras dobradas de sorte que um documento que elle faz vale por dois e nós só tratamos uma sala de jantar.

SEVERO

Mas minha mulher vai reconhecer a letra. *(Resoluto:)* Ora!

SERAFIM

Cuidado!

SEVERO

Homem, não sejas poltrão: se eu te digo que ella só é perigosa com a maça do avô. *(Tomando a maça:)* Com isto. Desde que eu a esconda não haverá mais perigo. Sem a maça é uma pomba — conheço-a com ella e sem ella *(Esconde a maça*

atraz de um movel.) Espera-me aqui. Vou lá dentro fazer a scena.

SERAFIM

Cuidado! *(Severo entra á direita.)*

SCENA XI

SERAFIM, BERNARDO; depois SEVERO e ENGRACIA

SERAFIM

O negocio é vantajoso, mas é arriscado, isso é. Um falso mandado de penhora... Se me apanham o documento... Emfim... *(Examinando os moveis:)* As peças são excellentes e estão em perfeito estado.

BERNARDO, *entrando com as mangas:*

Prompto! *(Espantado:)* Que é do senhor Severo? *(A'parte:)* Palavra d'honra, não comprehendo esta casa. Aqui ha mysterio!

ENGRACIA, *dentro:*

Nunca! defendo os meus trastes com as armas

na mão — a minha casa é a minha óca. *(Precipita-se em scena procurando a maça.)* A maça! Eu estouro! *(A Bernardo:)* Que é da maça do meu avô?

BERNARDO

A maça! que maça? *(A' parte:)* Hom'essa!

SERAFIM, *á parte:*

Eu bem dizia...

SEVERO

Mas ouve, mulher, não queiras lutar com a justiça. Fui infeliz em negocios, precipitei-me... mas o dinheiro é como a onda; como vai, vem. Tem paciencia, terás outra sala de jantar mais rica.

ENGRACIA, *examinando o mandado:*

Mas esta letra é tua, Severo.

SEVERO

A letra...

ENGRACIA

E' tua, juro,

SEVERO

Sim, é minha; ou antes: é do supplente: foi como autoridade que lavrei esse mandado. Severo supplente executa o cidadão Severo. Lucullo janta em casa de Lucullo. Isto prova que eu sou um funccionario integro. No exercicio das minhas funcções não conheço parentes nem amigos... nem me conheço a mim mesmo.

ENGRACIA

E que é da maça? *(Vendo Serafim:)* E este senhor?

SERAFIM

Eu sou o representante da justiça, minha senhora... «*Ao leito de Procusto*», rua do Senhor dos Passos.

SEVERO, *baixo a Serafim:*

Estás doido!

ENGRACIA

O senhor é que vai levar a minha sala de jantar?

SERAFIM

Eu mesmo, minha senhora.

ENGRACIA

Homem sem entranhas!

SEVERO

Tem paciencia, minha velha.

BERNARDO, *á parte:*

Francamente, não percebo patavina.

ENGRACIA

Ah! Severo... Severo!

SEVERO, *baixo a Serafim:*

Então, que te dizia eu? sem a maça é uma pomba.

SERAFIM, *baixo:*

Posso, então, vir buscar a guarnição?

SEVERO, *baixo:*

Está visto. E eu passo por lá para receber o cobre.

SERAFIM

Pois sim. Até já.

SEVERO

E vivo, Serafim. Vivo e duro!

SERAFIM, *cumprimentando:*

Minha senhora... *(Sahe.)*

BERNARDO

Vamos ás mangas. Então o senhor vai desfazer-se da sala de jantar?

SEVERO

Sim, por causa dos bichos.

BERNARDO

Ah! não me fale em bichos. Não ha roupa que me chegue para os bichos, o senhor não imagina — levam-me tudo. Ainda hontem acabei um terno, pois o macaco abotoou-se com elle. E' uma desgraça!

ENGRACIA, *acabrunhada:*

Não temos mais onde comer. *(Suspirando:)* Minha pobre filha! vamos comer no chão liso, como os teus avós. Antes me tivessem deixado na minha taba. Lá, ao menos, eu não soffreria

golpes como este. É a maça! sem ella que será de mim?

BERNARDO

Muito bem... Vou agora pregar as mangas e casear. *(A'parte:)* Aqui ha coisa, oh! *(Alto:)* Lá pelas quatro horas cá estarei com a sobrecasaca. Vou provar um terno aqui na visinhança e volto para acabal-a. Até logo! *(A'parte:)* Aqui ha coisa... *(Fóra:)* O' Candido!

CANDIDO, *fóra:*

Estou esperando a resposta.

SEVERO, *á parte:*

Estou livre do peso. Uf! Que a Lola não se lembre agora de pedir-me outro vestido... para o patife do dançarino.

SCENA XII

SEVERO, ENGRACIA e THOMAZIA

THOMAZIA, *entrando pelo fundo com um cesto de compras e uma carta; aborrecida:*

Não sei para que ha policia nesta cidade, a gente não póde andar na rua com esses homens

sem vergonha—um péga, outro puxa; é um desespero. *(A Severo:)* Olhe uma carta para o senhor que estava lá em baixo, no alfaiate.

Vai conversar com Engracia. Severo lê a carta demonstrando viva indignação.

SEVERO

Que te dizia eu, Engracia? Bem me parecia que aqui pela visinhança havia marosca.

ENGRACIA

Que ha?

SEVERO

Uma casa de dar fortuna, de um tal Ambrosio. *(Movimento de Thomazia.)* Está aqui a denuncia. Vou hoje mesmo dar cabo do antro, é só o tempo de requisitar uma força. E hoje o dia é excellente porque ha lá cerimonia. *(Lendo:)* «...Lá encontrará o senhor, além dos negros brancos...

ENGRACIA

Negros brancos!

SEVERO, *corrigindo:*

Não, broncos, broncos e supersticiosos, que se

entregam á feitiçaria, representantes do nosso *high-life*, damas e cavalheiros do nosso escól.» *(Decidido:)* Vai tudo! Não faço distincção. Não ha escól, não ha nada. Sucia! Vou requisitar a força. *(Entra á direita).*

SCENA XIII

ENGRACIA e THOMAZIA

THOMAZIA, *prostrando-se de joelhos:*

Ah! minh'ama, pelo bem que vosmecê quer á sinhasinha! pelo defunto dono d'aquellas coisas... *(Mostra o tropheu indigena)* Não deixe! Meu amo vai desgraçar um homem que é o amparo de muita gente. Vosmecê não imagina como elle é bom.

ENGRACIA

Quem?

THOMAZIA

Pai Ambrosio.

ENGRACIA

Quem é pai Ambrosio?

THOMAZIA

E' o santo.

ENGRACIA

Que santo?

THOMAZIA

O pai de quimbande. Vosmecê não imagina como elle é bom, são os invejosos que andam em cima d'elle. Se eu soubesse que aquella carta era uma denuncia... *(Lamentando-se:)* Não deixe meu amo ir lá, pai Ambrosio não faz mal a ninguem. *(Com mysterio:)* Eu mesma já quiz falar á minh'ama para que se entendesse com elle por causa do relicario. *(Movimento de Engracia:)* Pai Ambrosio descobre o ladrão, minh'ama, por Deus do ceu! Pai Ambrosio descobre! Elle tem descoberto outras coisas mais atrapalhadas.

ENGRACIA

Quem?

THOMAZIA

Pai Ambrosio. Elle descobre, minh'ama.

ENGRACIA, *com interesse:*

Achas?

THOMAZIA

Juro!

ENGRACIA

E onde móra elle?

THOMAZIA

Aqui pertinho: no numero 27.

ENGRACIA

E qualquer pessôa póde ir lá?

THOMAZIA

Como não? A entrada é por uma quitanda; pai Ambrosio móra nos fundos. Vosmecê fala com uma tia chamada Vicencia, uma gorda, que tem umas verrugas no nariz, diz que vai da minha parte e entra. *(Convicta:)* Pai Ambrosio descobre o ladrão do relicario, minh'ama. Mas não deixe meu amo fazer mal a papai.

ENGRACIA

Homem, estou quasi indo até lá...

THOMAZIA

Vá, minh'ama; vá!

ENGRACIA

Mas eu não quero que meu marido saiba.

THOMAZIA

Fale primeiro, senão elle vai lá com a policia.

ENGRACIA

Falo, descança.

THOMAZIA

Que será da gente se pai Ambrosio fôr preso!...

ENGRACIA

Eu falo, já disse. *(Outro tom:)* Se é aqui perto eu posso ir assim mesmo.

THOMAZIA

Póde ir, que é que tem?

ENGRACIA

Ponho um chale... E' numero 27?

THOMAZIA

27... Minh'ama não sabe onde é a quitanda? pois é ahi.

ENGRACIA, *resolvida :*

Pois vou...

THOMAZIA

E minh'ama não se ha de arrepender. *(Caminhando para a direita:)* Pai Ambrosio preso... Nossa Senhora! era até capaz de acontecer uma desgraça. *(Entra.)*

ENGRACIA, *só :*

Vou mesmo. Sempre ouvi dizer que esses negros fazem maravilhas. Já prometti a Santo Antonio um rôr de coisas e Santo Antonio, nada! Vou vêr se sou mais feliz com o negro. Que tem? Ora! vai lá tanta gente boa... *(Severo entra de sobrecasaca e cartola.)* Olha, tu hoje não pódes ir á casa do feiticeiro.

SCENA XIV

SEVERO e ENGRACIA

SEVERO

Não posso! porque?

ENGRACIA

Porque hoje é um dia que eu respeito muito: é o anniversario da morte de meu tio, que foi comido pelos mundurucús.

SEVERO

Como?!

ENGRACIA

E' verdade.

SEVERO

Pois irei amanhan. *(Deixa uma carta sobre o aparador.)*

ENGRACIA

Promettes?

SEVERO

O' filha... *(A'parte:)* Como está mansa! nem parece a mesma. Estou quasi aproveitando a maré para mostrar um pouco de energia. O diabo é que ella póde dar com a maça.

ENGRACIA

Então respeitas o dia de hoje?

SEVERO

Já disse que sim.

ENGRACIA

E eu vou ali á igreja levar uma vela e resar por alma do finado. *(Entra á esquerda.)*

SCENA XV

SEVERO, *só:*

E se eu fosse, como simples cidadão, á casa d'esse negro...? Ha tantos mysterios na vida... Deixem lá! que ha alguma coisa, isso ha, oh! se ha...! Dizem que esses sujeitos têm mandinga para tudo. Se elle conseguisse fazer com que Lola esquecesse o dançarino... Quem sabe?! não custa, depois ninguem saberá que eu lá fui. Se me não reconhecerem ficarei como simples cidadão, se me reconhecerem direi que vou a serviço e a imprensa elogiará a minha astucia. Se o negro conseguir realisar o meu desejo protejo-o, senão...: arraso-o! arraso tudo! Homem, vou mesmo. Vão damas e cavalheiros do nosso escól, que diabo! E' aqui perto, numero 27. Ora! é uma experiencia. O diabo é que o Serafim póde

vir buscar a sala de jantar... sim, mas a Engracia está prevenida e sem a maça. Póde muito bem ser que o negro faça o milagre. *(Apaixonado:)* Ah! Lola... até onde me levas. *(Sahe pelo fundo.)*

SCENA XVI

ENGRACIA e CARMEN

Engracia, de chale, entra pela direita seguida de Carmen.

CARMEN

Mas mamãi vai sahir?

ENGRACIA

Vou aqui perto.

CARMEN

A' casa de quem?

ENGRACIA

De uma viuva.

CARMEN

Que viuva?

ENGRACIA

Uma que perdeu o marido.

CARMEN

Mas ponha a capota, mamãi.

ENGRACIA

Qual capóta! Tenho lá hoje cabeça para capóta! Estou aqui que só Deus sabe. E' brincadeira! a nossa sala de jantar. *(Outro tom:)* Fica com a Thomazia. E vê lá, hein...! Toma sentido!

CARMEN

Parece que a senhora não tem confiança em mim.

ENGRACIA

Hoje falaste em morte e em coisas... Mata-te, mata-te que depois has de torcer a orelha. O mundo fica ahi, tolos são os que se amofinam.

CARMEN

Eu vou lá matar-me, mamãi. Disse aquillo por dizer. Vá descançada.

ENGRACIA

Então até já. Fica com Thomazia.

CARMEN

Sim, senhora. *(Engracia sahe pelo fundo.)*

ENGRACIA, *fóra :*

E se vier o tal official de justiça deixa ir a sala. Que a leve! Mais tem Deus para dar do que o diabo para tirar.

SCENA XVII

CARMEN, depois THOMAZIA

CARMEN

Que birra de papai! Só porque o moço deve uma miseria de alugueis! Francamente, por tal ninharia, cortar a felicidade de uma filha chega a ser crueldade. Mas quer elle queira, quer não eu hei de ser a esposa de Eduardo. *(Com enlevo:)* Casada com elle, dançando uma valsa infindavel da manhan á noite, aquella! *(Cantarola fazendo voltas de valsa.)* Que ventura! Papai tóca violão, Eduardo dança. Que melhor? *(Chega-se ao apa-*

rador e vê a carta:) Será d'elle?! Elle costuma atirar as cartas por baixo da porta, talvez tenham apanhado. *(Abre a carta e põe-se a ler. Thomazia apparece á esquerda com um frango depennado na mão e ouve a leitura com horror crescente.)* «Amigo e senhor doutor. Acabo de receber denuncia contra um tal Ambrosio, feiticeiro, que reside na minha visinhança. Sei que no seu antro reunem-se vagabundos e gente da nossa melhor sociedade e, como as reclamações succedem-se, vou hoje cercar a casa do tal patife...» E' de papai.

THOMAZIA, *atirando-se de joelhos :*

Ah! sinhásinha!...

CARMEN, *com um grito :*

Ah! *(Voltando-se:)* Que é, Thomazia? Que susto!

THOMAZIA

Vosmecê é capaz de ficar um instantinho só emquanto eu vou ali á quitanda?

CARMEN

Fico. Mas que tens?

THOMAZIA

Eu? Estou com umas ancias... *(A'parte:)* Coitado de pai Ambrosio! Mas eu vou avisal-o. *(Alto:)* Vosmecê fica, sinhasinha?

CARMEN

Fico, já disse.

THOMAZIA

Então eu vou num pulo.

CARMEN

Pois vai.

THOMAZIA, *á parte:*

Coitado de pai Ambrosio! E minh'ama que fingiu que ia lá. *(Alto:)* Então vosmecê fica, sinhasinha?

CARMEN

Fico, rapariga. *(A'parte:)* Que terá ella?

THOMAZIA

Eu vou num pulo. *(Sahe pelo fundo.)*

SCENA XVIII

CARMEN, EDUARDO; depois SERAFIM e carregadores

CARMEN

Esta rapariga não anda certa da cabeça. *(Outro tom:)* Vou vêr se Eduardo está no terraço.

EDUARDO, *ao fundo, chamando:*

Dona Eufrasia! O' senhora dona Eufrasia! *(Entra:)* Não está. E o meu vinho? *(Furioso:)* Que mulher, essa Lola! Felizmente despachei-a. Ah! estou farto. Deu agora para bruxarias que é um horror! Enche-me os bolsos de breves, de buzios, de figas; põe coisas nas minhas gavetas, e deixou-me debaixo da cama um sapo d'este tamanho, com a boca cosida. *(Terno:)* O meu amor está aqui, esta é a «dimora casta e pura.» *(Outro tom:)* E aquelle estafermo do filho do alfaiate lá a dormir, na escada. *(Carmen entra.)* Pedaço d'animal!

CARMEN, *sem vêr Eduardo:*

Sahiu, com certeza. Fartei-me de o chamar.

EDUARDO, *vendo-a:*

Carmen!

CARMEN

Eduardo! *(Abraçam-se.)*

EDUARDO

Ah! meu amor, que ventura a minha. Então, que diz teu pai?

CARMEN

Insiste na recusa.

EDUARDO

Ingrato! *(A'parte:)* Cavalgadura! *(Alto:)* E tua mãi?

CARMEN

Essa está por tudo.

EDUARDO

Santa senhora! E tu?

CARMEN

Bem sabes que o meu ideal é viver comtigo, dançando uma valsa interminavel.

EDUARDO

Sim, a valsa delirante do amor. *(Toma-a pela cinta e dançam:)* Assim!

Rumor fóra.

CARMEN, *assustada :*

Ahi vem papai.

EDUARDO

O' diabo! *(A'parte:)* Tres mezes e a filha...

CARMEN

Esconde-te!

EDUARDO

Onde? Naquelle quarto. *(Vai para a esquerda.)*

CARMEN

Não! ahi é o escriptorio d'elle. *(Abrindo o armario:)* Aqui, entra aqui; elle não se demora. Eu levo-o lá para dentro e tu foges.

EDUARDO

Boa ideia! *(A' beira do armario, áparte:)* Tresanda a queijo! *(De dentro do armario:)*

Uma valsa interminavel. *(Atira um beijo á Carmen que fecha o armario.)*

SERAFIM, *apparecendo ao fundo com os carregadores :*

Com licença, minha senhora. Eu sou o representante da justiça.

CARMEN, *á parte :*

E' o homem da penhora, meu Deus! *(Alto:)* O senhor vem buscar os trastes?

SERAFIM

Sim, minha senhora.

CARMEN, *á parte :*

Estou perdida!

SERAFIM

E como tenho muita pressa...

CARMEN

Um instante. Eu quero tirar uma terrina que está naquelle armario.

SERAFIM

Pois não, minha senhora. A justiça não vai até á terrina.

CARMEN

Mas é preciso que o senhor saia um pouco.

SERAFIM

Para a senhora tirar a terrina?

CARMEN

Sim, senhor.

SERAFIM

Então é uma terrina...

CARMEN, *diante do armario :*

E' sim, senhor.

SERAFIM

Mas que tem que eu veja uma terrina? tenho visto tantas...

CARMEN

Mas esta eu não tiro diante de ninguem, porque é uma terrina de muita estimação.

SERAFIM, *á parte :*

Faço idéa. *(Alto:)* Pois tire a terrina á vontade, minha senhóra. *(Sahindo:)* Eu espero no corredor.

Fica á porta espreitando. Carmen abre o armario: Eduardo, coberto de farinha de trigo, salta para a direita. Pasmo comico de Serafim.

EDUARDO

Sentei-me numa cesta d'ovos. Estou fresco! *(Entra á direita.)*

CARMEN

Póde entrar.

SERAFIM, *entrando :*

Já tirou a terrina?

CARMEN

Já sim, senhor.

SERAFIM, *aos carregadores :*

Entrem, rapazes. *(Os carregadores entram. Serafim abre o armario e, vendo o chapeu de Eduardo, toma-o delicadamente e entrega-o á Carmen:)* A tampa da terrina, minha senhora.

Panno

ACTO SEGUNDO

Casa de Pai Ambrosio. A scena é dividida em duas partes: sala á direita, cubiculo á esquerda. No cubiculo, ao fundo, sob a janella, uma commoda com uma salva para dinheiro e varias bugigangas; á esquerda, grosseiro altar do *orisá,* idolo disforme, entre flores e oblações, illuminado por uma lamparina. Porta á direita communicando com a sala. Na sala — porta ao fundo e á direita; compridos bancos de pinho.

SCENA PRIMEIRA

SIMÃO, VENTURA, CLEMENTINA, BASILIA, HONORIA, FIDELIS e crentes de ambos os sexos

Sentados nos bancos, procurando esconder o rosto, os crentes esperam que lhes chegue a vez da consulta. De quando em quando entra um pelo fundo cauteloso, procura um lugar vago, senta-se evitando os olhares dos visinhos. Sahem da direita os que terminaram a consulta e Fidelis apparece acenando a outro que immediatamente acode. Um velho de grandes barbas brancas pigarreia constantemente; uma senhora gorda espirra; a dama de amarello suspira e a moça de vermelho tosse. Simão passeia ancioso, fumando.

Simão

Se me não engano aquelle que ali está, de oculos verdes, é o commendador Pancracio. Conheço-o pelo papo. Não ha papo igual no Rio de Janeiro, nem mesmo na Papuasia. Que virá elle aqui buscar? virá por causa do papo? talvez. Consta-me que anda a fazer a côrte a uma menina de quinze annos. Uhm! está a procurar mais excrescencias; o papo não lhe chega. Ah! mulheres... E eu? tenho gasto rios de dinheiro em aguas e bugigangas e Malvina arredonda-se. O vestido começa a encurtar na frente, o que é de mau agouro. Quando os pés apparecem é que a coisa está mesmo muito á vista. Mas onde tinha eu a cabeça, não me dirão? O tal frango preto, nada; as lagartixas com melão de S. Caetano, nada; as aranhas embrulhadas em cabellos, tambem nada. E o diabo do Fidelis que não me chama. *(Sahe um homem da direita; Fidelis acena ao homem do papo, que se precipita.)* E hoje ha concorrencia, ha mesmo toilettes de gosto. Aquella que ali está por exemplo, parece vestir uma grande dama. Ah! que ellas não desdenham pai Ambrosio, isso não. Já aqui encontrei a baroneza do Furo e a mulher de banqueiro Simas. Aquella que ali está cheira-me a Laranjeiras. *(Vai ao fundo com o*

monoculo encravado no olho e põe-se a examinar impertinentemente as senhoras.)

CLEMENTINA, *á Basilia :*

A senhora vem por molestia?

BASILIA, *respirando :*

Infelizmente! O figado de minha filha tem crescido tanto que ella já nem póde apertar o collete.

CLEMENTINA

Ella é casada?

BASILIA

Solteira.

CLEMENTINA

Mas será mesmo o figado?

HONORIA, *chorando :*

E' sim, senhora. Pois que ha de ser? Eu, então, não posso ter figado? uma coisa que todo o mundo tem...

BASILIA

A senhora não perguntou por mal, Honoria. Você tambem...

CLEMENTINA

Não foi por mal. *(A'parte:)* Pois sim... *(Alto:)* E' que podia ser uma inflammação do estomago. Quando a gente abusa de coisas indigestas...

HONORIA

Eu não abusei de nada. Isto é figado.

BASILIA, *baixo:*

Pois sim, mas acaba com a choradeira. Já estão olhando para cá. *(A' Clementina:)* E a senhora?

Fidelis introduz outro crente. O que sahe da direita entra no cubiculo, fica algum tempo em oração diante do orisá, deixa varias moedas na salva e sahe. Este movimento é repetido por todos.

CLEMENTINA

Ah! minha senhora, eu venho aqui por causa do meu marido. O pobre homem está que é um horror! E' um beber que não tem conta. Não era

assim, foi coisa que lhe fizeram por inveja. Elle até não supportava o cheiro do vinho; pois agora é um desespero: bebe tudo e, quando perde a cabeça, procura a minha com a mão fechada. Felizmente está melhorando.

BASILIA

Com os remedios d'aqui?

CLEMENTINA

E' verdade: já não bebe agua-ardente, agora é cerveja. Sempre é uma bebida mais branda, de sorte que elle não me bate tanto.

BASILIA

Elle bate na senhora?

CLEMENTINA

Quando perde o equilibrio cahe em cima de mim, com um páu d'esta grossura.

BASILIA

Que horror!

CLEMENTINA

E' a primeira vez que vem aqui?

BASILIA

E' sim, senhora.

CLEMENTINA, *com os olhos em alvo :*

Ah! vai vêr um santo! *(Fidelis introduz outro crente.)*

BASILIA

Dizem que sim.

CLEMENTINA

Faz prodigios! *(Baixo:)* Está vendo aquella moça de amarello?

BASILIA

Aquella magricella?

CLEMENTINA

Era uma pipa, minha senhora. Não passava naquella porta. Só viajava em bonde de carga. Veja como está.

BASILIA

Parece tisica.

CLEMENTINA

Vem aqui para emmagrecer.

BASILIA

Ainda? *(Ventura entra pelo fundo, desconfiado.)*

CLEMENTINA

Não, ella vem agora para engordar. Como tomou remedios muito fortes...

Fidelis apparece á direita e acena á Basilia que puxa Honoria ainda soluçante.

BASILIA

Com licença.

CLEMENTINA

Tem toda. *(Basilia e Honoria entram á direita.)*

SIMÃO, *descendo :*

Não consegui vêr-lhe o rosto, mas tem um lindo pé e mãos de rainha.

VENTURA, *a Simão :*

O senhor póde dizer-me a que horas o pai recebe?

SIMÃO

Aqui é por ordem e hoje ha tamina, como vê.

VENTURA

E' que eu tenho ainda um negocio urgente na cidade.

SIMÃO

Tambem eu. *(Gritos. A dama de verde cahe com um ataque. Entram dois negros e carregam-na para a direita.)* Ainda mais esta!

VENTURA

Um ataque hysthérico.

SIMÃO

Qual ataque! Isto é um meio de que ellas se servem para ser introduzidas.

VENTURA

Ahn! *(Outro tom:)* Mas realmente isto aqui impressiona — é tudo: o aspecto, o cheiro... Eu mesmo, que não sou dos mais nervosos, fiquei com um nó na garganta quando entrei. Impressiona...

SIMÃO

No primeiro dia. Eu, por exemplo, estou tão

affeito a estas coisas que não sinto a menor emoção. Pego num sapo como o senhor pega no seu cavaignac. Questão de habito.

Basilia e Honoria sahem da direita. Fidelis acena á Clementina.

VENTURA

É... tem lucrado?

SIMÃO

Homem, eu lhe digo: nem por isso. Acho que não ha remedio para o meu caso.

VENTURA

E então?

SIMÃO

Então! ou caso ou vou para a cadeia; a prisão é inevitavel.

VENTURA

Justamente como eu.

SIMÃO

Já apparecem os pés?

VENTURA

Que pés? não ha pés. Metti-me em um negocio e dei com os burros nagua.

SIMÃO

Que negocio?

VENTURA, *discretamente*:

O senhor parece-me um homem de bem; eu vou abrir-me. Um negocio patriotico, meu amigo, de salvação publica. O senhor lê todos os dias nos jornaes que não ha dinheiro...

SIMÃO

Sei d'isso, mesmo sem ler os jornaes.

VENTURA

...que a divida do paiz cresce assombrosamente, como um aboboral. Eu não conheço coisa que cresça mais depressa...

SIMÃO

Conheço eu.

VENTURA

...que, em breve, o pavilhão inglez tremulará

na alfandega... e o diabo, não é verdade? Que fiz eu? como bom brasileiro que sou — nasci na rua da Uruguayana, quando ainda se chamava da Valla...

SIMÃO

Perdeu o nome, mas conservou os attributos.

VENTURA

...mandei vir um apparelho aperfeiçoado, contractei dois homens e, numa casinha do Engenho Novo, puz-me a fazer dinheiro. Ora, vai o senhor vêr o procedimento ingrato da policia. Tinha eu posto em circulação dois contos de reis em magnificas cedulas de duzentos — um primor! valiam trezentos — quando cahiram em cima de mim. Levaram o apparelho, os homens, cento e tantos contos e andam á minha procura. *(Furioso:)* Isto é paiz?! Eu estava disposto a pagar a divida da Republica... e pagava! Pois ahi tem... Isto não é paiz! Eu, palavra d'honra, livrando-me d'esta, naturaliso-me. E digam depois que não tenho patriotismo. Ingratos! Um homem estafa-se e pagam-lhe com a cadeia.

SIMÃO

Realmente... *(A'parte:)* Que tal, o patriota?!

VENTURA

Venho aqui entender-me com o pai; se elle livrar-me da policia dou-lhe uma fortuna.

SIMÃO

Nas taes notas de salvação publica?

VENTURA

Então? são novas. Dizem que elle tem uma oração que torna a gente invisivel. Eu, com essa oração no pescoço, viro este paiz, meu amigo.

SIMÃO

Acredito. Póde mesmo virar o mundo.

VENTURA

E viro!

Fidelis acena a Simão. Clementina e a dama de verde sahem da direita.

SIMÃO

Com licença.

VENTURA

E' a sua vez?

A dama de verde beija o orisá, no cubiculo. Amaro e Valerio apparecem ao fundo.

SCENA II

AMARO, VALERIO, VENTURA, LOLA; depois SIMÃO

AMARO, *conduzindo Valerio pelo braço ; inclinando-se-lhe ao ouvido aos berros :*

E' aqui. Nós esperamos aqui a nossa vez. (*Aceno affirmativo de Valerio; movimento de todos.*) Vê? Eu não lhe disse? (*Valerio fala baixinho a Amaro.*) São pessôas que vem consultar pai Ambrosio. (*Movimento de Valerio.*) E' sim, senhor. E isto ainda é pouco. A's vezes ha tanta gente aqui que a gente, para andar, tem que andar pedindo licença, como na rua do Ouvidor em dias de carnaval. (*Movimento de Valerio.*) Aquella moça? parece muito, mas D. Sophia é mais barriguda. (*Riem. Movimento de Valerio.*) Póde; aqui fuma-se. (*Valerio accende um charuto. Sentam-se os dois.*)

LOLA, *entra pelo fundo tempestuosamente, abanando-se com um grande leque :*

Eu rebento! Rebento, mas vingo-me; uma vingança d'estrondo! Não, que eu não sou mulher para supportar ultrages. Commigo está enganado. Upa! Commigo, não!

VENTURA, *á parte:*

E' d'espavento!

LOLA, *a Valerio :*

Chegue-se para lá! Não ouve?

AMARO

Não, senhora: elle é mais de metade surdo, ouve só do lado direito, muito pouco. *(Falando ao ouvido de Valerio:)* Chegue-se um pouco para cá para dar lugar a esta senhora. *(Lola senta-se.)*

LOLA, *abanando-se com frenesi :*

Despedir-me como se eu fosse uma negra! Quem sabe? depois de tantos sacrificios que por elle fiz. Oh! *(Levanta-se.)* Nem tanto, meu amigo. *(Valerio senta-se á vontade.)* Vai vêr! Eu, quando amo, amo...! tambem quando odeio... *(Range os dentes)* sou uma féra! *(A Valerio:)* Homem, chegue-se para lá! *(Valerio conserva-se immovel, fumando.)* Chegue-se para lá, homem!

AMARO, *a Valerio :*

A senhora quer sentar-se; chegue-se para cá. *(Valerio chega-se. A Lola:)* Prompto!

LOLA, *abanando-se :*

Não atire fumaça para o meu lado, homem.

Valerio põe-se a espirrar. Amaro obriga-o a levantar-se.

AMARO

Vamos sahir d'aqui. Esta senhora está fazendo tanto vento que o senhor póde constipar-se.

LOLA

Não seja tolo. Veja lá se quer engraçar-se commigo.

VENTURA, *á parte :*

Tem cabellinho na venta. E' das que eu gosto.

Simão sahe da direita e entra no cubiculo. Fidelis acena a Ventura.

AMARO

Perdão, minha senhora, elle é surdo. Se a senhora quer brigar com elle brigue commigo primeiro.

LOLA

Não seja tolo!

AMARO, *a Valerio :*

Ella está dizendo que o senhor não seja tolo. *(Movimento de Valerio.)*

LOLA, *levantando-se :*

Idiota!

AMARO, *a Valerio :*

Idiota. E' ella que está dizendo.

LOLA

Se eu admitto que um homem tenha a ousadia de dizer-me: «Não me aborreça!» Elle vai vêr! *(A Valerio:)* Chegue-se para lá! *(Movimento de Valerio:)* Ainda está com a chaminé na boca? Pois fume até rebentar. *(Levanta-se.)*

AMARO, *a Valerio*

Póde ficar á vontade; ella não quer mais.

LOLA

A minha vingança vai ser cruel! *(Simão sahe do cubiculo.)*

SIMÃO

Outra garrafa d'agua e uma cobrinha secca para ella trazer ao pescoço.

LOLA

Ha de arrepender-se. Era tudo quanto queria, tudo! nunca lhe disse — não! resignando-me a todos os seus caprichos, para que? para ouvir uma grosseria: «Não me aborreça...» Paga-me! O'! se me paga!

Ventura sahe da direita e entra no cubiculo.

VENTURA

Mas onde, diabo, está esse santo? Não vejo aqui coisa que se pareça com santo. Emfim, eu vou pedindo — se elle está aqui e, se não é surdo como esse velhote, ha de ouvir-me. *(Ajoelha-se.)*

LOLA

Estou muito desconfiada de certa sujeitinha que móra á rua do Lavradio. Se descubro...

Ventura sahe do cubiculo e, passando junto de Lola, dirige-lhe uma graça. Lola repelle-o com o leque.

LOLA

Não seja tolo! Veja lá com quem se mette, seu não sei que. Olhe que eu não sou quem você pensa. Commigo mais respeito, ouviu?

VENTURA

Perdão, minha senhora; não foi por querer. *(A'parte:)* Agora é que são ellas para sahir. Se o carro não está á porta... O pai deu-me grandes esperanças. Emfim... *(Sahe pelo fundo e esbarra em Bernardo.)*

SCENA III

AMARO, VALERIO, BERNARDO, LOLA; depois FIDELIS

BERNARDO, *entrando :*

Felizmente ha pouca gente. Ainda haverá alguem lá dentro?

AMARO, *a Valerio :*

Vamos. *(Entra á direita conduzindo Valerio:)* E' preciso beijar o pé de papai.

BERNARDO

Tudo! Hoje as calças, as calças que fiz para o capitão Cunegundes. Cunegundes, não, Triptolemo, capitão Triptolemo... fôram-se no jacaré. Eu já não posso mais. E o engraçado é que sempre dá o bicho em que joguei na vespera. Hontem, por exemplo, deu o elephante e eu tinha: vinte no macaco, pelo antigo; dez no avestruz, pelo salteado e cinco na vacca, pelo Rio. Trinta e cinco bódes. Não posso mais! não ha roupa que chegue. Diz minha mulher que é castigo porque Deus não gosta de jogadores; mas eu não jogo por vicio, jogo para recuperar o que perdi. Se eu ganhasse sempre deixava de jogar.

LOLA, *impaciente :*

Isso não acabará hoje!

BERNARDO

Elle está com gente.

LOLA

Não lhe perguntei quantos annos tem.

BERNARDO, *á parte:*

E' atrevidaça, mas tem um palminho de cara d'appetite. Não se me dava pôr fóra uns dois ternos, até de casaca. Com o par de calças que fiz para o capitão outro gallo me havia de cantar, mas estão nas pernas do jacaré. Eu estou nú, nú e coberto de dividas: devo os cabellos da cabeça. Os bichos têm-me comido por uma perna. Ah! mas quando eu der o tiro!

Amaro e Valerio sahem da direita.

FIDELIS, *á direita:*

E' só vamecês qui tá hi, antonci é mió entrá turu dôs.

LOLA, *á parte:*

Vai pagar-me com lingua de palmo! *(Entra á direita.)*

BERNARDO, *á parte:*

Só quero vêr em que bicho me manda elle fazer jogo. *(Entra á direita.)*

AMARO, *no cubiculo, a Valerio:*

Ajoelhe-se e peça ao santo que lhe dê ouvidos.

(Movimento de Valerio.) Faça uma promessa; prometta uns cobres; este santo não gosta de cera, gosta mais de dinheiro. *(Valerio ajoelha-se e reza.)* Chega. *(Valerio levanta-se.)* Agora deixe uns cobres na salva para a comida do santo. *(Movimento de Valerio.)* Come, come e bebe. Eu, quando vim aqui por causa d'aquella historia na canella, trouxe um frango assado e um garrafão de vinho. No dia seguinte, do frango nem ossos havia e do vinho só encontrei um moleque bebedo no fundo do quintal. *(Valerio deixa o dinheiro na salva.)* Já está ouvindo melhor? *(Olhar idiota de Valerio; mais forte:)* Já está ouvindo melhor? *(Signal affirmativo de Valerio.)* E' assim.

Sahem do cubiculo e retiram-se pelo fundo.

SCENA IV

SEVERO e FIDELIS

SEVERO, *entra pelo fundo, muito escabriado! A' parte:*

E' aqui o antro. Ah! Lola... *(A Fidelis:)* E' necessario que não me vejam, comprehendes? ninguem, só o papai. Eu sou um homem muito co-

nhecido; *(Com mysterio:)* professor jubilado de linguas mortas.

FIDELIS

Sente muito di minha parte, meu branco.

SEVERO

Sentes muito! que é que sentes muito...?

FIDELIS

Difunto dè vamcê...

SEVERO

As linguas...? Sim, obrigado... *(Outro tom:)* Mas vê lá como arranjas isso.

FIDELIS

Não ha novidade. Vamcê ispéra aqui um instantinho emquanto eu vou lá deñtro, num pulo, módi vê quem tá.

SEVERO

Pois sim; mas não demores.

FIDELIS

E' um instantinho. *(Entra á direita.)*

SCENA V

SEVERO, só; depois FIDELIS

Se me reconhecem, estou frito. Preciso proceder com cautela. *(Outro tom:)* Ora vamos lá vêr isso. Dizem que o negro faz o diabo, até eleições. Eu não venho pedir impossiveis, porque, francamente, o coração de Lola não é uma muralha da China. Nunca vi coração tão desordenado. Não é coração: é um bond levado pela Loucura, tendo por cocheiro o Capricho e por conductor a Vaidade. O fiscal é o Ciume. Ha gente até na tolda. Os passageiros embarcam, fazem a viagem, pagam... e lá vai o bond. Sahem uns, entram outros. Eu sou como esses cães que acompanham os bonds porque nelles viajam os seus donos — estafado, com a lingua de fóra, lá vou. Se o bond pára, ponho as patas no estribo e fico olhando. A's vézes é cada pontapé!... Mas aquelles olhos! aquelles pharóes do bond... Francamente, não sei mais que hei de fazer para ficar, ao menos, na plata-forma. O diabo do dançarino tem passe e, ainda por cima, pisa-me o rabo.

FIDELIS, *á direita :*

Bamo, sinho. Zêri vem ahi i vai rezá p'r'u

orisá. 'Scondi, sinhô; 'scondi ditraz di curtina. *(Severo esconde-se precipitadamente atraz da cortina.)* Ninguem vê vamcê.

SCENA VI

LOLA, BERNARDO; depois VENTURA

Lola, sahindo da direita, atravessa a scena gesticulando desesperada; momentos depois Bernardo apparece risonho, entram ambos no cubiculo. Fidelis vai buscar Severo e desapparece com elle á direita.

BERNARDO, *no culiculo, á parte :*

No jacaré, que eu jogue no jacaré, mas comprando com uma nota que tenha vindo das mãos de um padre. Isto é difficil. Quanto a jogar no jacaré... já lhe atirei em cima as calças do capitão.

VENTURA, *descendo :*

Pois não é que o estupido cocheiro teve a infeliz idéa de ir mudar a parelha...? E eu aqui. Estou empanturrado de bananas. Estive comendo bananas e conversando com a quitandeira que aqui faz o mesmo que fazem os pianistas nas ba-

totas. Mas é uma negra intelligente e devia ter sido bem bonita no seu tempo. Fôram-se todos, está terminada a sessão e eu aqui como um remanescente. Ficar na quitanda não convinha — entra gente, sahe gente e os galfarros procuram-me com ancia. Estou arranjado, não ha duvida.

LOLA, *no cubiculo, a Bernardo :*

Chegue-se mais para lá, não me atrapalhe. Estou rezando e o senhor a resmungar, a coçar-se.

BERNARDO

Eu tambem estou rezando.

LOLA

Pois reze mais baixo.

BERNARDO

E' que o santo póde não ouvir. *(Outro tom:)* Mas a senhora não está sentindo?

LOLA

O que?

BERNARDO

Pulgas. Virão ellas tambem pedir alguma coisa?

VENTURA, *prestando attenção :*

Parece que ha gente aqui dentro. *(Outro tom:)* E eu aqui! O cocheiro é capaz de não voltar. A pé não saio, nem que me rachem.

BERNARDO

Agora foi a senhora que se chegou para mim; eu estava quieto.

LOLA, *com desprezo :*

Ora, meu amigo... conheça-se!

BERNARDO

Pois sim, mas eu estava quieto.

LOLA

Pateta!

SCENA VII

Os mesmos, SEVERO e FIDELIS

FIDELIS, *á direita, a Severo :*

Aóra vamcê vai rezá ali dentro diante di orisá.

SEVERO

Orisá! Quem é orisá?

FIDELIS

E' u santu.

SEVERO

Ahn... *(A'parte:)* O preto é um negrão! Que beiçaria! e coberto de pennas como um gallo. Prometteu fazer com que Lola venha, de rastos, pedir-me perdão. Será minha escrava, disse elle.

FIDELIS

Vamcê pódi i.

VENTURA, *á parte :*

Quem será este sujeito?! Esconde a cara... Que terá elle?

SEVERO, *á parte :*

Parece que este typo está me reconhecendo. *(Esconde mais o rosto com o lenço e entra no cubiculo. Estacando; á parte:)* Duas pessôas; um homem e uma mulher. Deve ser um casal. *(Ajoelha-se e suspira:)* Ah! Lola... *(Lola volta-se. Reconhecendo-a, assombrado:)* Milagre!

LOLA

Tu!

SEVERO, *escondendo o rosto :*

Sim, eu; sou eu. Mas não digas o meu nome, pelo amor de Deus! Eu estou aqui incognito, tão incognito que eu mesmo me estou desconhecendo.

BERNARDO, *á parte :*

Hein? o marido...! Deve ser o marido. Vou rezar longe d'elles, que se avenham. Não gosto de metter-me em scenas de familia. *(Afasta-se.)*

LOLA

Que vieste fazer aqui? Fica sabendo que não gosto de espiões atraz de mim, estás ouvindo?

SEVERO

Mas eu não sou espião, filha. Não vim aqui espiar. Bem sabes que o meu cargo...

LOLA

Idiota...!

SEVERO

Não digas o meu nome...

BERNARDO, *á parte :*

Parece que a mulher está com a razão porque o homem encolhe-se tanto...

SEVERO

Foi o acaso.

Engracia e Fidelis entram pelo fundo.

SCENA VIII

Os mesmos e ENGRACIA

ENGRACIA

Cá estou. Mas que casa! que barafunda! que cheiro de alfazema e de gallinheiro. Eu já podia ter chegado, mas aquellas Meirelles, quando me apanham, não me deixam. Agarraram-me para mostrar-me o enxoval da menina e tive de vêr tudo — desde as camisas até o veu. Talvez seja tarde. Ah! se o preto descobre o gatuno...! Que cheiro de gallinheiro. Já estou ficando enjoada. *(A Fidelis:)* Por onde é?

FIDELIS

Vamcê entre; elle tá sòsinho.

ENGRACIA

Vai-se entrando sem pedir licença?

FIDELIS

E' sim, senhora.

ENGRACIA

Não tem cachorro?

FIDELIS

Cachorro tá ni quintá.

ENGRACIA

Nossa Senhora! o cheiro aqui ainda é mais forte. *(Entra á direita.)*

SCENA IX

SEVERO, BERNARDO e LOLA

BERNARDO, *mudando de lugar:*

Agora vou fazer uma oração diante da tigela. Como não sei qual é o santo rezo diante de tudo. *(Ajoelha-se.)*

SEVERO

Repito: não vim espiar-te, vim aqui pedir ao papai que me indique o paradeiro de um gatuno que, na noite passada, entrou em uma casa da minha circumscripção narcotisando toda a familia.

LOLA

Bem te conheço.

SEVERO

Palavra de honra, Lola.

LOLA

Pois olha: se me espias, perdes o tempo porque eu hei de fazer o que bem quizer. E o dinheiro?

SEVERO

Está aqui.

LOLA

Dá cá.

SEVERO, *passando-lhe o dinheiro:*

Mas é...

LOLA

Quê?

SEVERO.

E' que fico sem vintem. Tu não me pódes emprestar cincoenta? Nem tenho dinheiro para deixar ao santo.

LOLA, *com desprezo :*

Não tem vergonha...

SEVERO

E' verdade, filha; realmente é vergonhoso um homem pedir dinheiro a uma mulher, mas o dançarino... *(Lola dá-lhe uma bofetada.)* Obrigado.

BERNARDO, *á parte :*

Parece que estão fazendo as pazes.

LOLA

Já disse que não admitto que fales d'elle. *(Levanta-se e põe-se a abotoar as luvas.)*

SEVERO, *á parte :*

Começa bem o feitiço. *(Levantando-se; alto:)* Está bem, filha, não falarei mais.

LOLA

E não me acompanhe, entende? *(Voltando-se:)* Abotôa-me esta luva.

SEVERO

Perfeitamente. *(Esforça-se em vão para abotoar a luva. Lola fica nervosa.)*

LOLA

Deixa! Não tens geito para nada.

BERNARDO

Decididamente é uma reconciliação.

SEVERO, *á parte :*

De rastos, como uma escrava... De rastos pela minha cara.

Lola sahe do cubiculo e vê Engracia que entra pela direita radiante.

SCENA X

Os mesmos, ENGRACIA; depois VENTURA

LOLA, *á parte:*

Uma mulher... *(Procura abotoar a luva.)*

ENGRACIA

O negro é um pouco desaforado: quiz que eu lhe mostrasse a barriga da perna direita para fazer não sei que. Mostrei, o diabo arregalou os olhos e deu-me um beliscão que ainda me está doendo. Mas disse-me que o gatuno ha de ser apanhado.

LOLA, *á parte:*

Se ella podesse abotoar-me esta maldita luva... Ora! que mal ha nisto? *(A' Engracia:)* A senhora póde fazer-me o favor de abotoar esta luva? já estou com os dedos escalavrados.

ENGRACIA, *contente:*

Pois não. Até as duas, se quizer. A senhora não imagina!

LOLA, *á parte:*

Que terá ella!?

ENGRACIA

O negro é um pouco atrevido, mas é sério.

BERNARDO, *mudando de lugar:*

Agora diante d'aquelle pirão.

SEVERO, *mesmo jogo:*

Valha-me Deus!

VENTURA, *descendo desesperado:*

Nem na esquina... Foi-se! E como hei de sahir d'aqui?! *(Vendo Lola; áparte:)* E' a tal d'espavento. Está agora com a criada. Esplendida mulher!

Engracia, arregalando muito os olhos, crava-os no peito de Lola. Subito, dando-lhe um safanão, agarrando-a, põe-se a sapatear e a rugir, com uma alegria feroz, rangendo os dentes. Lola fica aterrada; Ventura recúa.

LOLA, *á parte:*

Que terá ella!?

VENTURA

Que diabo terá a criada? Será alguma ceri-monia? Extraordinaria casa...! Como sapateia!

ENGRACIA

Os dentes do meu avô...! Os dentes de Gnimaio-kome, o grande!

LOLA, *com medo:*

Esta mulher está doida!

ENGRACIA

Os dentes do meu avô!

VENTURA

Os dentes do avô!

ENGRACIA

A unha de minha avó..

LOLA, *debatendo-se:*

Deixe-me!

VENTURA

Isto está se tornando sério.

ENGRACIA

Os cabellos de Sigismundo. *(Fita os olhos em Lola com um sorriso sinistro, rugindo.)*

SEVERO, *no cubiculo :*

Estou com a cara em fogo.

BERNARDO

Agora só me falta pedir áquelle garrafão.

LOLA, *tremendo :*

Deixe-me!

ENGRACIA

Nunca! Estás nas mãos da neta de Gnimaiokome, cacique dos botocudos, que comia gente.

VENTURA

Como!?

SEVERO

Agora vou por ahi. *(Sacode-se.)*

ENGRACIA

Bem disse o negro que eu havia de encontrar o meu relicario.

SEVERO, *apparece á porta do cubiculo, dando, porém, com as duas mulheres recúa aterrado! A' parte :*

Ella! com ella...! Estou perdido duas ve-

zes... é o *bis in idem.* Piro-me por aqui! Nem que saiba dar no inferno.

Sem que Bernardo veja sóbe á commoda e salta pela janella, atirando ao chão as bugigangas. Bernardo dá um pulo. Latidos de cães fóra.

BERNARDO

Santo nome de Deus!

LOLA, *lutando com Engracia :*

Largue-me!

VENTURA, *á parte :*

Mau! Uma luta entre mulheres... Com certeza ha homem no meio.

BERNARDO, *apanhando as bugigangas :*

Tudo no chão. Mas quem terá passado por cima de mim? Cruzes!

ENGRACIA, *rugindo :*

Das minhas mãos não te livras.

VENTURA

Estou com vontade de intervir, mas isso póde ser uma cerimonia...

ENGRACIA

Agora vamos d'aqui á policia, sua ladra.

LOLA

Ladra! eu?

ENGRACIA

Tu, sim! *(Agarrando o relicario:)* Aqui estão os dentes do meu avô, a unha de minha avó, os cabellos de Sigismundo. Isto é uma joia de familia que me furtaste, grandissima ladra! Vamos á policia.

VENTURA, *á parte :*

Policia!? Mau! E o maldito cocheiro... *(Vai ao fundo.)*

LOLA

Eu não furtei a sua joia.

ENGRACIA

Não furtaste? E como é que a trazes ao pei-

to? *(Rugindo:)* Não te largo mais! Eu sou como meu avô. Vamos á policia. Eu vou gritar.

VENTURA, *precipitando-se :*

Não! Não grite, pelo amor de Deus.

LOLA

Se a joia foi furtada quem a furtou está ali dentro. *(Atira o relicario ao chão.)* Póde guardar os dentes do seu avô.

ENGRACIA, *apanhando o relicario :*

Ah! monstra... E' capaz de m'o ter quebrado. *(Apanha-o e beija-o.)* Então o gatuno está ali dentro?

LOLA

Está. Vá agarral-o se quizer. Foi elle que me deu essa historia.

ENGRACIA, *surdamente :*

Ladra! *(Guarda o relicario no seio.)*

VENTURA, *conduzindo Lola para o fundo :*

Deixe os dentes, minha senhora, deixe os dentes e fuja. A mulher é feroz, póde fazer um

escandalo e não convém. *(A'parte:)* A mim, principalmente. *(Alto:)* Vá, vá. *(Lola sahe pelo fundo.)* E o maldito cocheiro que não apparece. *(Sahe.)*

SCENA XI

ENGRACIA e BERNARDO

ENGRACIA, *entra no cubiculo e, vendo Bernardo de cocoras a apanhar as bugigangas, lança-lhe as mãos á gola do casaco :*

Estás seguro!

BERNARDO, *á parte :*

Querem vêr que me toma pelo marido! *(Volta-se e fica assombrado:)* A senhoria!

ENGRACIA, *recuando pasmada :*

Seu Bernardo!

BERNARDO

A senhora aqui!

ENGRACIA, *agarrando-o de novo :*

Gatuno!

BERNARDO

Hein?

ENGRACIA

É o meu relicario? Pensavas que eu não havia de descobrir o teu furto? Papai disse-me tudo, seu gatuno.

BERNARDO

Que relicario? Que papai? Que gatuno?

ENGRACIA

O relicario dos dentes do meu avô, da unha de minha avó, dos cabellos de Sigismundo. Cá está elle, gatuno. Por isso é que andavas sempre a provar sobrecasacas lá em casa.

BERNARDO

Que sobrecasacas?

ENGRACIA

Era para furtar-me a joia.

BERNARDO

Eu?

ENGRACIA

Tu, sim, gatuno.

BERNARDO

Minha senhora!

ENGRACIA

Vou entregar-te a meu marido.

BERNARDO

Senhora dona Engracia!

ENGRACIA

E não se ponha com valentias que eu não tenho medo. Eu grito, vamos os dois para a estação e ponho tudo em pratos limpos. Digo que não és alfaiate...

BERNARDO

Ah! eu não sou alfaiate...?

ENGRACIA

Não! E's um refinadissimo gatuno.

BERNARDO

Senhora dona Engracia...!

ENGRACIA

Um refinadissimo gatuno, repito.

BERNARDO, *desenvencilhando-se :*

Senhora dona Engracia... eu reajo...!

ENGRACIA

E eu grito. Soccorro!

SCENA XII

Os mesmos, THOMAZIA, VENTURA e FIDELIS

THOMAZIA, *sempre com o frango apparece ao fundo seguida de Fidelis :*

A policia vem ahi!

VENTURA

Com seiscentos diabos! Aquelle maldito cocheiro... Estou arranjado. *(Entra a correr no cubiculo e detem-se vendo Bernardo e Engracia.)*

Desculpem-me, mas a policia ahi vem. Creio mesmo que já está na quitanda.

BERNARDO E ENGRACIA, *aterrados :*

A policia!

ENGRACIA

Meu marido! Salve-me...!

VENTURA

Qual marido! Bem me importa a mim o seu marido. Isto é lá com a senhora. *(Mette-se debaixo do altar do orisá.)* Se me apanham estou perdido. Aquelle maldito cocheiro...

BERNARDO, *á parte :*

Eu é que estou mettido em calças pardas. Que dia! *(Espirra:)* Vou metter-me debaixo do santo. *(Mette-se debaixo do altar.)*

VENTURA

Tem gente!

ENGRACIA

Não ha remedio. Vou metter-me ali com aquelles homens. *(Entra debaixo do altar.)*

VENTURA

Não ha mais lugar.

ENGRACIA

Tenha paciencia, é meu marido.

VENTURA

E ella a dar-lhe com o marido.

THOMAZIA, *a Fidelis :*

Eu vinha mais cedo trazer o aviso, mas com o medo tive uma coisa e foi preciso que seu Manduca da botica me desse um remedio, senão... nem sei mesmo. Meu amo está aqui dentro, eu vi elle entrar. Papai que fuja, que até Deus póde mandar um castigo se elle fôr preso. Foi por isso que a lua nasceu hontem vermelha como uma posta de sangue. Vai depressa, Fidelis. *(Fidelis entra á direita correndo.)* E minh'ama que jurou que não deixava elle vir.

ENGRACIA, *sahindo debaixo do altar coberta de poeira e de teias de aranha :*

Não se póde ficar aqui com tanta barata *(Sacode as saias.)* Virgem Nossa Senhora! estão

me subindo pelas pernas. Vou vêr outro lugar. *(Atravessa a scena e Thomazia reconhece-a.)*

THOMAZIA

Minh'ama!

ENGRACIA

Thomazia!

THOMAZIA

Ah! minh'ama, tanto que eu pedi a vosmecê...

ENGRACIA

Eu falei, Thomazia; falei e elle prometteu deixar a busca para amanhan; a prova é que estou aqui. *(Vendo o frango:)* Que frango é esse, Thomazia?

THOMAZIA

E' para o jantar. *(Outro tom:)* Pois meu amo está aqui. Sinhasinha leu a carta que elle escreveu ao delegado e eu vi elle entrar.

ENGRACIA, *sacudindo as saias :*

E agora, Thomazia?

THOMAZIA

Vosmecê não sabe pular muro?

ENGRACIA

No tempo de solteira pulava; agora não sei. *(Sacode as saias.)*

THOMAZIA

Que é que vosmecê tem?

ENGRACIA

Baratas. Estão me subindo pelas pernas.

BERNARDO, *debaixo do altar:*

Ai! Ha bichos aqui. Fui mordido.

VENTURA

Não grite!

BERNARDO

Como não grite, se fui mordido.

ENGRACIA

Com quem deixaste a menina?

THOMAZIA

Ficou sósinha.

ENGRACIA, *com as mãos na cabeça :*

Nossa Senhora! O homem é capaz de ratal-a, com p. Vai para lá, Thomazia.

BERNARDO

E eu que hei de ser sempre victima dos bichos.

THOMAZIA

Como é que minh'ama quer que eu saia? E se eu encontrar meu amo? Eu, não. Deus me livre!

ENGRACIA

E a menina? *(Os cães ladram furiosamente á esquerda.)*

BERNARDO

Não! decididamente não fico aqui. *(Rumor á direita.)*

THOMAZIA

Santa Barbara! Parece que a policia entrou pelos fundos.

ENGRACIA

Pelos fundos? E eu coberta de teias d'aranha. Como ha de ser?

THOMAZIA

Onde minh'ama andou mettida?

ENGRACIA

Sei lá! Mas não haverá por ahi um canto onde eu me possa esconder?

THOMAZIA

A policia bate tudo.

ENGRACIA

Severo é capaz de desquitar-se. Ah! minha Nossa Senhora, quem me mandou vir a esta casa!? E' verdade que achei o meu relicario. *(A' Thomazia:)* Sabes? achei o relicario, estava com uma mulher. Foi o Bernardo quem o furtou.

THOMAZIA

Seu Bernardo!?

ENGRACIA

Sim, seu Bernardo. Um gatuno! *(Rumor á direita.)*

THOMAZIA, *atarautada:*

Ah! minh'ama, parece que a policia está ahi. *(Os cães latem.)*

FIDELIS, *entrando pela direita:*

Fúgi! Fúgi!

ENGRACIA, *colhendo as saias:*

Por onde, creatura? *(A'parte:)* Eu fico doida!

FIDELIS, *levando Engracia para o cubiculo:*

Vamcê fúgi pur ali. Eu sunga vamcê, vamcê sarta janella, cahe ni capinzá, trépa ni pedrêra i vai-s'imbora. Zêri turu zá fugí.

ENGRACIA

Eu, por uma pedreira, como uma cabra... Valha-me Deus! Emfim, não é pela policia, é por meu marido.

Salta a janella auxiliadá por Fidelis. Os cães ladram, ouvem-se gritos.

BERNARDO, *sahindo do esconderijo :*

Eu piro-me pela quitanda! *(Sahe correndo.)*

VENTURA

O' moleque! E o meu carro?

FIDELIS

Carro di vamcê rodô. *(Outro tom:)* Fugi, sinhô! Cumpanha noss...

VENTURA

E essa canzoada?

FIDELIS

Zêri não mordi. Bamu, Thumaza.

Ventura agarra-se á janella e vai saltar quando Severo apparece aterrado, procurando entrar. Ao mesmo tempo:

SEVERO, *espavorido :*

Minha mulher!

THOMAZIA

Meu amo! *(Foge pelo fundo.)*

FIDELIS

Sô dotô delegado! *(Prostra-se de joelhos.)*

VENTURA, *vindo abaixo da janella :*

Bonito!

Panno

ACTO TERCEIRO

O mesmo scenario do primeiro acto, sem a mobilia.

SCENA PRIMEIRA

ENGRACIA e THOMAZIA

ENGRACIA, *entrando pelo fundo esbaforida :*

Uf! noutra não me pilham. *(Vai sentar-se distrahidamente e grita ao cahir:)* E' verdade, já não tenho cadeiras. Ah! Severo...! Estou toda arranhada. E que cachorros! Não sei que seria de mim se não fôsse o sangue dos meus avós. Eu, por uma pedreira acima, como um cabrito... *(Examinando as mãos:)* Estou com as mãos em sangue. E lá deixei uma botina nos dentes d'um cachorro. Uma botina e a barra do vestido Nunca mais!

THOMAZIA, *entrando pelo fundo, estafada, sempre com o frango :*

Santa Barbara! *(Vendo Engracia:)* Que é isso, minh'ama? vosmecê sentada no chão?

ENGRACIA

Estou bem. Vai buscar um copo d'agua, Thomazia; estou pondo os bofes pela boca. *(Thomazia entra á direita:)* Que vergonha! meu Deus. Ainda por cima uma porção de baratas sahindo de mim, á vista de todo o mundo. São capazes de contar a Severo que me viram assim... e que dirá elle? um homem tão sério. Noutra não me pilham. *(Contente, batendo no peito:)* Mas cá está, cá está e d'aqui não sahe mais, só se me cortarem o pescoço. *(Outro tom:)* E não creiam em mandingas. O grande caso é que o relicario cá está. E a maça tambem ha de apparecer, elle disse. *(Olhando para o lugar do armario e vendo a maça; pasmada:)* Santo nome de Jesus! a maça!... E não estava ali quando entrei. *(Persigna-se:)* Padre, Filho, Espirito Santo...! *(Thomazia entra com um copo d'agua e o frango.)* Olha, Thomazia. *(Levanta-se.)*

THOMAZIA, *assustada :*

Que é, minh'ama?

ENGRACIA

A maça que havia desapparecido.

THOMAZIA

Que massa? Eu não vejo massa. Massa de que? O que está ali é um páu.

ENGRACIA

E' a maça de Gnimaio-kome, meu avô.

THOMAZIA

Appareceu agora?

ENGRACIA

Agora mesmo.

THOMAZIA

E vosmecê não acreditava. Papai é um grande, minh'ama. Papai só não faz o que não póde, vosmecê não imagina. Pois uma vez desappareceu uma moça, mulher de um açougueiro meu

conhecido; eu fui com elle ter com papai e, dois dias depois, a moça appareceu.

ENGRACIA

Onde?

THOMAZIA

Em casa de um estudante. O que elle tem feito, minh'ama, contado ninguem acredita. *(Outro tom:)* Como é que vosmecê quer o frango?

ENGRACIA

Que frango?

THOMAZIA

Este.

ENGRACIA

Esse quero-o no lixo. Um frango que já está cosido.

THOMAZIA

Coitado! tambem apanhou tanto sol.

ENGRACIA

Vou lá comer um frango que andou mettido

em tanta barafunda. *(Outro tom:)* E' verdade... E Carmen está lá dentro?

THOMAZIA

Lá dentro não está.

ENGRACIA

Não está!? *(Afflictissima:)* Ai! meu Deus. *(Chamando:)* Carmen! *(Vai á direita:)* Carmen! *(Entra, sempre chamando.)*

THOMAZIA

Querem vêr que a menina fugiu mesmo com o moço lá de cima! *(Chamando:)* Sinhasinha!

ENGRACIA, *entrando com as mãos na cabeça:*

Carmen não está em casa, Thomazia. *(Sacode as saias.)* Diabos! *(Afflicta:)* Carmen foi ratada com p. Que vai ser de minha filha! *(Chamando:)* Carmen! Ah! minha Nossa Senhora! *(Vai á porta do fundo:)* Carmen!

CARMEN, *fóra:*

Que é, mamãi?

ENGRACIA, *aterrada :*

Lá em cima! Ah! Thomazia, minha filha subiu ao segundo andar.

THOMAZIA

Que tem, minh'ama? eu tambem não subo?

ENGRACIA

Ora! tu pódes subir quantas vezes quizeres, comtanto que dês conta do serviço, mas minha filha...

THOMAZIA

Ella desce.

ENGRACIA

Desce outra. A Carmen que subiu nunca mais descerá. *(Chamando:)* Carmen!

CARMEN, *fóra :*

Já vou.

ENGRACIA, *ao fundo :*

Não tem — já vou. E' vir, desça d'ahi. Que foi você fazer ao segundo andar?

CARMEN

Ha muito tempo que mamãi chegou?

ENGRACIA

Não disfarce, responda: Que foi você fazer ao segundo andar?

SCENA II

As mesmas e CARMEN

CARMEN, *entrando:*

Eu? fui aprender um passo a dois.

ENGRACIA

Um passo a dois...! Ah! minha filha...! Que vai ser de ti! Pois não sabes que uma moça não dança essas coisas senão depois de casada?

THOMAZIA, *á parte:*

Minh'ama tambem traz sinhásinha num cortado. Era melhor que fôsse freira. Nem tanto, nem tão pouco. *(Entra á direita.)*

SCENA III

ENGRACIA e CARMEN

ENGRACIA

Que vai ser de ti, menina?

CARMEN

Vou ser professora de dança.

ENGRACIA

Pois sim. A dança tu has de vêr quando Severo chegar; não teu pai, o supplente. Pois uma moça sobe a um segundo andar sósinha, Carmen?

CARMEN

Eu não tenho medo de almas do outro mundo. E quer mamãi saber a verdade?

ENGRACIA

Não, não quero. Eu imagino!

CARMEN

Perdão, não me julgue uma leviana — sei

guardar as conveniencias. Fui ao segundo andar porque papai não admitte que meu noivo desça. Elle não póde vir a mim, vou eu a elle. Fui e resolvemos acabar com isto.

ENGRACIA

Menina!

CARMEN

Eu não posso viver sem elle, elle não póde viver sem mim. Eu não encontro um par de valsa como Eduardo, elle diz que não ha quem dance a polka militar como eu. Nascemos um para o outro, somos o par ideal. E agora? quer mamãi que eu saia pelo mundo dançando com um jagódes qualquer? Eu não. Aos que me vierem tirar direi, mostrando o retrato de Eduardo, que é o *carnet* do meu coração: Tenho par para toda a vida.

ENGRACIA

Pois sim, mas isso não é commigo.

CARMEN

Bem sei que não é com a senhora — quem vai casar sou eu.

ENGRACIA

Se teu pai quizer.

CARMEN

Tenho argumentos fortes para convencel-o. *(Enthusiasmada:)* Eu só queria que a senhora dançasse uma valsa com Eduardo. Que homem! é uma pluma! A senhora vai vêr. *(Vai ao fundo; chamando:)* Eduardo!

ENGRACIA

Que é isso, menina?

CARMEN

A senhora vai dançar uma valsa com elle. *(Chamando:)* Eduardo!

ENGRACIA, *segurando-a:*

Estás doida!? Estou lá em idade de dançar valsas? *(Severa:)* E eu só danço com teu pai.

CARMEN

Isso é pão com rosca, não tem graça. *(Chamando:)* Eduardo!

ENGRACIA

Não chames! já disse que não danço. A valsa em mim faz effeito de vinho: sóbe-me á cabeça.

CARMEN, *enthusiasmada:*

Ah! sim, a valsa embriaga.

ENGRACIA

E eu nunca me embriaguei. *(A'parte:)* Não me faltava mais nada: estafada e cheia de baratas como estou e cheirando a gallinheiro... para o homem sahir por ahi dizendo que sou uma perua. Deus me livre!

CARMEN, *chamando:*

Eduardo, vem cá um instante.

ENGRACIA

Que menina teimosa! Eu já disse que não danço.

CARMEN

Experimente, mamãi.

SCENA IV

ENGRACIA, CARMEN e EDUARDO

EDUARDO, *apparecendo ao fundo:*

Que queres, meu amor? *(Atrapalha-se vendo Engracia.)*

CARMEN, *puxando-o:*

Vem dançar com mamãi uma valsa como a que dançamos lá em cima.

EDUARDO, *intrigado:*

Como?!

ENGRACIA

Eu não danço, não sei dançar; saia d'aqui. Menina, eu não gosto de brincadeiras commigo. Olhe que eu sou sua mãi.

EDUARDO, *terno:*

E minha!

ENGRACIA

Sua, não.

EDUARDO

Porque não, dona Venancia?

ENGRACIA

Engracia...!

EDUARDO

Isso, isso — Engracia, minha mãi. A senhora já deve saber que sua filha estava lá em cima commigo e juramos amor eterno, como Romeu e Julieta. Se não nos casarmos... abraçados entraremos na Eternidade pela porta do suicidio.

ENGRACIA

Suicidio!?

CARMEN

Sim, minha mãi.

ENGRACIA

O senhor anda mettendo coisas na cabeça de minha filha.

EDUARDO

Eu, minha senhora?

ENGRACIA

O senhor mesmo. Minha filha não se suicida, fique sabendo. Não se suicida porque é uma menina de educação e de brio. Suicidar-se, uma menina que vai fazer dezesete annos. Suicidar-se porque?

CARMEN

Por amor.

ENGRACIA

Qual amor! *(Empunhando a maça:)* Amor é isto. Na minha familia não ha amor, não ha nada, o que ha é páu quando os filhos desobedecem aos pais.

EDUARDO

Páu, minha mãi?

ENGRACIA

Qual mãi! Não se ponha com historias de mãi que eu não sou mãi de ninguem. Eu só tive dois filhos: Sigismundo, do primeiro marido e Carmen, do segundo.

EDUARDO

Eu serei do terceiro.

ENGRACIA

Então o senhor pensa que uma moça não tem mais que fazer senão andar suicidando-se por dá cá aquella palha? Ora, meu amigo...

CARMEN

Mas está escripto, mamãi: eu hei de ser d'elle.

ENGRACIA

Está escripto...? Onde é que está escripto?

CARMEN

Onde?

EDUARDO, *solemne:*

No livro do Destino, dona Bemvinda.

ENGRACIA

Engracia, já lhe disse.

CARMEN

Demais agora...

ENGRACIA

Agora o quê?

EDUARDO

Agora... *(A'parte:)* Agora é que são ellas! *(Eduardo e Carmen baixam os olhos.)*

ENGRACIA, *aterrada :*

Santo nome de Jesus!

EDUARDO

Bem vê, minha mãi... seus filhos não querem senão o que é justo.

ENGRACIA

Ah! se fôsse na minha tribu tamanha pouca vergonha... E agora como quer o senhor que eu me metta nisso? Casar... casar como? Ainda que Severo consinta, agora não é possivel.

EDUARDO

Porque?

ENGRACIA

Pois o senhor não vê que não temos sala de jantar?

EDUARDO

Não fazemos questão da sala de jantar: basta-nos um quarto.

ENGRACIA

Se não faz o senhor, faço eu.

CARMEN

Ora! come-se em qualquer parte.

ENGRACIA

Menos eu.

CARMEN

A senhora na tribu tinha sala de jantar?

ENGRACIA

Tinha — era um canto da floresta.

CARMEN

Pois arranjaremos tambem um canto de floresta.

EDUARDO

Se a questão é da sala de jantar eu encarrego-me de arranjal-a.

ENGRACIA

Como vai o senhor arranjar uma sala de jantar que foi para o Deposito?

EDUARDO, *á parte:*

Para o Deposito, com o Serafim... hum! isto cheira-me á Lola. Como o dinheiro tem de vir-me ás mãos vou entender-me com ella. Por amor de Carmen farei tudo, tudo! inclusive as pazes com aquella creatura diabolica. *(Alto:)* Pois, mamãi, prometta-me o seu auxilio e, dentro em pouco, a sua sala de jantar estará aqui, como dantes, para nella celebrarmos a bôda.

ENGRACIA, *interessada:*

O senhor vai ao Deposito?

EDUARDO

Vou, mamãi.

ENGRACIA

E traz os moveis?

EDUARDO

Todos.

ENGRACIA

Então... já agora... assim como assim... ella tem de casar mesmo, se ha de ser com um desconhecido, que seja com o senhor.

CARMEN

Ah! minha mãisinha.

EDUARDO

Dona Brigida!

ENGRACIA

Engracia! Engracia. Não me troque o nome, por amor de Deus.

EDUARDO

Sim, Engracia. *(A'parte:)* Vou a correr fazer as pazes com aquella vibora. *(Alto:)* Até já, mamãi.

CARMEN

Não te demores. *(Atira-lhe um beijo. Eduardo corresponde e sahe pelo fundo.)*

SCENA V

ENGRACIA e CARMEN

CARMEN

Então, mamãi?

ENGRACIA

Elle é um rapaz bonito, é... mas muito ar-voado.

CARMEN

E' o habito da dança, da valsa principalmente. Ah! se a senhora tivesse dançado uma valsa com elle, uma só. E' uma pluma! Macio que faz gosto.

ENGRACIA

Macio, hein...?

CARMEN, *enlevada :*

Não imagina...!

ENGRACIA

Pois sim. Agora é com teu pai. Bem sabes que elle, quando empaca, empaca mesmo. *(A'par-*

te:) Eu vou tirar esta saia porque já não posso com tanta barata. *(Entra á direita.)*

CARMEN, *radiante:*

D'elle! D'elle! Ah! meu santo Antonio! *(Hesitante:)* Santo Antonio ou Pai Ambrosio? não sei a quem devo render graças. *(Thomazia entra:)* Thomazia! Sabes? tenho o sim de mamãi.

SCENA VI

CARMEN e THOMAZIA

THOMAZIA

Que sim? sinhásinha.

CARMEN

O consentimento: caso-me com Eduardo.

THOMAZIA

Olhe pai Ambroso... Eu não dizia a vosmecê?

CARMEN

Mas eu fiz tambem uma promessa a santo Antonio, Thomazia.

THOMAZIA

Sim, Santo Antonio é um santo muito forte, mas elle tem tantos pedidos, sinhásinha que, ás vezes, leva annos e annos para fazer uma coisa á tôa. Conheço uma moça que fez uma promessa a Santo Antonio para casar, pois só casou depois do terceiro filho. Quem fez o milagre foi Pai Ambrosio. Olhe, minh'ama achou o relicario. Foi lá, falou com elle e o relicario... bumba! Vosmecê está brincando com Pai Ambrosio? Olhe, a mulher de seu Antão, do armarinho, depois de vinte annos de casada, já sem esperança de ter filho, foi lá, pediu, e vosmecê não imagina... ficou tudo assim no armarinho — ella, a irman solteira, a criada, até um visinha que se dava muito com ella. Pai Ambrosio, sinhásinha...! Agora, se vosmecê quer dar alguma coisa a Santo Antonio não faz mal. E' bom a gente andar sempre bem com os santos. E quando é?

CARMEN

O mais breve possivel; faço questão d'isso.

THOMAZIA

Porque tamanha pressa, sinhásinha?

CARMEN

Cá por coisas. *(Outro tom:)* Então mamãi achou o relicario?

THOMAZIA

E o páu do avô; estava ali.

CARMEN

E foi Pai Ambrosio?

THOMAZIA

Ora! quando eu digo... *(Outro tom:)* Com licença, sinhásinha; vou á venda.

CARMEN

Vais vêr o bicho?

THOMAZIA

Qual, sinhásinha. Andei hoje com esta cabeça tão atormentada que nem tive tempo de cuidar das minhas obrigações. Com certeza deu o gallo porque deixei de jogar. Até já, sinhásinha. *(Sahe pelo fundo.)*

CARMEN

Pai Ambrosio ou Santo Antonio, fôsse quem fôsse, o milagre está feito. *(Entra á direita cantarolando e fazendo voltas de valsa.)*

SCENA VII

BERNARDO; depois ENGRACIA

BERNARDO, *depois de espiar entra cautelosamente:*

Ainda parece um sonho! Venho entender-me com a senhoria sobre aquelle negocio. Não quero enganos commigo. Passar por gatuno, eu, Bernardo Carraxo... nunca! antes a morte. Gosto muito da vida e não faço cara aos pagodes, mas em se tratando de pontos de honra, ninguem bula commigo, até sou capaz de um crime, palavra de honra! Gatuno e gatuno de que...? de dentes. Pois a senhoria não vê, — e falo de boca cheia — que eu, graças a Deus! tenho ainda todos os dentes, menos um queixal que perdi não sei onde e tresinhos da frente que me cahiram? Para que diabo havia eu de furtar uns dentes velhos? Não, hei de tirar isso a limpo; manchado é que não fico... e que mancha! *(Outro tom:)* E' verdade,

onde estará o Candido? com certeza pôz-se a andar com os filhos do Mamede, uns vagabundos que me estão descaminhando o pequeno. Tambem, coitado! está na idade... Que se divirta. Tem tempo para aprender, é criança, agora é que lhe está apontando a barba e, com a intelligencia que Deus lhe deu será, em pouco tempo, a primeira tesoura d'esta cidade. *(Outro tom:)* Mas agora é que estou reparando... Esta sala foi varrida de mais.

ENGRACIA, *entra pela direita e estaca :*

O senhor aqui! Que vem o senhor fazer aqui? e sem bater. Entra-se, então, assim em uma casa de familia? Veiu, com certeza, atraz do relicario. Pois está enganado! Agora, se quizer leval-o, ha de tambem levar o meu pescoço.

BERNARDO

Eu não quero relicario nem pescoço, senhora dona Engracia. Falemos com calma; falando é que a gente se entende. Sente-se e ouça.

ENGRACIA

O senhor está fazendo pouco em mim porque não vê cadeiras. Pois fique sabendo que fôram

para o empalhador, hão de voltar. Quanto ao senhor é que não deve aqui tornar... E ponha-se lá fóra. Meu marido não está e eu não quero homens em casa... e homens da sua laia.

BERNARDO

Da minha laia porque, senhora dona Engracia?

ENGRACIA

Vá! Vá! *(Tapa o nariz.)* Eu já sei como é que o senhor faz as coisas... Queima ahi uma historia, adormece a gente e depois... *(Gesto de furto:)* Pois fique sabendo que eu agora não adormeço com duas razões.

BERNARDO

Senhora dona Engracia eu, neste mundo, só adormeci o Candido quando era pequeno. A senhora fala a um homem honrado.

ENGRACIA

E o meu relicario?

BERNARDO

Eu nunca vi o seu relicario, senhora dona Engracia. Deixe-me falar, ouça. *(Adianta-se.)*

ENGRACIA

Saia d'aqui, homem! Não se chegue!

BERNARDO

Mas ouça...

ENGRACIA

Já lhe disse que não se chegue. Eu agora não estou dormindo, seu Bernardo.

BERNARDO

Mas senhora dona Engracia, eu... *(Adianta-se.)*

ENGRACIA

Homem, não me obrigue a fazer um escandalo. Eu grito, seu Bernardo.

BERNARDO, *azedando-se:*

Mau! Mau!

ENGRACIA

Se dá mais um passo eu grito. Estou em minha casa, posso gritar.

BERNARDO

Mas eu quero provar...

ENGRACIA

O senhor aqui não prova nada. Saia!

BERNARDO

Mas, senhora dona Engracia... *(A'parte:)* Esta mulher precipita-me...!

ENGRACIA

Saia! já disse...

BERNARDO

E esta! um homem a querer lavar-se...

ENGRACIA

Vá lavar-se no inferno que isto aqui não é casa de banhos. E saia senão eu chamo gente.

BERNARDO

A senhora póde chamar quem quizer, mas eu d'aqui não saio manchado.

ENGRACIA

Ah! não sahe? *(Empunha a maça:)* Não sahe?! *(Ameaçadora:)* Saia! senão eu grito.

SCENA VIII

Os mesmos e SEVERO

SEVERO, *entra vagarosamente, gemendo e espirrando, a enxugar a roupa com o lenço. Vendo Engracia detem-se á porta contrariado. A' parte :*

Ainda mais esta! minha mulher de maça em punho.

ENGRACIA, *vendo-o :*

Que tens? *(Apalpando-o)* Tu estás ensanguentado, Severo. *(Examina as mãos:)* Não, não é sangue... Que humidade é esta?

SEVERO

Foi uma tina... quero dizer: é suor.

ENGRACIA

Suor?!

SEVERO

Sim. Não imaginas como suei na diligencia.

ENGRACIA

Onde foste em diligencia?

SEVERO

Por ahi. Suei as estopinhas. Um dos agentes suou tanto que alagou a estação. Um verdadeiro diluvio!

BERNARDO

Mas o senhor está soffrendo.

SEVERO

Muito, meu amigo!

ENGRACIA

Não lhe dês tréla, Severo: é um gatuno. Foi elle que me furtou o relicario.

BERNARDO, *á parte:*

E ella a dar-lhe! *(Alto:)* Ouça-me, senhor Severo.

SEVERO

Sei tudo. *(A'parte:)* Decididamente uma sala de jantar não dispensa as cadeiras. *(Alto:)* Estás enganada, Engracia; o senhor Bernardo é um homem de bem. O ladrão do relicario já está preso.

BERNARDO, *triumphante:*

Então!?

ENGRACIA

Como! Pois não foi elle? Mas a mulher disse-me...

SEVERO

Não foi elle. Conheço todo o caso.

BERNARDO

Ainda bem.

ENGRACIA, *á parte:*

Ah! se elle sabe que estive em casa de Pai Ambrosio...

SEVERO

Tu foste á casa do feiticeiro.

ENGRACIA, *deixando cahir a maça :*

Eu?! eu, não.

BERNARDO

Perdão, a senhora foi. Nós estamos em presença da autoridade, devemos dizer a verdade. A senhora foi.

ENGRACIA, *á parte :*

Não sei como é que a policia descobre tudo que a gente faz. *(Alto, timida:)* Mas...

BERNARDO

A senhora foi...

ENGRACIA, *frenetica :*

Já sei, seu Bernardo. Que homem aborrecido!

BERNARDO

Eu tambem fui, á autoridade não escondo. E que mal ha nisso? A senhora foi para descobrir o ladrão do seu relicario; eu fui a negocio — fui

levar umas calças ao feiticeiro porque elle não anda nú.

SEVERO

Pois é isto. E' verdade que a mulher disse que o ladrão estava no tal quartinho, e estava effectivamente, com o senhor Bernardo. *(A' parte:)* Era elle! se me houvesse reconhecido...

BERNARDO

Ah! era aquelle patife! se eu soubesse... Era um sujeito, mal comparando, assim do seu corpo...

SEVERO

Justamente. *(A' parte:)* Pudera!

BERNARDO

Não lhe pude vêr as feições porque o patife não tirava o lenço da cara, como se estivesse com dôr de dentes. Estava mesmo a meu lado e desappareceu não sei por onde.

SEVERO

Pela janella; saltou pela janella justamente porque ouviu a tal mulher dizer que o ladrão do

relicario estava no cubiculo, de sorte que, ficando só o senhor Bernardo, tu o tomaste pelo gatuno.

BERNARDO

E fez um escandalo...!

ENGRACIA, *arrependida:*

Perdôe-me, seu Bernardo. O senhor comprehende — uma joia de familia, com os dentes do meu avô, a unha de minha avó, os cabellos do meu filho...

BERNARDO

Eu sei. Mas se a senhora tinha razão eu tambem tinha.

ENGRACIA

E o gatuno, Severo?

SEVERO

Já está na Detenção. E' um famoso e perigosissimo patife.

BERNARDO

Pois olhe, meu caro senhor — fartou-se de apanhar. A tal mulhersinha não lhe tirava as mãos da cara. Oito bolachas contei eu.

SEVERO

Perdão: foi uma só.

BERNARDO

Uma só! como? Não, senhor.

SEVERO

Não insista — o senhor não póde saber mais do que a autoridade que... abriu o inquerito e fez o corpo de delicto. *(Outro tom:)* Fui feliz na diligencia — suei, mas consegui o que queria.

BERNARDO

Realmente, o senhor é um supplente de mão cheia.

ENGRACIA

Mas tu foste tambem á casa do feiticeiro?

SEVERO

Eu? não; mandei um agente que me trouxe o reu. Interroguei-o na delegacia.

ENGRACIA

Então era aquelle sujeito barbado que andava de um lado para outro.

SEVERO, *á Engracia* :

Mas tu! Tu na casa de um feiticeiro! Tu, a mulher de um supplente...

ENGRACIA

Foi uma fraqueza, perdôa-me. Tambem não preciso mais voltar.

SEVERO, *a Bernardo* :

E o senhor?

BERNARDO

E' verdade, senhor Severo... tambem lá fui, nem sei porque. Ah! fui levar um par de calças de xadrez. De xadrez precisa aquelle negro. Por mim póde andar nú, nunca mais dou um ponto para semelhante patife. O senhor é que lhe deve arranjar umas calças pardas. Aquillo é um antro! A policia deve mesmo acabar com aquella vergonha aqui no quarteirão. *(A' Engracia:)* Então está agora convencida de que sou um homem de bem?

ENGRACIA

Como não, seu Bernardo? O senhor comprehende — com aquelle embrulho... Eu não podia advinhar que o tal sujeito tinha saltado pela janella. Vi um homem, deitei-lhe a mão: era o senhor.

BERNARDO

E o patife atirou tudo ao chão. A senhora não me encontrou de cocaras, apanhando as bugigangas?

ENGRACIA

E' verdade.

SEVERO, *espirra, á parte:*

Ah! Lola...

BERNARDO

Deus lhe ajude. Quer agora provar a sobrecasaca?

SEVERO

Qual sobrecasaca! Estou que não posso commigo. Vou, mas é metter-me debaixo dos cobertores e tomar um chá quente.

BERNARDO

Então até logo. *(A'parte:)* Mas saio limpo! *(Sahe pelo fundo.)*

SCENA IX

ENGRACIA e SEVERO

ENGRACIA, *fechando a porta do fundo; com mysterio:*

Agora que estamos sós prepara-te para um choque. *(Movimento de Severo.)* Não quiz falar diante de seu Bernardo porque, emfim, estes negocios de familia...

SEVERO, *á parte:*

Sabe tudo... Estou perdido!

ENGRACIA, *continuando:*

...devem ficar entre as quatro paredes.

SEVERO

Sim... Mas olha lá, não te fies em intrigas. O mundo está cheio de intrigantes.

ENGRACIA

Intrigas? Como intrigas, se eu vi.

SEVERO, *á parte*:

Mau! *(Alto:)* Viste?

ENGRACIA

Com estes que a terra ha de comer.

SEVERO

Tu não viste. Estás enganada.

ENGRACIA

Não vi?! Não vi quando ella subiu, mas vi quando desceu.

SEVERO

De onde?

ENGRACIA

Do segundo andar.

SEVERO, *pigarreando*:

Do... do... segundo andar... E... e disse-te alguma coisa?

ENGRACIA

Disse sim: — Que não se importa comtigo.

SEVERO, *á parte:*

Dizer isto á minha mulher! *(Alto, pigarreando:)* E depois?

ENGRACIA

Nós não podemos ficar com essa mancha.

SEVERO

Qual mancha, Engracia. E', quando muito, um peccadilho.

ENGRACIA

Ah! não é mancha? é peccadilho! Pois tu, um homem de posição, professor conhecido, supplente... E eu? e eu então?

SEVERO

Pois sim, mas eu estou doente, bem vês.

ENGRACIA

Mais doente estou eu. Pois declaro-lhe que isto não fica assim.

SEVERO

E como ha de ficar?

ENGRACIA

Isso é comtigo. Manchada é que não!

SEVERO, *impaciente:*

Mas tu achas então que uma mulher perdida mancha alguem?

ENGRACIA

Perdida! Mulher perdida?!

SEVERO

Então?

ENGRACIA

Perdida! *(Empunha a maça.)*

SEVERO, *á parte:*

Ahi vem a maça... Mas eu agora reajo!

ENGRACIA, *furiosa:*

Então Carmen é mulher perdida?

SEVERO, *dando um salto :*

Carmen!?

ENGRACIA

Sim.

SEVERO

Falas de Carmen?!

ENGRACIA

De quem havia de ser?

SEVERO, *depois d'um silencio :*

Pensei que falavas da Thomazia. Então Carmen foi ao segundo andar?

ENGRACIA

Foi e esteve lá um rôr de tempo aprendendo um passo a dois.

SEVERO

Com o dançarino?

ENGRACIA

Com quem havia de ser?

SEVERO, *arrebatadamente:*

Vou matal-o! Chama-a! Quero interrogal-a. No segundo andar, aprendendo um passo a dois com o dançarino quando ella sabe que elle me deve tres mezes de casa. Chama-a! Ah! esse homem...!

ENGRACIA, *á direita:*

Carmen!

CARMEN, *á direita:*

Senhora!

ENGRACIA

Vem cá. *(Carmen entra pela direita.)*

SCENA X

Os mesmos e CARMEN

SEVERO

Então que é isso? a senhora no segundo andar aprendendo um passo a dois...?

CARMEN

Com o meu noivo.

SEVERO

Qual noivo, qual carapuça! Um biltre! Um vagabundo!

CARMEN

Vagabundo, não senhor.

SEVERO

E agora? que pretende a senhora fazer? diga!

CARMEN

Casar com elle tornando-me o modelo das esposas e o primeiro par de valsa do Rio de Janeiro.

SEVERO

Elle vai metter-se em dança. Vou matal-o! *(Vai sahindo e esbarra com um carregador que apparece ao fundo conduzindo cadeiras. Espantado:)* Hein? Que quer isto dizer?

ENGRACIA, *contente, batendo palmas:*

E' a sala de jantar. Foi elle, Severo. Foi elle!

SEVERO

Elle, quem?

ENGRACIA

O dançarino. Elle foi ao Deposito buscar a mobilia. Prometteu trazer-m'a se eu consentisse no casamento e eu...

SEVERO

Consentiste? *(A'parte:)* Sabe tudo, o patife.

ENGRACIA

Olha, Severo, assim desapparecem as duas vergonhas, porque esta sala, como está, é tambem uma vergonha.

SEVERO, *á parte:*

Depois de Lola... minha filha. Emfim... já agora...

ENGRACIA

Que dizes?

SEVERO

Eu...

CARMEN

Fale, papai; diga que sim.

SEVERO, *á parte:*

E tira-me a pequena como quem tira uma dama para dançar uma polka. E nem isto: «V. Ex.ª dá-me a honra?» Nada: foi tirando...

CARMEN

Então, papai? Fale...

SEVERO

Já falei.

CARMEN

Eu não ouvi.

ENGRACIA

Nem eu.

SEVERO

Falei com os meu botões.

CARMEN

Sim ou não?

SEVERO

Sim, sim... e deixa-me em paz. Mas fica sabendo que não quero baile aqui em casa. E vocês vêm morar commigo, aqui! porque não estou para ficar cego. *(A'parte:)* Isso vai ser um desespero e se hão de me atirar caliça aos olhos... o Bernardo que se aguente.

CARMEN, *abraçando-o:*

Ah! papai...!

SEVERO

Pois sim...

ENGRACIA, *ao carregador:*

Diga lá ao homem do Deposito que não se esqueça do arco e das flechas.

O carregador sahe.

SEVERO

Crear uma filha com todo o cuidado para dar á perna com um dançarino.

SCENA XI

Os mesmos e EDUARDO

EDUARDO, *ao fundo:*

Dão licença?

CARMEN

Entra.

SEVERO, *á parte:*

O monstro!

CARMEN

Papai consentiu, Eduardo.

EDUARDO

Obrigado, meu pai.

SEVERO

Não ha de que. Bem, deixem-nos agora sós; precisamos conversar. *(Carmen atira um beijo a Eduardo e, enlaçando Engracia pela cintura, entra com ella á direita fazendo voltas de valsa.)*

SCENA XII

SEVERO e EDUARDO

SEVERO, *offerecendo uma cadeira:*

Explique-se, meu caro senhor. Sente-se e explique-se. Estou ás suas ordens. *(Sentam-se.)*

EDUARDO

Resumo em poucas palavras a historia do meu amor: Vi, dancei e gostei. Dançar uma valsa com Carmen é...

SEVERO, *interrompendo-o:*

E Lola, senhor?

EDUARDO

Lola! Não me fale em tal creatura. Lola não é uma mulher, é um abysmo. Não ha dinheiro que lhe chegue... nem dinheiro, nem nada.

SEVERO, *soturnamente:*

A quem o diz!

EDUARDO

Sei que o senhor julgava-me um infame porque estava convencido de que eu vivia á custa d'essa mulher. Pois saiba que todos os meus lucros eram comidos por ella. Eu não dançava uma polka para mim. Para ter dinheiro para cigarros tive, muitas vezes, de dançar ás escondidas, por traz das portas, no forro da casa. Dava-me presentes, não nego: vestia-me, calçava-me, etc., mas tudo á minha custa. *(Batendo nas pernas:)* Sahia tudo d'aqui. *(Outro tom:)* Quantos mezes devo eu ao senhor?

SEVERO

Tres.

EDUARDO

Pois estão com ella. Só hoje pedi-lhe uma quantia, a titulo de emprestimo, com a intenção honesta de lh'a restituir em breve. Pedi-lhe, com effeito, oitocentos mil réis.

SEVERO, *á parte:*

A minha sala de jantar...

EDUARDO

E ella deu-m'os, mas com a condição de eu pagar com uma usura...!

SEVERO

Uns vinte por cento ao mez.

EDUARDO

Upa!

SEVERO

Quarenta.

EDUARDO, *maliciosamente:*

Qual! outras coisas...

SEVERO, *á parte:*

E o idiota chama a isso usura. Quizesse ella emprestar-me dinheiro com tal agio.

EDUARDO

E esse dinheiro o senhor sabe de que mãos sahiu.

SEVERO

Se sei...!

EDUARDO

Pois fui com elle ao Serafim, certo de que o avaro restituia-me a mobilia pelo mesmo preço.

SEVERO

E... então?

EDUARDO

Pediu-me mais duzentos mil réis.

SEVERO

Sim, era natural que em uma sala de jantar como aquella o Serafim comesse alguma coisa, mas acho muito. E o senhor?

EDUARDO

Fiquei devendo os duzentos.

SEVERO

Ah!... *(A'parte:)* Então o Serafim que faça cruzes na boca.

EDUARDO

A mobilia está em caminho. Peço-lhe agora que me considere seu amigo, seu filho. E aceite

um conselho: não volte á casa de Lola — está furiosa! Disse-me que o espera para vingar-se de um vexame que soffreu em certo lugar... Historia de um relicario com unhas e dentes. Só bengalas, meu caro sogro, vi eu quatro! fóra o resto. *(Movimento de Severo.)* Não volte ao antro da serpente. O senhor é um pai de familia, quasi avô, não lhe fica bem servir de capacho a tão reles creatura.

SEVERO

A' vista do que me diz não torno a pôr lá os pés... *(A'parte:)* Só bengalas, quatro... *(Alto:)* E veja o senhor como se vai portar com a pequena.

EDUARDO

Serei um marido ideal.

SEVERO

E pretende continuar a dar lições de dança?

EDUARDO

Estou tambem resolvido a dar lições de canto.

SEVERO, *sobresaltado:*

Hein?!

EDUARDO

Tenho mais uma pessôa a sustentar... a menos que...

SEVERO

Naturalmente; vou arranjar-lhe um emprego mais socegado.

EDUARDO

Então só dançarei nas horas vagas, com minha mulher, só com ella. *(Grande balburdia na loja: estouros de bombas, vivas. Os dois levantam-se assustados.)* Que é isto? será incendio na alfaiataria?

SEVERO

Talvez a grande queima do fim do anno. Eu vou vêr.

EDUARDO

Vamos juntos. *(Engracia e Carmen precipitam-se em scena espavoridas.)*

SCENA XIII

Os mesmos, ENGRACIA, CARMEN; depois THOMAZIA

ENGRACIA

Severo, parece que houve alguma coisa lá em baixo.

CARMEN

São tiros.

ENGRACIA

E gritos. A casa está estremecendo como no tempo da revolta.

CARMEN

Parece que seu Bernardo ficou maluco.

SEVERO

Não duvido: anda com a cabeça cheia de bichos. Onde está o meu chapeu? Eu vou lá...

ENGRACIA

Vai assim mesmo. *(Entra Thomazia.)*

SEVERO

Que é isso lá em baixo, rapariga?

THOMAZIA

E' o jacaré.

EDUARDO

Que jacaré?

THOMAZIA

O «pai dos pobres...» Seu Bernardo jogou nelle e está como doido.

SEVERO

Antes isso, podia ser peior. Agora mesmo é que a alfaiataria vai pelos ares. O Bernardo ganhou? está perdido.

ENGRACIA, *baixo:*

Olha, Thomazia, prepara um frango... *(Alto:)* O senhor Eduardo janta comnosco.

EDUARDO

Eduardo, Eduardo simplesmente, dona Honorata.

ENGRACIA

Engracia. Olhe que o senhor vai ser meu genro e eu não quero brigas aqui em casa por causa de nomes.

THOMAZIA

Sim, minh'ama. *(A'parte:)* Eu preparo aquelle mesmo e ponho outro na conta. *(Entra á direita.)*

EDUARDO, *a Carmen:*

Emfim!

CARMEN

Emfim!

SEVERO

E juizinho, hein?

ENGRACIA

A bem dizer fôram os meus queridos mortos que fizeram este casamento.

EDUARDO

Os mortos?! Como?

ENGRACIA

Se não fôssem os dentes do meu avô, a unha de minha avó e os cabellos de Sigismundo eu não ligaria tanta importancia ao relicario a ponto de ir a certo lugar e se eu lá não tivesse ido Carmen não teria dado o passo que deu, a dois, e o senhor não teria...

EDUARDO

E' verdade.

CARMEN

Ha males que vêm para bem.

EDUARDO

Estava escripto que haviamos de ser um do outro.

Candido apparece ao fundo esfregando os olhos, a bocejar.

SCENA XIV

Os mesmos, menos THOMAZIA e CANDIDO

SEVERO

Que é? entra. *(Candido entra.)* Que queres?

CANDIDO

E' a resposta.

SEVERO

Que resposta?

CANDIDO

Pois o senhor não me mandou lá acima com uma carta?

SEVERO

Ah! sim, é verdade. *(A'parte:)* Vem a tempo, não ha duvida.

EDUARDO

Despertou com os tiros do pai.

CANDIDO, *bocejando:*

Pois não tem resposta. O homem pulou por cima de mim e sahiu.

BERNARDO, *fóra:*

Candido! ó Candido!

CANDIDO

Senhor!

SCENA XV

Os mesmos e BERNARDO

BERNARDO, *precipita-se em scena empunhando um foguete. Radiante:*

Com licença. Que *tiro!* Custou, mas veiu. E o palpite foi meu. *(A Severo:)* Quando o negro me mandou jogar no jacaré já o Candido estava com o cobre para cercar o bicho. Ah! *(Batendo na testa:)* Aqui ha miolo!

SEVERO, *á parte:*

Mas muito estragado.

EDUARDO, *enlaçando Carmen pela cinta:*

A valsa infindavel do amor. *(Entram á direita dançando.)*

ENGRACIA

Hein? vão dançar outra vez? Não, isto tambem é demais. *(Acompanha-os.)*

BERNARDO, *a Candido:*

Dá cá o jacaré.

CANDIDO

O jacaré...! Que jacaré?

BERNARDO

O jacaré que cercaste.

CANDIDO

Eu não cerquei.

BERNARDO, *furioso:*

Como! Pois tu... O jacaré... O' filho sem entranhas...!

CANDIDO

Eu fiquei esperando a resposta.

BERNARDO

Isto é resposta que me dês, malandro? E tua mãi a queimar bombas lá em baixo. *(Iracundo:)* Tu vais morrer! *(Ameaça-o com o foguete.)*

SEVERO, *intervindo:*

Calma, amigo Bernardo.

BERNARDO

Deixe-me esfoguetear este patife. *(Sahe pelo fundo perseguindo o filho.)*

SCENA XVI

SEVERO e ENGRACIA

ENGRACIA, *entrando pela direita atabalhoadamente:*

Ássim tambem não, Severo.

SEVERO

Que ha?

ENGRACIA

Estão dançando outra vez o tal passo a dois.

SEVERO

Deixa-os. O melhor é não bulir com elles. Vamos tratar dos papeis e elles que dancem p'r'ahi á vontade. Essas coisas são assim mesmo. Eu dancei, tu dançaste, elles dançam. E' a lei do mundo. Deixa-os lá. *(Suspirando, á parte:)* Ah! Lola!

ENGRACIA, *á meia voz:*

Sim, mas eu nunca dancei diante de minha mãi.

Panno

OS RAIOS X

ENTREMEZ

REPRESENTADO PELA PRIMEIRA VEZ
A 20 DE SETEMBRO DE 1897, NO CASSINO FLUMINENSE

PESSÔAS

Polycarpo ... ... Sr. Adhemar Barbosa Romeu
Luciano... ... ... Sr. Raphael Pinheiro
Januaria ... ... D. Emilia Barros Barreto
Helena ... ... D. Francisca Saldanha da Gama
Claudina ... ... D. Alice de Vasconcellos

ACTUALIDADE

ACTO UNICO

Sala modestamente mobilada. Portas lateraes e ao fundo.

SCENA PRIMEIRA

POLYCARPO E JANUARIA

Ao subir o panno Polycarpo, em mangas de camisa, de oculos, e Januaria, muito graves e compenetrados, consultam uma mesa. Silencio solemne.

POLYCARPO, *em alvoroço:*

Espera... espera! Estás sentindo, Januaria?

JANUARIA, *farejando:*

Sim, está me cheirando a chamusco. Isto deve ser coisa da cosinheira. Eu vou lá, é um minuto. Vai-se o jantar por agua abaixo.

POLYCARPO

Dize antes: pelo fogo. Mas espera, não saias.

(Radiante:) Eil-os que chegam! já os sinto nas pontas dos dedos. Estão formigando! *(Enthusiasmado:)* Tem paciencia, Januaria. Já agora que estamos com a mão na massa vamos ao fim. *(Movimento de impaciencia de Januaria.)* Homem, mulher, toma interesse, concentra-te!

JANUARIA

Como queres que me concentre?

POLYCARPO

Mette-te em ti mesma, volta-te para dentro.

JANUARIA

Hei de virar-me pelo avesso, talvez?

POLYCARPO

Não fales. Hoje sim! Está-me parecendo que vamos ter uma sessão solemne. Está chegando gente que é um Deus nos acuda. E'... quero dizer: vai ser uma enchente real; real, não — imaginaria porque espirito sempre é coisa que não se vê.

JANUARIA

Não fales.

POLYCARPO

Posso ainda falar. Ah! Januaria, se os espiritos apparecessem em carne e osso, hein? que honra para nós porque, tu tens visto, nós aqui recebemos o que ha de melhor no outro mundo. Imagina, Januaria, os jornaes dando noticia das nossas sessões...! *(Com enthusiasmo:)* «Esteve verdadeiramente sumptuosa a sessão espirita realisada hontem em casa do nosso distincto amigo, o bravo coronel Polycarpo. A reunião era das mais selectas. Entre os espiritos presentes notamos: os de Salomão, de Nabuchodonosor, de Alexandre Magno, de Ptolomeu Aulete, de Rhadagasio, da Ex.ma senhora viscondessa de Campo Limpo...

JANUARIA

Deus lhe fale nalma.

POLYCARPO, *continuando:*

D. Januaria, a virtuosissima esposa do illustre coronel, foi de extrema amabilidade com todos os convidados.» *(De repente:)* Espera!

JANUARIA

Estão chegando?

POLYCARPO

Em chusma! *(A mesa começa a bater; contando:)* Uma, duas, tres, quatro, cinco, seis, sete... *(Depois d'uma pausa:)* Sete pancadas: G. *(Imperativo:)* Vamos! *(Movimento da mesa; depois d'uma pausa:)* Onze! Onze: K. Vamos! *(Mesmo jogo:)* Dezeseis: P. Quanta consoante! *(Mesmo jogo:)* Dezoito: R. Francamente...! *(Movimento da mesa.)* Vinte e cinco... Que é?

JANUARIA

Vinte e cinco é a vacca.

POLYCARPO

Que vacca...! Vinte e cinco é Z. Mas quanta consoante! *(Forte:)* Vamos! *(A mesa conserva-se immovel.)* Vamos! *(Depois d'uma pausa:)* Muito bem, vejamos: G, K, P, R, Z... Ora esta! G, K, P, R, Z... como diabo se lê isto? *(Com esforço:)* Gikaprizé! Que vem a ser Gikaprizé? Conheces, Januaria?

JANUARIA

Eu não. Sei lá que é Gika... como é o resto?

POLYCARPO

...prizé. *(Desconfiado:)* Aqui anda espirito maligno! Aqui ha coisa! *(Outro tom:)* Espera. Allô, quem fala?

JANUARIA

Que é isto, Polycarpo? tu não estás ao telephone.

POLYCARPO

Tens razão, é o habito. Mas... Gikaprizé...

JANUARIA

Pois tu vens invocar em mangas de camisa, Polycarpo!

POLYCARPO

E então? querias que viesse de casaca?

JANUARIA

De casaca, não digo; mas pelo menos devias ter vestido um paletó de brim.

POLYCARPO

Ora, não faço cerimonia com elles, somos intimos. Quando Montezuma appareceu-me pela

primeira vez, onde estava eu? no banheiro, coberto de espuma e conversamos longamente.

JANUARIA

E apanhaste uma bronchite.

POLYCARPO

Queres saber? a culpada és tu!

JANUARIA

Eu?!

POLYCARPO

Tu, sim! tu que, volta e meia, estás aqui com as mãos na mesa pedindo palpites.

JANUARIA

Isso foi uma vez! Ainda assim, de que serviu? elles mandaram-me jogar no elephante e sahiu o macaco.

POLYCARPO

Estragam os espiritos e, quando a gente os invoca para uma coisa seria, é isto: Gikaprizé! Vão lá agora saber a significação de Gikaprizé.

JANUARIA

Póde ser uma palavra grega. Ha espiritos de gregos.

POLYCARPO

Grande novidade! Que ha espiritos de gregos sei eu, mas deviam apparecer traduzidos porque a gente não ha de vir para as sessões com diccionarios debaixo do braço. Quando Homero nos deu a honra da sua visita, lembras-te? para denunciar o ladrão das gallinhas, até empregou a expressão: bilontra.

JANUARIA

Mas seria mesmo Homero, Polycarpo?

POLYCARPO

Se era Homero! Hom'essa! Homero... da Silva. Homero todo inteiro. Pois não o conheceste?

JANUARIA

Pois olha, se era Homero os gregos pódem limpar as mãos á parede, porque é um poeta muito malcriado, o tal cego.

POLYCARPO

Malcriado! o autor da Iliada?! O'! Januaria, tu estás dizendo uma barbaridade.

JANUARIA

Barbaridade disse elle. Cahiu-me a cara aos pés.

POLYCARPO

Estava de mau humor. *(A'parte:)* Gikaprizé...!

JANUARIA, *levantando-se:*

O melhor é chamarmos outro medico. Esta mesa não dá nada.

POLYCARPO

Como não dá nada? não dá nada agora, mas espera que eu vou vestir um casaco. Vai tu tambem pôr um chale. Realmente ninguem recebe visitas de cerimonia em mangas de camisa e um espirito que vem á nossa casa, lá por ser immaterial, não deixa de ser visita e de muita consideração. Imagina: Napoleão, por exemplo. Se Napoleão Bonaparte surge por ahi, hein? e eu assim... *(Resoluto:)* Anda, vai.

JANUARIA

Queres que eu mude toda a roupa?

POLYCARPO

Acho bom. E' um sacrificio, mas tem paciencia. A pequena está pallida, não come, é um suspirar que não acaba mais.

JANUARIA

Pois o Dr. Cardoso não disse que tudo isso é occasionado pela inflammação do baço?

POLYCARPO

Qual baço, nem meio baço! se ella queixa-se do coração. *(Resoluto:)* Vai, vai pôr outra roupa mais distincta emquanto eu envergo a sobrecasaca. *(Já á porta da direita:)* Olha, pódes até trazer joias. *(Entra.)*

JANUARIA, *depois d'uma pausa:*

Quem sabe mesmo se não foi a historia dos bichos que irritou os espiritos?... E' verdade que eu pedia palpites, mas quando ganhava não esquecia as almas. Quando deu o elephante mandei rezar uma missa. *(De repente:)* Tambem têm

muitos luxos! Nem parece de espiritos tanta falta de espirito. Agora porque a gente joga um bocadinho ficam logo amuados. Ah!

POLYCARPO, *á direita:*

Anda, Januaria.

JANUARIA

Já vou. A pobre menina está doente, isso está: tem palpitações... *(Suspirando:)* Antes tivesse palpites! *(Outro tom:)* Isso é da idade. Eu, quando tinha dezoito annos, este meu coração era um louvar a Deus. Eram saltos que até parecia que o que eu tinha no peito era um cabrito. Tomei não sei quantos vidros d'agua de flor de laranjeira; pois só fiquei alliviada no dia em que appliquei as flores de laranjeira á fronte original. E hoje? nem parece que tenho coração... está ahi para um canto esquecido. *(Com a mão sobre o peito:)* Eu aqui só tenho bichos. Meu coração é uma arca de Noé.

POLYCARPO

Anda, Januaria!

JANUARIA

Já vou. *(Meditando:)* Sonhei esta noite que estava comendo queijo. Queijo é feito de leite, leite vem da vacca... *(Depois d'uma pausa)* da vacca ou da cabra. Quem sabe?! Vou mandar comprar nas duas.

POLYCARPO

Anda, Januaria!

JANUARIA

Já vou, homem de Deus.

POLYCARPO

E' que os espiritos têm mais que fazer.

Januaria entra á direita.

SCENA II

HELENA e CLAUDINA, *entram pelo fundo. Claudina traz um vaso de flôres e deixa-o sobre a mesa. Helena suspira.*

CLAUDINA

Porque não toma uns ovos quentes, menina?

HELENA

Não tenho fome. Para que hei de comer...? Sou tão infeliz, Claudina. *(Senta-se.)*

CLAUDINA

Infeliz! a senhora? Pois uma moça que tem tudo quanto quer, que vai a todas as festas, que não move uma palha, bonita, elegante, é infeliz? Que direi eu então? Nem diga isso que a senhora offende a Deus.

HELENA

Achas que sou feliz?

CLAUDINA

Sem duvida.

HELENA

E o meu ideal?

CLAUDINA

Que ideal? A senhora quer falar da molestia? isso passa com mais um vidro de vinho quinado. Eu tambem já tive uma coisa assim no coração: não podia dormir — eram suffocações, ancias... A's vezes dava para gritar e ninguem podia com a minha vida.

HELENA

E ficaste bôa?

CLAUDINA

Graças a Deus: só com um vidro de remedio.

HELENA

Pois eu vou de mal a peior. *(Com a mão no peito:)* Sinto tamanho peso aqui!

CLAUDINA, *com malicia:*

O peso que a senhora sente eu bem sei qual é...

HELENA

Sabes?

CLAUDINA

Ora! pensa, então, que sou tôla! E' o doutorsinho.

HELENA, *levantando-se assustada:*

Mais baixo! Estás louca!?

CLAUDINA, *á parte:*

Toquei na ferida! *(Alto:)* Então? bem vê que tenho tino. Ah! menina, quando um moço entra no coração da gente é um desespero! Eu já andei com um cabo do 10º aqui dentro, sei como incommoda. Desarranjam tudo! enchem o coração da gente de cuidados. Não vale a pena, francamente. O meu era da banda, pois creia a menina que eu tinha ciume até do instrumento que elle tocava. Não vale a pena. Não ha como a gente ter o coração trancado. O diabo é que elles arrombam a porta e entram mesmo. Então o doutorsinho...

HELENA, *com interesse:*

Não o achas sympathico?

CLAUDINA

Muito!... E fala tão explicado. E elle parece tambem gostar da menina.

HELENA

Como sabes? Elle disse-te alguma coisa?

CLAUDINA

Então é preciso que elle diga? essas coisas sentem-se. Quando um homem gosta deveras de uma mulher não fala — olha e os olhos dizem tudo.

HELENA

Quem te ensinou estas coisas, Claudina?

CLAUDINA, *baixando os olhos:*

A pratica, menina.

HELENA

Pois é verdade — não sei que sinto quando vejo Luciano.

CLAUDINA

Sente o mesmo que eu sentia, em dias de parada, quando via o meu cabo.

HELENA

E porque não casaste com elle, Claudina?

CLAUDINA

Porque? porque elle desertou. *(A'parte:)* Decididamente ganho os meus brincos.

Polycarpo e Januaria sahem da direita: Polycarpo de sobrecasaca e cartola, o guarda-chuva debaixo do braço; Januaria de chale e toucado. Espanto de Helena. Januaria vai á Claudina e segreda-lhe alguma coisa. Claudina sahe pelo fundo apressadamente.

SCENA III

POLYCARPO, JANUAPIA e HELENA

HELENA

Vão sahir?

POLYCARPO

Não.

HELENA

Então porque fôram vestir-se assim?

POLYCARPO

Por tua causa.

HELENA

Por minha causa?

POLYCARPO

Vamos ouvir a opinião dos espiritos sobre a tua molestia. Senta-te, Januaria. Senta-te e, quando sentires os phenomenos precursores, vai logo fazendo um comprimento gracioso. *(Sentam-se os dois.)* Concentra-te.

JANUARIA

E se eu não conhecer o espirito que apparecer?

POLYCARPO

Eu apresento-te.

JANUARIA

E se tu tambem não o conheceres? Se fôr um novo, que venha á nossa casa pela primeira vez?

POLYCARPO

Invoco o Clarimundo para que nos apresente.

JANUARIA

O Clarimundo, um beberrão d'aquelles...!

POLYCARPO

Foi, hoje não é. Já viste espirito beber? *(Preoccupado:)* Homem, quem sabe? Sempre que o Clarimundo apparece a mesa faz taes coisas... Lembras-te, na quinta feira passada? a mesa nem se podia ter nas pernas. E que respostas! *(Com lastima:)* Coitado do Clarimundo! nem depois de morto.

JANUARIA

Que queres? quando morreu já estava viciado.

HELENA *que se tem conservado junto ao piano, folheando um album de musicas:*

Papai ainda fica doido com essa historia de espiritismo.

POLYCARPO

Cala-te, pequena; tu não pódes comprehen-

der os altos mysterios da vida superior. Pensas que isto é tocar piano? Não te mettas onde não és chamada. Fica para lá com as tuas polkas. Isto é mais sério do que parece. Concentra-te, Januaria. Mas, pelo amor de Deus! concentra-te com convicção.

HELENA

Já os visinhos fazem caçoada quando o senhor passa.

POLYCARPO

Ah! fazem caçoada...? pois sim. E' porque os espiritos não vão á casa d'elles. Se soubessem que Pepino, o Breve, esteve hontem aqui. Mas isso não é para quem quer, é para quem póde. Deixa-os lá. Concentra-te, Januaria.

JANUARIA

Estou concentradissima. *(Momento de silencio.)*

POLYCARPO

O' com seiscentos!

JANUARIA

Que é? *(Palmas fóra.)*

HELENA, *á parte, em sobresalto:*

Será elle!

POLYCARPO

Invoca, Januaria.

JANUARIA

Invoca tu mesmo. Não quero que digas, caso appareça algum espirito zombeteiro, que a culpa é minha.

POLYCARPO

Pois vou eu mesmo invocar. Concentra-te! *(Novas palmas; aborrecido:)* Mau, começam os phenomenos.

JANUARIA

Não ouviste palmas?

HELENA

Talvez seja alguma visita.

JANUARIA

A Nicota...

POLYCARPO

Qual Nicota! são espiritos que andam lá por dentro. Não te lembras d'aquelle gato preto sem rabo que appareceu quando invocamos o Borges? *(Novas palmas.)* Vamos dominal-o. Concentra-te! Concentra-te com toda a força.

CLAUDINA, *apparecendo ao fundo:*

Está ahi o senhor doutor Luciano.

HELENA, *commovida, á parte:*

Ah! meu Deus!

JANUARIA

Ahi tens o gato preto sem rabo.

POLYCARPO

Ainda mais esta. E eu que já estava com as tremuras.

JANUARIA

E eu!

POLYCARPO

Manda entrar. *(Claudina sahe.)* Pois eu já

estava com os espiritos nas pontas dos dedos, com mais um minuto de concentração agarrava-os. *(Aborrecido:)* E' sempre assim. *(Luciano apparece ao fundo:)* O'! meu caro doutor.

SCENA IV

Os mesmos e LUCIANO

LUCIANO, *embaraçado:*

Iam sahir? *(Comprimentos.)*

POLYCARPO

Não, senhor; muito pelo contrario: iamos ficar em casa. Então como vai o meu illustre amigo? *(Offerecendo uma cadeira:)* Sente-se.

LUCIANO

Muito bem, coronel, como os senhores, porque todos parecem magnificamente dispostos.

POLYCARPO

E' exacto. Felizmente não ha mal que nos chegue. A pequena é que não tem passado bem.

LUCIANO

D. Helena?

POLYCARPO

E' verdade: não dorme, não come, anda sempre a suspirar. Veja como está pallida.

JANUARIA

A's vezes, á noite, põe-se a gritar como se a estivessem matando.

LUCIANO, *a Helena:*

Tem dôres?

HELENA

Não, senhor: é por causa das baratas.

LUCIANO

Mas sente alguma coisa?

POLYCARPO

Diz o medico que ella tem qualquer coisa no coração, mas o grande Hippocrates...

JANUARIA, *baixo a Polycarpo:*

Estás doido!? Queres cahir no ridiculo, homem de Deus? *(Alto:)* Qual Hippocrates! O doutor sabe lá quem é Hippocrates...

LUCIANO

Pois não, minha senhora: Hippocrates de Cós, chamado o Pai da Medicina.

JANUARIA

Mas o Hippocrates de quem elle fala é o Dr. Cardoso que, para mim, nao passa de um hypocrita. Anda aqui com palliativos, ha mais d'um mez, e a pequena, nem para traz, nem para diante. *(Baixo ao marido:)* Tu não te emendas, Polycarpo?

LUCIANO

Que receitou elle?

HELENA

Banhos de mar e muita calma.

JANUARIA

E está no mesmo.

POLYCARPO

Ou peior.

LUCIANO

O Dr. Cardoso é um clinico notavel, mas...

JANUARIA

Tem a mania d'agua salgada. Parece filho de pescador. O doutor conhece a Chiquinha Marraes?

LUCIANO

Chiquinha Marraes?!

POLYCARPO

Aquella gorda...!

JANUARIA

Gorda, coitada! antes fosse gordura. Uma que esteve aqui no dia dos annos de Helena.

LUCIANO

Ah! sim...

JANUARIA

Pois soffre de barriga d'agua e o Dr. Car-

doso quer, por força, que a pobre creatura tome banhos de mar. O doutor não acha que é um contra-senso?

POLYCARPO

Está que parece que tem todo o oceano atlantico na barriga, lá nella.

LUCIANO

Pois eu desejava examinar D. Helena.

JANUARIA E POLYCARPO

O doutor!?

LUCIANO

Se D. Helena não se oppõe...

HELENA, *commovida:*

Eu? oh! doutor...

POLYCARPO

Quer examinal-a agora?

LUCIANO

Agora mesmo, se quizerem. *(Baixo, a Poly-*

carpo:) Mas o doutor Cardoso achou alguma lesão?

POLYCARPO

Parece que sim, no coração; posto que Napoleão I tenha affirmado que ella tem apenas uma inflammação do figado.

LUCIANO, *espantado:*

Napoleão I!

POLYCARPO, *cahindo em si:*

Quero dizer... Desculpe-me, doutor, eu ando com esta cabeça que só Deus sabe.

LUCIANO

Pois eu posso, agora mesmo, confirmar ou destruir o diagnostico do Dr. Cardoso.

JANUARIA

Ah! doutor...!

LUCIANO

Peço apenas dois minutos.

POLYCARPO

Uma hora, duas, o dia inteiro... Em tratando-se da saude da pequena não faço questão de tempo.

HELENA, *á parte, emocionada:*

Examinada por elle.

LUCIANO, *á parte:*

Se a criada não mentiu o estratagema dará o resultado que espero. *(Alto:)* Venho justamente do gabinete de microscopia e trago commigo um pequeno apparelho de Roëntgen...

POLYCARPO, *á parte:*

Roëntgen! Que diabo será?

LUCIANO

Talvez estranhem que em tão pequeno embrulho eu traga tamanha maravilha...

JANUARIA

Oh! não... as finas essencias vêm em pequeninos frascos.

POLYCARPO, *á parte, intrigado:*

Roëntgen... diabo de nome. E' como o outro: Gikaprizé. *(Alto:)* E' verdade, doutor: sabe que quer dizer Gikaprizé?

LUCIANO

Gikaprizé!?

JANUARIA

Será alguma molestia nova?

LUCIANO

Não conheço. *(Outro tom:)* Mas neste pequeno apparelho...

POLYCARPO

Sim, vamos ao apparelho.

LUCIANO

Ha uns raios.

JANUARIA, *á parte, persignando-se:*

Santa Barbara! S. Jeronymo!

LUCIANO

Certamente já ouviram falar nos raios X, esses mysteriosos effluvios que illuminam os mais reconditos segredos...

POLYCARPO

Pois não, pois não... *(A'parte:)* Roëntgen...!

LUCIANO

Com o auxilio dos raios X sou capaz de dizer que ha por traz d'aquella parede...

JANUARIA

E' o meu quarto.

LUCIANO, *continuando:*

...vejo atravez da terra, photográpho um objecto encerrado em uma caixa hermeticamente fechada e, no corpo humano, distingo claramente o esqueleto e as visceras e acompanho a vida de todos os orgãos podendo dizer, sem errar, como se os tivesse diante dos olhos, se têm alguma lesão, por menor que seja.

POLYCARPO

E' extraordinario!

JANUARIA

Então o senhor é capaz de vêr o coração de Helena?

LUCIANO

Como estou vendo a cartola do coronel Polycarpo.

POLYCARPO

E póde descobrir a lesão?

LUCIANO

Perfeitamente. Se quer tentar uma experiencia...

POLYCARPO

Eu? eu, não. *(A' parte:)* Deus me livre! aqui diante de Januaria.

JANUARIA

E que é preciso, doutor?

LUCIANO

Que me deixem a sós com D. Helena durante cinco minutos.

POLYCARPO, *desconfiado:*

Cinco minutos... *(Baixo:)* Hein, Januaria, que dizes?

JANUARIA, *baixo:*

Deixa, homem. *(A'parte:)* Sim, mas eu fico ali de guarda.

POLYCARPO

Pois não, doutor. *(A'parte:)* Uhm! isso de raios... Emfim, eu fico ali como pára-raios. *(Alto:)* A' vontade, doutor; á vontade. *(Entram á direita.)*

— —

SCENA V

LUCIANO e HELENA;
POLYCARPO e JANUARIA, á direita

LUCIANO

Vamos, então, tentar a experiencia, dona Helena. *(Desfazendo o embrulho; ápartc:)* Se ella descobre que isto é um simples microscopio estou perdido.

HELENA, *á parte:*

Ah! meu Deus. *(Alto:)* Mas esses raios não matam, doutor? Tenho tanto medo de raios. O senhor não imagina como eu fico quando ronca trovoada.

Polycarpo entreabre a porta da direita e espia.

LUCIANO

Nada receie: os raios X são inoffensivos. *(Com o microscopio sobre a mesa:)* Attenção! Conserve-se firme. *(Com o microscopio em posição horisontal:)* Firme!

HELENA, *á parte:*

Ah! meu Deus, elle está vendo os meus ossos. E' capaz de dizer que sou um esqueleto.

POLYCARPO, *a Januaria:*

Não vejo o raio. Parece que elle está tirando o retrato da pequena.

LUCIANO

Não se mova. Começo a vêr o seu coração.

HELENA, *assustada:*

O senhor está vendo!?

LUCIANO

Perfeitamente. Ha alguma coisa dentro d'elle.

HELENA, *á parte:*

Ah! meu Deus... se elle descobre.

LUCIANO

Attenção!

JANUARIA

Que faz elle, Polycarpo?

POLYCARPO

Sei lá! Está ali de cocoras... Não percebo.

LUCIANO

Oh!

HELENA, *estremecendo:*

Ah!

POLYCARPO

Uh!

JANUARIA

Minha pobre filha!

LUCIANO

Não se assuste.

HELENA

Viu alguma coisa?

LUCIANO

Pois não. *(Relanceando os olhos pela sala:)* Mas não haverá por aqui algum espelho?

HELENA

Não, senhor; não ha. Porque?

LUCIANO

E' que eu vejo no fundo do seu coração...

HELENA, *nervosa:*

Ah! meu Deus, que será?

LUCIANO

O meu reflexo, como se o visse em um espelho. Reconheço-me perfeitamente. Póde ser que o apparelho esteja desarranjado. Tentemos ainda uma vez.

POLYCARPO

Elle volta a espiar. *(Retira-se precipitadamente.)*

JANUARIA

Onde vais?

POLYCARPO

Vou espirrar. *(Ouve-se um espirro.)*

JANUARIA

E o raio?

POLYCARPO, *reapparecendo:*

Sei lá do raio.

LUCIANO

Decididamente ha alguma coisa no apparelho.

HELENA

Vê ainda?

LUCIANO

O meu reflexo. O seu coração apparece como uma medalha na qual a senhora houvesse encerrado o meu retrato. Não sei a que deva attribuir... A uma projecção...?

HELENA

E', então, o que vê?

LUCIANO

Unicamente. *(Sorrindo:)* Ha alguma coisa no apparelho. Mas tem graça! proponho-me a descobrir a causa do seu soffrimento e descubro apenas a minha imagem. De sorte que, d'ora avante, póde D. Helena garantir que o seu mal sou eu. *(Ri.)* E fie-se um homem nas descobertas da sciencia. *(Helena baixa os olhos.)* Que tem? *(Tomando-lhe as mãos:)* Que tem, D. Helena?

POLYCARPO, *sobresaltado:*

Hein?!

JANUARIA

Vai lá, Polycarpo.

HELENA, *d'olhos baixos:*

O apparelho está perfeito, doutor.

LUCIANO

Como! Que diz a senhora?

HELENA

Pois não comprehende?

LUCIANO

E', então, verdade que eu vivo em seu coração?

HELENA, *em voz sumida:*

A sciencia não mente, doutor.

LUCIANO, *de joelhos, tomando-lhe as mãos com amor:*

Helena!

POLYCARPO, *avançando:*

Alto lá!

JANUARIA

O senhor chama a isto raios X? Isto é uma pouca vergonha!

LUCIANO

Perdão, coronel — o mal de D. Helena está descoberto.

POLYCARPO

Então que é? *(Embaraço de Helena e de Luciano.)* Hein? Estás vendo, Januaria? Então era isto, pequena? E o senhor viu com os raios?

LUCIANO

E' verdade, coronel.

POLYCARPO

Ora o raio do diabo...! Pois olhe, se a Sciencia está agora mais adiantada, os homens estão muito mais cegos do que no meu tempo. Isto era coisa que a gente descobria a olho nú. Pergunte á Januaria se eu precisei de apparelho.

LUCIANO

Agora, coronel...

POLYCARPO

Pois sim, mas dê-me vinte e quatro horas porque, emfim, preciso ouvir a opinião de Aristoteles.

JANUARIA

Deixa-te de Aristoteles. Os meninos querem, está acabado. Que vem cá fazer Aristoteles?

POLYCARPO

E' um espirito de primeira ordem. Mas se não queres, vá lá; não faço questão. Que sejam muito felizes.

SCENA VI

Os mesmos e CLAUDINA

CLAUDINA, *apparecendo ao fundo, á parte:*

O'! de mãos dadas... Então está tudo decidido e eu ganho os meus brincos.

JANUARIA, *indo ao seu encontro:*

Então?

CLAUDINA

Deu o perú.

JANUARIA, *revoltada:*

Ora! sonho com queijo e dá o perú... como se perú désse leite.

POLYCARPO, *a Helena:*

Então fôram os raios X que descobriram o segredo do coração de minha filha...?

LUCIANO

E' verdade, coronel: fôram os raios X.

CLAUDINA, *á parte:*

Raios X... *(Baixo a Luciano:)* Raios X, não; não se ponha com historias — quem descobriu foi esta sua criada.

LUCIANO, *baixo:*

Pois sim, mas cala-te.

HELENA

Ah! meu paisinho... Minha mãisinha...

POLYCARPO

Sim, sim... *(A'parte:)* E Napoleão I° a affirmar que era uma inflammação do figado.

CLAUDINA, *baixo a Luciano:*

Eu quero os meus brincos.

LUCIANO, *baixo:*

Pódes contar com elles.

POLYCARPO

Pois muito bem, meus filhos, sejam muito felizes. Antes isto do que uma molestia. E que eu não tenha occasião de dizer que me cahiu o raio em casa.

LUCIANO

Não ha de ter, coronel.

Panno

O DIABO NO CORPO

COMEDIA EM 3 ACTOS

REPRESENTADA NO THEATRO LUCINDA
A 11 DE AGOSTO DE 1905

PESSÔAS

Coronel Anatolio do Espirito Santo, *fazendeiro*
Octavio, *afilhado do Vigario*
O Vigario Bonifacio
Dr. Liborio, *candidato*
Marçal, *administrador*
Sá Pato, *fazendeiro*
Pedro, *pagem de Anatolio*
Thomé, *criado de Octavio*
Valentina, *filha de Anatolio*
Nha Rita, *curandeira*
Margarida, *mulher de Anatolio*
Gertrudes, *mulher de Sá Pato*
Sabina, *criada da «Pensão»*
Valeria, *hospede da «Pensão»*
A cozinheira
O Inspector, Hospedes da Pensão, negros e negras, policias.

Os 1.º e 3.º actos na fazenda de Anatolio, o 2.º em uma Pensão da Capital

---

ACTUALIDADE

PRIMEIRO ACTO

Sala em uma casa de fazenda; mobilia antiga e simples. Portas lateraes e ao fundo.

SCENA PRIMEIRA

ANATOLIO e o VIGARIO

O VIGARIO

Pois, meu caro Anatolio, é bem duro o que te vou dizer. *(Depois de fungar uma pitada.)* Sempre pensei que isso não passava de uma febresinha maligna, mas estou vendo que a coisa é outra. Ah! meu amigo, o mundo vai mal. Deus já o não protege como d'antes, quando mandava os anjos á terra em visita aos patriarchas. O mundo vai mal; vai muito mal, Anatolio. Estamos voltando ao tempo do Sabbat. E' como te digo: ao tempo do Sabbat!

ANATOLIO

Mas afinal, a pequena, Bonifacio? Que tem ella?

VIGARIO

Queres que te diga a verdade? olha que é dura!

ANATOLIO

Dura ou molle, quero-a. Nada de meias palavras.

VIGARIO

E' o diabo. Para mim, Anatolio, o que a pequena tem no corpo é... o diabo.

ANATOLIO

Isso sei eu!

VIGARIO

Sabes?!

ANATOLIO

Como não, se eu é que me vejo abarbado com ella?

VIGARIO

Com ella, não: com elle.

ANATOLIO

Como com elle? Então minha filha mudou de sexo com a molestia?

VIGARIO

Qual sexo! Se eu te digo que é com elle... *(Outro tom:)* D'ahi, quem sabe? deve haver diabos do sexo feminino... se o não são todos. Talvez tenhas razão. Vá lá com ella.

ANATOLIO

Com elle ou com ella, Bonifacio, põe isso em pratos limpos.

VIGARIO

Como em pratos limpos? Pensas, então, que o diabo é coisa que se sirva em pratos?

ANATOLIO

Que diabo, Bonifacio?

VIGARIO

O que está no corpo de Valentina.

ANATOLIO, *dando um pulo:*

Hein? Pois minha filha tem um diabo no corpo? Que graça é essa, padre-mestre?

VIGARIO

Dize antes: desgraça. E' a triste, a dolorosa verdade, meu amigo. Valentina está possuida do dĕmonio. E' uma endemoninhada, uma possessa, uma energumena, etc., etc. Toquei-a, meu velho: a pelle escaldava, sahiam-lhe chispas do corpo: era um fogareiro. Olha, cheira aqui as minhas mãos. Que sentes?

ANATOLIO

Cheiram a meio grosso.

VIGARIO

Enganas-te: cheiram a enxofre. E' o cheiro do sujo, Anatolio.

ANATOLIO, *depois d'uma pausa:*

Com seiscentos diabos! *(Outro tom:)* Mas o cheiro não será da febre?

VIGARIO

Qual febre, qual cabaça! E' o diabo, digo-t'o eu. E' o diabo que se lhe entranhou pelas carnes como uma raiz entranha-se pela terra. Tu bem sabes que o maldito costuma procurar o corpo das creaturas para arrastal-as ao abysmo d'onde se não sahe. Lembras-te da burra do Pancracio Gomes? aquelles couces, aquellas dentadas, aquelles pinotes... coisas do diabo que havia tomado conta do pobre animal que é, lá no inferno, a esta hora, a cavalgadura d'algum sanhúdo. *(Depois de fungar uma pitada:)* Pois tua filha está como a burra, Anatolio.

ANATOLIO

Salvo seja.

VIGARIO

Se queres convencer-te vai já dentro com uma cruz, mostra-lhe um santo, qualquer coisa sagrada e has de vêr os saltos que ella dá, as caretas que faz, os berros que solta. Pódes lá imaginar que é isso, homem!

ANATOLIO

Pois escacho-o, Bonifacio! Acabo-o!

VIGARIO, *sentencioso:*

Para vencer o diabo só uma cruz.

ANATOLIO

Pois escangalho-o com uma cruz! Reduzo-o a pó! Escacho-o!

VIGARIO

Estás doido. Isso não se faz assim: é com calma. Como queres escachar o diabo se elle está no corpo de tua filha?

ANATOLIO

Grandissimo patife! No corpo de uma menina honesta e de educação... *(Outro tom:)* E agora, Bonifacio? que se lhe ha de fazer? Se tentassemos um chásinho de herva de Santa Maria, de melões de S. Caetano... coisas de virtude?

VIGARIO

Nada disso: reza-lhe. Sempre que a vires atira-lhe uma oraçãosinha bem rezada e com fé. Tenho aqui o meu breviario. *(Dá-lhe um livro.)* Fica com elle e, sempre que a apanhares a geito, záz! e deixa o resto por minha conta. A coisa

é seria, mas não é irremediavel. Deus é grande, descança. *(A'parte:)* Olhem que o tal pequeno sempre me sahiu uma peça ás direitas. Vejam em que estado deixou a rapariga...

SCENA II

Os mesmos e MARGARIDA

MARGARIDA, *entrando pela esquerda afflicta :*

Ah! seu Vigario! Ah! Anatolio... lá está ella aos gritos, a rolar pelo chão, furiosa como uma jararaca ao fogo. Aquillo parece mais uma cólica de figado.

ANATOLIO

Qual cólica! Qual figado! O que aquillo é... é o diabo. Nossa filha está com o diabo no corpo, como a burra do Pancracio, disse-me o Bonifacio. O diabo, Margarida, em carne e osso.

MARGARIDA, *aterrada :*

Ah! Virgem Maria! Eu bem dizia áquella menina que não montasse na burra, mas... é tão teimosa! E por onde terá elle entrado?

VIGARIO

Filha, isso agora não te sei dizer. O diabo costuma entrar, costuma entrar por um olho, pela boca, pelas unhas, pelo buraco da fechadura...

ANATOLIO E MARGARIDA

Pelo buraco da fechadura?!

VIGARIO

Então?

ANATOLIO

Mas que buraco? que fechadura?

VIGARIO

Das portas, nas casas. Nas pessôas não, está bem visto.

MARGARIDA

Agora, para enxotal-o, como ha de ser, seu vigario?

VIGARIO

Rezem-lhe, rezem-lhe. Eu hei de vir exorcisal-a na occasião propria; por emquanto vão vocês preparando o terreno.

MARGARIDA

Uma menina tão linda, tão meiga, tão pura...

ANATOLIO

Com uma espiga d'aquellas no corpo!

VIGARIO

Descancem, nada de desesperos. Deus é grande e a fé é que nos salva. Rezem-lhe, rezem-lhe e... até amanhan.

ANATOLIO

Então já? Não tomas uma chicara de café?

VIGARIO

Não, não posso. Tenho pressa, vou ainda a uma confissão. *(Outro tom:)* E tenham fé. O diabo ainda não tomou conta de todo o corpo, creio que conseguiu metter apenas uma perna.

MARGARIDA

Quê, seu padre! Olhe que a perna d'um diabo no corpo de um christão já é alguma coisa.

VIGARIO

Ora, filha... Tenho visto muita creatura resistir a dois e a tres diabos, dos bons. Tudo está em não perder a coragem· Tenham fé e rezem-lhe, rezem-lhe... *(Caminhando para o fundo:)* Até amanhan, ou até logo!

MARGARIDA E ANATOLIO, *acompanhando-o:*

Até logo!

ANATOLIO, *á porta do fundo:*

O' Pedro!

VOZ, *fóra:*

Sinhô!

ANATOLIO

Olha a besta do senhor vigario!

VOZ, *fóra:*

Sim, sinhô.

VIGARIO, *sahindo:*

Até logo! E rezem-lhe, rezem-lhe...

SCENA III

ANATOLIO, MARGARIDA; depois PEDRO e negras

ANATOLIO

Não me faltava mais nada! Dar a gente uma filha ao mundo com tantas dôres, tanto trabalho, para um diabo tomar conta d'ella. *(Furioso:)* Mas eu racho-o, palavra de honra! A questão é apanhal-o cá fóra. Dou-lhe uma tunda de que elle nunca se ha de esquecer nas profundas dos infernos. Pedaço de não sei que diga! E a gente com tantos cuidados. Mas tambem, quem está livre de uma coisa assim?

MARGARIDA

Eu mandei chamar Nhá Rita para benzer Valentina. Ella tem orações muito poderosas contra a erysipela, contra a gotta. Tálvez tenha alguma contra o diabo.

ANATOLIO

Ora qual! Pensas que o diabo se deixa levar por cantigas? e então hoje em dia! Foi-se esse tempo, Margarida. Os diabos agora são finos como ratos, não sahem assim com duas ra-

zões. Nhá Rita que vá prégar a outra freguezia. Se o Bonifacio não poude...

MARGARIDA

Homem, quem sabe lá! tenho visto tanta coisa...! Em todo o caso, não fazendo bem, mal não faz. Que custa experimentar?

ANATOLIO

Sim, não custa, mas para mim é trabalho perdido. *(Vozeria dentro.)* Que é lá isso? *(Vai aos bastidores)* Virgem! Ahi vem a negralhada a correr!

Pedro e duas negras precipitam-se em scena aterrados. Uma das negras traz uma mão de pilão, traz a outra uma caçarola.

OS NEGROS

Ah! sinhô! Ah! sinhá!

ANATOLIO E MARGARIDA

Que é? Que é?

PEDRO

Nhanhan tá la dentro assim p'ra turu mundu: Ahn! ahn! *(Arreganha os dentes e investe:)*

Genti tava ni cuzinha quando nhanhan intrô, c'os denti reganhado, os ôio regalado e foi nhan! p'r'aqui, nhan p'r'ali: Nóss turu tá trincado, 'sfolado. Nhanhan não tá bôa não, sinhô.

ANATOLIO

Brincadeira. Nhanhan estava brincando com vocês. *(A'parte:)* Se digo a verdade fico sem um colono.

PEDRO

Uai! brincadêra di tirá sangui?! *(Gritos no interior.)*

MARGARIDA

Ah! meu Deus! que será mais! *(Marçal entra a correr, assustado.)*

SCENA IV

Os mesmos e MARÇAL

MARÇAL, *esfregando os braços:*

Está damnada! A menina está damnada!

ANATOLIO

Damnado estás tu!

MARÇAL

O quê, patrão... Parece que tem o diabo no corpo.

ANATOLIO, *agarrando-o pelo pescoço:*

Caluda! Se dizes mais uma palavra mato-te!

MARÇAL, *á parte:*

Hein?! são todos.

ANATOLIO

Esgano-te! Torço-te o pescoço... como a um frango, ouviste? como a um frango! Está com o diabo no corpo, mas não é da tua conta, ouviste?

MARÇAL, *sem comprehender:*

Com o diabo no corpo...?!

ANATOLIO

Mais baixo ou eu... *(Deixa-o.)*

MARÇAL, *á parte :*

Em que inferno estou eu mettido!

ANATOLIO

Mas que houve comtigo? *(Aos negros:)* Vão-se d'aqui! *(A Margarida:)* Leva-os.

MARGARIDA

Vamos.

Os negros entram á esquerda, com muito medo, seguidos de Margarida.

SCENA V

ANATOLIO e MARÇAL

MARÇAL

Pois é verdade, patrão. *(Examinando o braço, á parte:)* Olhem p'ra isto!

ANATOLIO

Que houve comtigo?

MARÇAL

Commigo? Eu chegava da roça e, como é meu costume, entrei pela cosinha. A menina lá estava, sentada num banco, muito jururú, a olhar os tições com os olhos cheios d'agua. Fiquei com pena e perguntei: «Então que é isso, dona Valentina? vosmecê está triste?» Palavras não eram ditas quando a menina pulou em cima de mim, ás dentadas. Palavra, patrão, a principio pensei que era brincadeira, mas a coisa começou a doer deveras e eu... *(Arregaçando a manga do casaco:)* Olhe só p'ra isto, patrão. Se não fôsse quem é, palavra de honra, tinha apanhado ali mesmo muito pescoção.

ANATOLIO, *calmo:*

Isso não tem valor. Mas, vê lá: nem uma palavra sobre o diabo.

MARÇAL

Já se vê, senão... como a um frango.

ANATOLIO, *repetindo:*

Como a um frango! *(Outro tom:)* Mas já viste maior desgraça, Marçal? Pois o diabo não

achou por ahi outro corpo senão o de minha filha?

MARÇAL

Desgraças, patrão. E quando foi que elle entrou?

ANATOLIO

Sei lá! Ella não andava bôa, isso não andava, tinha manias: comer terra, frutas verdes, carne crua e, aqui te digo a minha opinião: se não se tratasse de minha filha, do meu sangue, eu já tinha desconfiado. Hoje, porém, o vigario esteve aqui, veiu vêl-a, demorou-se com ella mais de uma hora e, quando a deixou, trouxe-me a triste noticia. E não sei se foi com a presença do padre, a verdade é que o diabo ficou tão assanhado que a pequena entrou a gritar e a morder que ninguem póde com ella. Um horror!

MARÇAL

E se tentassemos uma tinturasinha, patrão?

ANATOLIO

Já estava tardando a homœpathia.

MARÇAL

A homœpathia tem feito verdadeiros milagres, patrão. Olhe a Josepha do «*Entroncamento*» que vivia a fazer promessas para ter uma filha? tomou duas doses e nove mezes depois...

ANATOLIO

Que aconteceu?

MARÇAL

Teve dois. Eu acho que carreguei um pouco na mão.

ANATOLIO

Qual mão! Quem carregou foi o José Bernardes. Queres, então, que a homœpathia seja pai de criança?

MARÇAL

Pai, não digo, mesmo porque nós só temos tinturas mãis, mas que desenvolve as faculdades, não ha duvida, patrão.

ANATOLIO

Pois sim.

MARÇAL

O patrão não crê... *(Outro tom:)* Para mim a menina apanhou isso ali junto do Açude onde ia pescar todos os dias. A gente apanha o diabo naquelle lugar. O patrão não se lembra? foi ali que o Benedicto apanhou aquella tosa do Serapião por causa de Sinh'Anninha.

ANATOLIO

Mas vamos ao que serve: o café?

MARÇAL

Estou coroando.

ANATOLIO

Nada de coroações. Já essa tropilha anda por ahi a dizer que sou sebastianista. Manda arruar. *(Gritos nos bastidores; movimento de Marçal:)* E' a pequena que está mordendo, deixa lá. E o milho?

MARÇAL

Algumas falhas, patrão. *(Gritos no interior. A'parte:)* Piro-me hoje mesmo! *(Tira um ben-*

tinho e põe-se a beijal-o occultamente. A Anatolio:) O arroz é que está lindo, lindissimo! *(A' parte:)* Creio em Deus Padre... *(A Anatolio:)* Já vai cacheando... *(A' parte:)* Todo poderoso... *(Gritos no interior.)* Creador do Céu e da terra...

ANATOLIO

Espera-me um pouco; vou lá dentro vêr aquillo.

MARÇAL

Cuidado, patrão.

ANATOLIO

Não ha duvida. *(Entra á esquerda.)*

SCENA VI

MARÇAL, PEDRO, depois NHÁ RITA

MARÇAL

O diabo no corpo... isso é coisa que se péga com certeza e eu aqui não estou muito seguro, isso não estou. Com a inflammação do figado,

com o baço que nem uma pedra, com os meus incommodos dos rins e com este maldito rheumatismo, se pégo o diabo estou arranjado. As molestias não me fazem medo, mas o diabo é mais sério. Para as areias gordas, capêta! *(Examinando o braço:)* Olhem p'ra isto! E' cada dente que parece uma preza de porco do matto. Palavra d'honra, viro-lhe a mão se ella investe outra vez. Viro-lhe a mão, ora se viro! Não estou aqui para divertimento de dentaduras. Vá morder o diabo! *(Pedro entra a tremer.)* Que é?

PEDRO

Ah! nhô! nhanhan tá trincando ôtra vez. Aóra mêmu garrô orêa di sinhô, quasi tirô pedaço. Tá lá braba qui nem onça acuada. Zêri qué qui eu siguri nhanhan, má cumu vai sigurá? denti tá hi.

MARÇAL

Está mordendo outra vez?

PEDRO

N'uma toáda, nhô. Sinhô diz qui é mulesta dus nervu...

MARÇAL

Molestia... O diabo é que é. *(Arrependendo-se:)* Ui! e elle, como a um frango.

PEDRO

E' sim, sinhô.

MARÇAL

Não ha tal: é molestia dos nervos. E' molestia, ouviste?

PEDRO

Uviu sim, sinhô: é mulesta.

NHÁ RITA, *ao fundo*:

Dá licença? *(Marçal volta-se espantado; Pedro, num pulo, esconde-se por traz d'uma cadeira.)*

MARÇAL

Quem é? Quem é?

NHÁ RITA

Sou eu, de paz. *(Entrando:)* Deus esteja nesta casa.) *(Pedro deixa o esconderijo.)*

MARÇAL, *distrahido:*

Infelizmente é o contrario.

NHÁ RITA

Como?

MARÇAL

Nada.

NHÁ RITA

Estou mais morta do que viva. Com sua licença. *(Senta-se.)* Então como vai o senhor, seu Marçal?

MARÇAL

Assim, assim. *(A Pedro:)* Vai dizer ao patrão que Nhá Rita está aqui.

PEDRO, *hesitante:*

Uai!

MARÇAL

Não ouves?

PEDRO

Eh! aóra sim... caititú vai tê festa. *(Entra á esquerda.)*

NHÁ RITA

Então como vai a menina, seu Marçal?

MARÇAL

A menina? Ah! a menina... Parece que está melhor.

NHÁ RITA

Oh! senhor, como essa gente mente! Encontrei um negro na porteira que me disse que ella está passando muito mal: que tem gritado, que tem mordido...

MARÇAL

Ah! tem mordido, tem... mas isso é natural: agora é que lhe estão nascendo os dentes do sizo.

NHÁ RITA

Ahn! Ah! meu Deus, estou com as minhas pernas que não posso; são esses morros que estafam. *(Outro tom:)* Mas então deu para morder? á tôa?...

MARÇAL

E' exacto.

NHÁ RITA

Para mim o que ella tem é quebranto.

MARÇAL, *á parte:*

Fia-te na Virgem... *(A Nhá Rita:)* Póde ser. A senhora vem benzel-a?

NHÁ RITA

E'. Dona Margarida mandou chamar-me. Estou aqui para o que fôr preciso.

MARÇAL, *á parte:*

Pois vai preparando o corpo. *(Alto:)* Deus queira que a senhora consiga curar a pobre menina. E' uma dôr de coração, Nhá Rita!

NHÁ RITA

Na idade em que ella está o melhor remedio é um marido; é a minha opinião. Mesmo essa molleza de corpo desapparecia.

MARÇAL

Eu tambem penso assim, mas o patrão não quer saber de remedios. E' capaz de deixar a

menina murchar solteira só para que não digam que lhe deu remedio.

NHÁ RITA

Pois olhe, um marido punha-a bôa num instante. Eu tenho muita pratica do mundo, seu Marçal; não vivo por vêr os outros viverem; sei muito bem como tudo se faz.

SCENA VII

NHÁ RITA, MARÇAL, ANATOLIO, depois PEDRO

ANATOLIO, *entrando esbaforido:*

Apre! que campanha! *(Vendo Nhá Rita:)* Desculpe-me, Nhá Rita, eu estava accommodando a pequena que teve uma crise nervosa. *(A Marçal:)* Vá vêr aquelle milho que estão descarregando, seu Marçal.

MARÇAL, *a Nhá Rita:*

Com a sua licença.

NHÁ RITA

Tem toda. *(Marçal sahe pelo fundo.)* Então,

seu Anatolio, que é isso que tem a pobre da Valentina? Disseram-me que deu para morder?

ANATOLIO

E'... é... mas são dentadas que não dóem, brincadeira, simples brincadeira. Essas molestias nervosas são o diabo.

NHÁ RITA

Quando tomam conta do corpo de uma creatura...

ANATOLIO

Hein? como? a senhora sabe?! quem lhe disse?

NHÁ RITA

Foi um moleque. Eu vinha passando na porteira quando elle me disse...

ANATOLIO, *á parte:*

Ah! grande patife! *(Alto:)* Mas a senhora tem obrigação de guardar o segredo, Nhá Rita, mesmo porque...

NHÁ RITA, *ingenuamente:*

Segredo? Então que mal ha em dizer isso? ella não é a unica. A Marocas, mulher do Conrado, tambem está assim: são gritos que a gente ouve a meia legua de distancia e torce-se toda que nem uma cobra. A do Juca dos Pombaes essa então, coitada! fica horas esquecidas retorcida na cama, como um arco.

ANATOLIO

Que me diz?!

NHÁ RITA

Uma coisa sabida, seu coronel.

ANATOLIO, *á parte:*

E' então uma epidemia! *(Alto:)* Em todo o caso é bom guardar segredo sobre isso porque, emfim... cada qual esconde a sua chaga. Para que hão de saber que fulana tem lepra, que sicrana tem o diabo no corpo? Cá por mim acho que ninguem deve fazer alarde de mazellas.

NHÁ RITA

Ora, mais dia, menos dia a gente vem a saber...

ANATOLIO, *frenetico :*

Mas eu não quero que se saiba, entende a senhora? não quero! Cada um manda no que é seu.

NHÁ RITA, *espantada :*

Mas que é isso? quem foi que matou seus cachorrinhos? Então eu venho aqui a chamado para ser recebida assim com duas pedras na mão? Isso não! o tempo dos escravos acabou e eu nunca fui captiva, graças a Deus! Minha mãi não me botou no mundo para eu ouvir desaforos dos outros. Menos essa...! Vou por onde vim.

ANATOLIO, *acalmando-a :*

Venha cá, Nhá Rita, perdôe-me. Eu estou nervoso, nem sei que digo. Essa historia tem posto a minha cabeça em tal revolução que, ás vezes, chego a pensar que estou maluco.

NHÁ RITA

E é o que parece.

ANATOLIO

Pois sim, mas não se zangue. Peço-lhe com

boas maneiras — é um favor que me faz, não diga palavra a respeito da molestia da pequena. E' um pai que lhe pede.

NHÁ RITA

Pois sim, nem eu ia bater com a lingua por ahi, não tenho esse costume. *(Pedro entra com a bandeja de café.)*

ANATOLIO, *baixo a Pedro:*

Como vai ella?

PEDRO, *baixo:*

Tá morodendo sim, sinhô. *(Nhá Rita toma uma das chicaras.)*

ANATOLIO, *á parte:*

Ainda! *(A Nhá Rita:)* Porque não entra, Nhá Rita? Margarida está na sala de jantar. *(Terno:)* Mas pelo amor de Deus, nem uma palavra, sim? Ella é quasi noiva e, se o moço sabe da coisa, adeus, casamento!

NHÁ RITA

Pois sim. Mas não me trate mais com esses

modos, que eu não gosto. Muito bôa, muito bôa emquanto não bolem comigo.

PEDRO, *á parte:*

Véia a mode qui já levou denti. *(Nhá Rita vai entrando.)*

NHÁ RITA, *á esquerda, nos bastidores:*

Dá licença?

ANATOLIO, *passeando com a chicara na mão:*

Pois é verdade, tenho-a magnifica! Não colho dez mil arrobas, o milho falhado e o diabo em casa. E não é só por se haver o sujo mettido no corpo de minha filha, isso é grave, não ha duvida, mas e... se os colonos sabem da historia? deixam-me a lavoura ao léo e piram-se, porque, deixem lá! não é nada agradavel viver junto d'uma endemoninhada. *(Meditando:)* Para mim isso foi pegado... Quem sabe se não é herança? minha sogra era o diabo! Emfim, dos males o menor: se me deixo ficar aqui á coca do diabo lá se vai o café por agua abaixo, porque este meu administrador, com a preoccupação da homœpathia, esquece o serviço: vive a estudar effeitos de tinturas e já me tem dado cabo de não sei quantos

frangos com as taes experiencias... Mas eu, um dia, rebento-o! rebento-o, meu amigo. *(Olha em torno como á procura de um interlocutor, com desanimo:)* Decididamente esta coisa está me dando volta ao miolo. *(Rumor fóra:)* Que é lá isso?

LIBORIO, *fóra:*

O' rapaz, segura aqui este animal.

PEDRO, *que tem ido á porta espiar:*

Sinhô, tá hi aquelle moço d'um vidru só no ôio.

ANATOLIO

Ainda mais! *(a Pedro:)* Não estou em casa, sahi: fui á Barra, fui ao diabo! *(A' parte:)* Tambem não me deixa com as suas candidaturas: é a pequena, é a Camara. Bolas! Não estou em casa! *(Entra á esquerda.)*

PEDRO

Sinhô anda avuádu. Aóra moçu tá hi i eu hê di répondê: Sinhô sahi, fô ni Bára, fô ni diabu. Uai! *(Liborio apparece ao fundo.)* Bençâo, sinhô?

SCENA VIII

LIBORIO, PEDRO; depois VALENTINA e MARÇAL

LIBORIO

O coronel?

PEDRO

Coroné? sinhô...? sahi.

LIBORIO

Foi á roça?

PEDRO, *titubeando:*

Ni roça...? Não, sinhô: sahi muntadu ni lazão, sim, sinhô; fô ni Bára mod'uns papé. *(Gritos no interior. A'parte:)* Ih! denti tá frevendo lá dentru.

LIBORIO

E ella? deste-lhe a minha carta?

PEDRO

Carta di vamcê? Zêri não lê, sinhô; zêri rasga túru: é carta, é rôpa, é carni di genti. Zêri não tá bôa di cabeça não, sinhô.

LIBORIO

Como? é que não disseste que a carta era minha.

PEDRO

Cumu não? dixe sim, sinhô. *(Mostrando o pulso:)* Oia, riposta tá qui.

LIBORIO

Que é isso?

PEDRO

E' denti di nhanhan, sinhô. Carta di vamcê zêri rasgô i dançô cateretê in cima di papilinhu. *(Gritos no interior. Com mysterio:)* Vamcê tá 'scutandu? issu é denti qui tá roncandu lá. *(Grande balburdia no interior. Gritos de «Misericordia!» «Ai! meu Deus»)* Negoço tá brabo!

LIBORIO

Então o coronel sahiu?

PEDRO

Sahi, sim, sinhô.

LIBORIO

É a senhora?

PEDRO

Sinhá tá la dentru.

LIBORIO

Vai dizer-lhe que estou aqui.

PEDRO

Sim, sinhô. *(Vai sahindo e esbarra com Valentina que entra desalinhada, os cabellos soltos. Recuando:)* Uai! Nhanhan...!

LIBORIO, *á parte :*

Ella! E como está linda! Francamente, mesmo sem os cento e cincoenta contos e os tresentos votos que o pai representa não era uma espiga. Que lindos olhos! Que linda boca! Que braços! Que dentes! *(Valentina pára offegante, sem vel-o. Pedro esconde-se por traz de uma cadeira.)* Soberba mulher! *(Adiantando-se para ella; alto:)* Minha senhora... *(Valentina volta-se repentinamente com as mãos crispadas, os olhos faiscantes.)*

PEDRO

Fúgi, fúgi, sinhô moço! Fúgi!

LIBORIO, *á parte:*

Está linda! *(Alto, estendendo a mão a Valentina:)* Permitta que a cumprimente, minha senhora.

PEDRO

Fúgi! fúgi! Zéri mordi, sinhô moço.

Valentina apodera-se da mão de Liborio e morde-a com frenesi.

LIBORIO

Ai! minha senhora! Minha senhora! Ai! *(Recuando:)* Pelo amor de Deus! Ai!

PEDRO

Eu não dixe a vamcê qui zêri mordia? *(Marçal apparece ao fundo.)*

MARÇAL, *espantado:*

Ella?! Fuja, doutor! Fuja!

PEDRO

Fúgi, sinhô môço!...

MARÇAL

Por aqui, senhor doutor: por aqui. Ella está com o diabo no corpo.

—— ——

SCENA IX

Os mesmos, ANATOLIO, NHÁ RITA e uma negra

Anatolio apparece á esquerda amparando Nhá Rita, a tempo de ouvir a exclamação de Marçal. Furioso, esquecendo a curandeira aos cuidados da negra, avança para Marçal agarrando-o pela gola da camisa. Nhá Rita, desequilibrada, cahe gemendo, apesar dos esforços da negra, que a procura amparar.

ANATOLIO, *a Marçal:*

Ah! bandido!

MARÇAL, *a tremer, engasgado:*

Como a um frango!

LIBORIO

Coronel! Coronel!

PEDRO, *baixo a Anatolio:*

Eu dixe qui vamcê tava ni Bára, sinhô...

ANATOLIO

Hein? *(Vendo Liborio; á parte:)* Elle! e ella... E' capaz de matal-o! *(Deixa Marçal e vai acalmar Valentina:)* Minha filha! que é isto? Não me conheces? sou eu, teu pai. Sou eu, minha filha. Então? *(A'parte:)* Diabo! não sei patavina de rezas, nem se quer posso abrir o livro dos exorcismos. Ora, o que salva é a intenção... *(Murmurando:)* Padre Nosso Todo Poderoso, dai-nos o Pão de cada dia entre as mulheres...

LIBORIO, *á parte:*

Estão todos doidos, não ha duvida.

NHÁ RITA

Levem-me para uma cama! Levem-me para uma cama! Quero sahir d'este inferno! Diabos confundam semelhante casa!

ANATOLIO

Senhora! Senhora! *(Vai conduzindo Valentina, sempre ameaçadora:)* Já volto, doutor. Não repare. Não faço cerimonia com o senhor. Dá aqui o braço a Valentina, Marçal.

MARÇAL, *com medo:*

Patrão, o senhor não acha que é um perigo?

ANATOLIO, *ameaçador:*

Marçal, olha que eu...

MARÇAL

Como a um frango, já sei. *(Os dois entram á esquerda conduzindo Valentina.)*

NHÁ RITA, *agarrada á negra:*

Ai! meu Deus! e eu hei de ficar aqui? *(A' negra:)* Vai buscar um pouco de arnica.

LIBORIO

Para dois. *(A negra entra á esquerda.)*

NHÁ RITA, *voltando-se:*

Oh! se o senhor fôsse cobra me mordia, doutor. Que anda fazendo por aqui?

LIBORIO

Estou correndo o eleitorado, Nhá Rita. Ai!

NHÁ RITA

Está gemendo? tem alguma coisa? *(Levanta-se a custo auxiliada por Liborio.)*

LIBORIO

Umas dentadas pelo corpo.

NHÁ RITA

Querem vêr que foi a pequena? *(Senta-se em uma cadeira.)*

LIBORIO

Sim, senhora: foi ella. E a senhora? Que tem?

NHÁ RITA

Que tenho?! O senhor ainda pergunta... Estou toda mordida, da cabeça aos pés. Olhe, não

vê? nem posso estar sentada. Mandaram chamar-me para a menina, benzeduras, o senhor sabe que eu vivo d'isso e d'outras coisas, quando Deus quer. Vim, fecharam-me num quarto com ella e, quando eu ia começando a rezar, olhe a pequena em cima de mim, ás dentadas. E que dentadas, seu doutor! Estou aqui que nem posso commigo.

LIBORIO

E eu, Nhá Rita: tenho os braços em misero estado. *(Anatolio apparece á esquerda, derreado.)*

NHÁ RITA

Dizem que ella está com o diabo no corpo.

ANATOLIO, *precipitando-se sobre Nhá Rita:*

Silencio ou eu esgano-te! Torço-te o pescoço como a um frango. Nem uma palavra. Assim... como a um frango...!

NHÁ RITA, *escamada:*

Hein? como a um frango? Que é que está dizendo? Pensa que eu tenho medo de arreganhos? Não seja malcriado, ouviu? Como a um frango... Já viram maior desafôro! Como a um

frango! Pois venha torcer... *(Levanta-se, mas cahe logo, a gemer:)* Ai! Ai!

Anatolio passeia ao longo da sala, as mãos enfiadas nos bolsos. Pedro entra.

PEDRO, *a Nhá Rita:*

Arnica tá hi, sinhá.

NHÁ RITA

Desafôro! Malcriado!

PEDRO

Uai! vamcê não pédiu arnica? Fô Cathirina qui falô mod'éu trazê. Desafôro é d'elli, sinhá.

NHÁ RITA

Não estou falando comtigo. *(Levantando-se:)* Ajuda-me aqui! Ai! Ha alguem naquelle quarto?

PEDRO

Não, sinhá.

NHÁ RITA

Então leva-me até lá.

LIBORIO

Quando acabar com a arnica, Nhá Rita, mande-me o vidro. *(A'parte:)* Vamos vêr se consigo arrancar uma palavra ao pai e ao chefe. *(Nhá Rita entra no 1.º quarto, á direita; Pedro põe-se a arranjar a sala. A Anatolio:)* Então, coronel...

ANATOLIO

Ah! doutor, estou pelos cabellos! Essa molestia da menina...

LIBORIO

Mas, em summa, que é?

ANATOLIO

Sei lá! Já esteve aqui um medico e disse que era... *(Procura lembrar-se:)* uma coisa muito difficil, muito complicada...

LIBORIO

A molestia?

ANATOLIO

Não, o nome.

LIBORIO

Ah! Actualmente todas as molestias têm nomes complicados. Porque não vai ao Rio, coronel? Ha ali summidades e, de certo, em poucos dias, dona Valentina ficará curada.

ANATOLIO

Já pensei nisso, doutor. O diabo é que ando agora ás voltas com a colheita.

LIBORIO

Mas desde que se trata da saude de sua filha, coronel...

ANATOLIO, *distrahido :*

Já me lembrei de ir ao bispo.

LIBORIO

Ao bispo?!

ANATOLIO

Ao bispo, quero dizer... *(A'parte:)* Diabo! *(Alto:)* Ao bispo, pois não. Pois não ha no Rio um medico chamado Bispo? Dr. Bispo...?

LIBORIO

Não conheço.

ANATOLIO

Ha, pois não. Um grande medico!

LIBORIO

Pois então? porque não a leva ao Dr. Bispo?

ANATOLIO

Vou mesmo, doutor. A questão é conduzil-a até o caminho de ferro.

LIBORIO

Póde ir em maca... *(Outro tom:)* Parece-me que ella está hoje passando muito mal.

ANATOLIO

Eu explico-lhe, doutor. Minha filha é uma menina educada á moderna: sem crendices, sem superstições, como eu. A mãi, coitada, crê nessas coisas e, vendo-a com uma crise nervosa, entendeu que devia mandar chamar Nhá Rita.

NHÁ RITA, *entreabrindo a porta do quarto :*

O senhor tem bichas em casa? se tem mande-me algumas porque sua filha deixou-me o corpo em petição de miseria.

ANATOLIO, *a Pedro :*

Vai buscar umas bichas lá dentro. *(Pedro entra á esquerda. A Liborio:)* A pequena recalcitrou, não queria, de modo algum, sujeitar-se ás bruxarias, mas o doutor sabe o que são mãis: tanto a Margarida teimou, que lá foi a pequena com a velha. Mas vingou-se.

LIBORIO

Mas eu, coronel, que não vim benzer a menina, estou aqui tambem sabe Deus como...

ANATOLIO

Que quer? enfureceram-na... ella é geniosa.

Pedro atravessa a scena com um frasco e vai bater á porta do quarto em que se acha Nhá Rita.

PEDRO

Bicha tá hi, sinhá. *(Nhá Rita estica um braço nú para receber o frasco.)*

ANATOLIO

Quer tambem umas sanguesuguinhas, doutor?

LIBORIO

Não, coronel; obrigado. *(Sentam-se.)*

ANATOLIO

Já sei que veiu tratar da sua eleição...?

LIBORIO

E' verdade, coronel. Venho pedir a sua valiosa protecção. Aqui... as urnas são o meu amigo.

ANATOLIO

Nem tanto, nem tanto, mas... tenho a pedir-lhe uma explicação, doutor. *(Vai á gaveta de uma mesinha e tira dois jornaes.)* Temos aqui dois jornaes, não é verdade?

LIBORIO

Sim, senhor: o «*Arauto*» e o «*Phanal*».

ANATOLIO

Justamente: o *Arauto* e o *Phanal*. Em cada

um delles publica o doutor uma circular differente. Qual dellas é a que fica? *(Abrindo um dos jornaes:)* Aqui, no *Arauto,* diz o meu amigo: *(Lendo:)* «Envidarei todos os esforços no sentido de proteger a lavoura, fonte da riqueza nacional. D'ella depende o futuro do paiz que, como dizia sabiamente um estadista notavel, é: «essencialmente agricola.» Aqui, no *Phanal,* diz o Doutor: *(Abrindo o jornal e lendo:)* «Todas as minhas energias de homem moderno, feito na Escola do Direito, serão empregadas em beneficio das classes operarias, victimas das extorções odiosas d'esses senhores de campos e montes que resuscitaram o vexatorio direito feudal. Tudo pelo proletariado!» *(Dobrando os jornaes:)* Afinal, doutor, não sei qual é a sua circular, se a que diz: «A lavoura, fonte da riqueza nacional, porque isto é um paiz essencialmente agricola», se a outra onde vem o brado: «Tudo pelo proletariado!»?

LIBORIO

Eu lhe digo, coronel: ambas são minhas. O meu districto é muito complicado, nelle militam duas forças que se combatem: por um lado encontro o fazendeiro, por outro lado vejo surgir o

operario... eu estou no meio e, como preciso do concurso de ambos os partidos, trato de contental-os igualmente. Mas... que valem circulares, coronel? palavras, palavras, como dizia o outro. *(Sorrindo:)* No frigir dos óvos é que se vê a manteiga. Por emquanto, que sou eu? um simples candidato, um dependente, um pedinte, o mandato que me venha ás mãos e então! então o coronel verá a minha verdadeira circular, uma em que estou trabalhando.

ANATOLIO

Ainda outra?

LIBORIO

A definitiva, coronel; a definitiva. Tambem, depois d'ella, prometto um silencio absoluto.

ANATOLIO

Pois sim.

LIBORIO

O coronel conhece-me e sabe que eu, quando prometto, sou um homem.

ANATOLIO

Lá isso é.

LIBORIO

E então posso contar com o amigo?

ANATOLIO

Homem, eu tenho de ir ás urnas porque em mim isto de eleições é um vicio e, assim como assim, tenho sido illudido tantas vezes que já não faço caso: tanto me faz dar ao senhor como a outro. O senhor, ao menos, tem apenas duas circulares publicadas e uma para o futuro, é um amigo, acompanha-me no voltarete e os outros? Pois não, póde contar commigo. E peço-lhe até que espalhe que lhe prometti o meu voto para que os importunos não venham ficar á sombra do meu reconhecido prestigio. *(Outro tom:)* E é só?

LIBORIO

E' só, coronel. *(Estendendo-lhe a mão:)* E muito obrigado!

ANATOLIO, *á parte:*

E não pede a pequena... Está escabriado.

LIBORIO, *á parte:*

E se eu pedisse a mão da pequena? Não, é

muito pedido de uma só vez... *(Gritando:)* Ai! *(Outro tom:)* Olhe, coronel, peço-lhe tambem um pouco de arnica, estou com este braço escangalhado.

ANATOLIO

Porque não descança um pouco?

LIBORIO

Aceito o seu offerecimento, coronel, para poder curar-me... *(Torcendo-se:)* Ai!

ANATOLIO, *chamando:*

Pedro! *(A Liborio:)* Tem ali um quarto, doutor, sem cerimonia. *(Pedro apparece:)* Vai buscar um pouco de arnica e entrega-a ao doutor, naquelle quarto. *(Pedro reentra á esquerda.)*

LIBORIO

Obrigado, muito obrigado, commendador.

NHÁ RITA, *no quarto:*

Virgem Nossa Senhora!

ANATOLIO

Sem cerimonia, doutor; á vontade.

Liborio entra no 2.º quarto, á direita. Pedro apparece e entrega-lhe a arnica.

LIBORIO, *no quarto:*

Obrigado, coronel.

ANATOLIO

Está em sua casa, doutor. *(Pedro entra á esquerda.)*

ANATOLIO, *deixando-se chair em uma cadeira:*

Uf! que diasinho!

SCENA X

ANATOLIO, MARÇAL; depois PEDRO

MARÇAL, *precipitando-se em scena:*

Maldito diabo! *(Vendo Anatolio:)* Patrão, os colonos querem deixar a fazenda. A tal historia da doença da menina está espalhada e ninguem mais quer ficar aqui: abandonam o serviço. Es-

tou rouco de gritar... Fiz tudo! Cheguei a dizer que o diabo da menina era um diabinho á tôa, um pobre diabo... nem assim. Estão teimosos: que não ficam, que não ficam! Querem as contas, dizem que a fazenda está excommungada. Que se hade fazer, patrão?

ANATOLIO

Que se ha de fazer? reagir! Tronco com elles! Bacalhau!

MARÇAL

Tronco? bacalhau? E a lei, patrão?

ANATOLIO

Não ha lei! Em minha casa a lei sou eu. Tronco com elles!

MARÇAL

Não, patrão, de negocios com autoridades estou inteirado. Desde que me quizeram prender como curandeiro jurei nunca mais puxar esticas com essa gente. Venha o patrão mesmo, venha emquanto é tempo, senão fica sem um moleque para lhe sellar a egua.

ANATOLIO

Vou mesmo! *(Outro tom:)* Mas quem foi que espalhou a noticia? Foste tu, com certeza, grandissimo não sei que...!

MARÇAL

Eu?! Pois eu havia de metter-me nisso para que o patrão me fizesse... como a um frango? Deus me livre!

ANATOLIO

Pois vamos lá! *(Gritando:)* Pedro, traze depressa a minha carabina. *(A Marçal:)* Sempre quero vêr os taes pimpões. *(Gritando:)* As pistolas tambem, Pedro! a faca... e as minhas botas. Pois vamos lá vêr isso! Ah! querem fazer gréve? querem fazer gréve nas minhas barbas? Não! que eu não sou a viuva Carrazedo, commigo o negocio é outro. Não sou a viuva Carrazedo... Chamo-me Anatolio Domingues do Espirito Santo. Estão enganados! Racho-os! *(Pedro entra com os objectos reclamados. Calçando as botas.)* Tiro-lhes o couro! Tiro-lhes o couro! e venham depois contar-me historias. Pedro, carrega as armas.

PEDRO

Tá turu caregado, sinhô; papilinho tá hi.

ANATOLIO

Carrega-as tu, imbecil ou quem sabe se queres que eu vá por ahi como um ouriço? *(Com um pé ainda descalço avançando para Pedro com uma bota na mão:)* Ah! espera! és tambem grévista? queres acompanhar o rancho...?

PEDRO, *amedrontado:*

Eh! sinhô... eu não cumpanha rivista não, sinhô. Eu cumpanha vamcê só, sinhô, i animá di vamcê i nhô Marça i sinhá i nhanhan.

ANATOLIO

Pensei. *(Calçando a outra bota:)* Dá as pistolas ao senhor Marçal, fica com a faca; dá cá a carabina. E vamos lá vêr isso. Querem gréve? pois levo-os a tiro. Estão enganados commigo...

MARÇAL

Mas vamos com calma, patrão.

ANATOLIO

Qual calma! A calma está aqui! *(Mostra a carabina:)* Vamos! *(Sahem pelo fundo heroicamente.)*

SCENA XI

VALENTINA, depois o VIGARIO

VALENTINA

Entra pé ante pé, as roupas em desalinho, os cabellos soltos. Correndo os olhos pela sala:

Ninguem! Posso, emfim, ter um momento de paz. *(Respira:)* Quem me mandou ir ao pomar? Eu aqui, obrigada a representar uma comedia cruel e ridicula, e tu, Octavio, muito descançado, gosando tranquillamente os prazeres do Rio. E' bem possivel que meu nome nem uma só vez passe no teu espirito. Os homens! os homens! E que ha 'de ser de mim quando não me fôr possivel esconder mais a vergonhosa verdade? Meu pai, impetuoso como é, não me perdoará e então, Octavio, quando voltares ao «Retiro», talvez tenhas de demorar os passos diante da minha sepultura. Triste de mim! endemoninhada! To-

dos evitam-me, vivo isolada porque ninguem ousa aproximar-se dos meus dentes... Eu é que sei como soffro quando mordo uma pessoa que estimo! Minha pobre mãi passa os dias e as noites ajoelhada diante do oratorio a fazer preces para que o diabo me deixe o corpo. Se ella soubesse! Meu pai esbraveja, dá por páus e por pedras e os negros, que me queriam tanto, mal me vêm apparecer agora deitam a correr espavoridos. E' horrivel! E tudo por tua causa, Octavio. Tu é que bem merecias ser trincado, perfido! *(Ouvindo passos; áparte:)* Alguem...

Vai para o canto da porta e, quando o Vigario apparece, salta-lhe em cima.

VIGARIO, *recuando :*

Que é lá isso? *(Reconhecendo-a:)* O' pequena, olha que eu sei da historia.

VALENTINA

E' o senhor? *(Outro tom:)* Ah! seu Vigario, não posso mais, estou estafada. Já me dóem os dentes.

VIGARIO

Dóem-te os dentes; e os outros, que dirão?

(Outro tom:) E' preciso, minha filha. Agora vamos levar essa cruz ao Calvario. O que te digo é que a idéa foi excellente; uma idéa maravilhosa. *(A'parte:)* E onde estará Anatolio com o livro? Querem vêr que o deu á mulher? *(Alto:)* Pois é isto, pequena: foi uma excellente idéa, d'essas que não acodem a todos. *(A'parte:)* Se elle o tivesse deixado por aqui... *(Procura pelos moveis.)*

VALENTINA

Excellente, pois sim. O senhor pensa que papai não desconfia? Um homem como elle, emancipado, que vive a pregar contra abusões. Está, por emquanto, atordoado, mas em lhe voltando a calma, desde que comece a pensar friamente no caso, estou certa de que varrerá do espirito essa historia do diabo e dará com a minha verdadeira molestia.

VIGARIO

Qual emancipado, qual carapuça! Um homem que acredita no sacy e em mulas sem cabeça! Olha o Dr. Mello... O Dr. Mello é tambem emancipado e vendeu a fazenda por dez réis de mel coado porque «uma velha barriguda, de grandes

orelhas, andava a rondar-lhe a casa á noite.» E escreve em jornaes coisas tremendas e é philosopho. Conheço muito essas emancipações. Não entornes o caldo e deixa o resto por minha conta.

VALENTINA

E depois?

VIGARIO

Depois, quê? Depois o casamento, que mais queres? Pensas que o rapaz ha de ficar a rir? Está enganado! Quem faz o mal, paga-o! é a minha regra. Não tenho meias medidas. Ha de casar, quer queira, quer não. Pódes, desde já, consideral-o teu marido. Sobre isso não ha duvidas, descança. *(Furioso:)* Não fôsse com tanta sêde ao pote!

SCENA XII

Os mesmos, LIBORIO, NHÁ RITA; depois ANATOLIO, MARÇAL, PEDRO e MARGARIDA

LIBORIO, *no quarto:*

O' rapaz!

VIGARIO, *voltando-se:*

Quem está ali, pequena?

VALENTINA

Não sei; ha de ser alguem.

VIGARIO

Que ha de ser alguem sei eu, mas quem é?

LIBORIO

O' Pedro! ó João! ó Bernardo! ó Barrabás! ó grandissima cavalgadura!

VIGARIO

Grandissima cavalgadura... E' teu pai... Disfarça, range um pouco, vamos! Não me entornes o caldo.

VALENTINA

Não é papai; espere. *(Dirige-se para o quarto de Liborio.)*

NHÁ RITA, *no quarto:*

Venham ajudar-me a tirar estas pestes do corpo que estão me comendo viva.

VIGARIO

Comendo viva! Ha ali uma pessôa que está sendo comida viva.

VALENTINA

Ali tambem.

Chega-se ao quarto de Liborio e entreabre a porta; grande balburdia. O Vigario vai ao quarto de Nhá Rita, scena identica.

VIGARIO, *recuando:*

Desculpe-me. *(A'parte, rindo:)* Parece a *Revista dos dois mundos.*

LIBORIO, *sahindo do quarto, a correr, com as calças na mão:*

Ella! Trinca-me outra vez. *(Atravessa a scena e entra á esquerda.)*

VIGARIO, *a Valentina :*

E' uma senhora, está a gemer. Vai lá, póde ser alguma coisa séria. Diz que está sendo comida viva.

Valentina entra no quarto de Nhá Rita; alvoroço. Nhá Rita atravessa a scena a gritar, em mangas de camisa, os braços nús cobertos de sanguesugas. Vai entrar á esquerda e esbarra com Margarida, dá um grito e passa.

MARGARIDA

Misericordia! Está um homem lá dentro, em menores.

ANATOLIO, *fóra :*

O melhor é deixar que lhes volte a calma. Não quero precipitar-me. Eu mato mesmo.

Liborio entra pela esquerda, a correr, e some-se no quarto. Anatolio, Marçal e Pedro apparecem ao fundo, no momento da balburdia maior e, espantados, deixam cahir as armas.

VIGARIO, *a Anatolio :*

O livro, dá cá o livro.

ANATOLIO

O livro, é verdade. Deixa, eu mesmo leio. *(Tira o livro do bolso, abre-o e lê:)* «Bojudo fradalhão... *(Espantado:)* Que é isto?

VIGARIO

Não continues, homem! *(Arrebata-lhe o livro das mãos. Valentina investe, Marçal sobe a uma cadeira. Pedro mette-se debaixo do sofá.)*

MARÇAL

Patrão...

PEDRO

Eh! êh! êh!

MARGARIDA

Minha filha!

VIGARIO

Nada receiem. *(Impõe as mãos sobre a cabeça de Valentina que se acalma immediatamente.)*

MARGARIDA

E digam que não ha diabos.

NHÁ RITA, *no interior, chamando :*

Dona Margarida! O' Dona Margarida!

LIBORIO, *no quarto, ehamando:*

Coronel!

ANATOLIO

Decididamente isto não póde continuar. Embarco amanhan mesmo para o rio. Vou ao Bispo.

VIGARIO, *á parte, espantado :*

Ao bispo?!

VALENTINA

Para o Rio...? *(A'parte:)* Estou perdida! *(Desmaia nos braços do Vigario.)*

MARGARIDA

Minha filha!

ANATOLIO

Que é isto?

VIGARIO

Que é! Pois vens falar em corda em casa de enforcado...

ANATOLIO

Que corda?

VIGARIO

O bispo. Ahi tens: o diabo perdeu os sentidos.

MARGARIDA

E agora!? *(Nhá Rita entra a correr.)*

NHÁ RITA, *desesperada, com o braço em sangue:*

Eu não posso mais, tirem essas damnadas de cima de mim.

LIBORIO, *no quarto:*

Coronel! Coronel!...

Panno

SEGUNDO ACTO

Sala em uma casa de Pensão, mobilada com decencia, sem luxo. Mesa ao centro; a um canto, um monte de ramas. Portas lateraes e ao fundo.

SCENA PRIMEIRA

PEDRO, SABINA, limpando os moveis; depois ANATOLIO e o VIGARIO

PEDRO, *á parte, delambido, a escovar um casaco:*

Quá! capitá é ôtra côsa! Oia só esse mulatinha... *(A Sabina, dengoso:)* Vamcê é d'aqui mêmu?

SABINA

Eu? eu sou da Bahia; não vê logo?

PEDRO, *de beiço cahido:*

Tá vendu, tá. Êh... I turu lá é assim?

SABINA

Tudo quê?

PEDRO

Mulatinha?

SABINA

Tu não te enxergas, negro? Commigo é nove! Não sou mulata p'rós teus beiços. Iche! diabo do tição! Vai te lavar, tio.

PEDRO

Uai! antonce só branco é qu' é genti?

SABINA

De certo. *(Movimento de despreso:)* Não vê que eu me sujo?

Anatolio entra de jupon, chinellas de banho, uma toalha ao pescoço.

ANATOLIO

Que banheiro! Tive de fazer prodigios para conseguir molhar o corpo. *(Vendo Sabina, ápar-te:)* Palavra de honra! a unica coisa boa nesta casa é esta rapariga. *(Troca olhares com Sabina.)*

Bella fatia! *(Alto, esfregando a cabeça:)* Pedro, vai buscar o meu café.

Pedro deixa o casaco sobre uma cadeira e sahe fazendo fosquinhas a Sabina.

ANATOLIO

Lindo dia, hein?

SABINA

Muito bonito sim, senhor.

ANATOLIO, *baixo, alambicado:*

Não tanto como tu.

SABINA

Gentes, então o senhor quer me comparar com o dia?

ANATOLIO

Então? Quem tem uns olhos como tu... duas estrellas. *(Aproximando-se:)* Quantos annos tens?

SABINA

Vou entrar nos dezoito. Sahi da Bahia com dezeseis.

ANATOLIO

Vai entrar nos dezoito com este rostinho, com estes olhos e... com uma vassoura na mão. Porque não deixas esta vida de criada? Não nasceste para estes serviços. Atira fóra essa vassoura! Tens mão para um sceptro.

SABINA

Isso sim! Então o senhor pensa que eu estou aqui por meu gosto? Quem me dera um encosto.

ANATOLIO

Um encosto, hein? um encostosinho como eu, hein? Querias?

SABINA

O senhor? Pois o senhor não é casado? Sua familia não está aqui?

ANATOLIO

Ora! Um extraordinariosinho uma vez na vida até tem graça. Demais, estou em ferias. A gente quando se abala da roça não é para fazer vida de santo, não te parece? Aqui quer-se um homem alegre, um homem que saiba gastar o seu dinheiro. E tu és tão bonitinha.

SABINA

O senhor é muito rico?

ANATOLIO

Muito, muito, não; tenho alguma coisa. *(Outro tom:)* Como te chamas?

SABINA

Sabina Maria da Encarnação.

ANATOLIO

Sabina! dezoito annos. *(Sofrego:)* Encosta-te a mim, anda! *(Sabina encosta-se dengosa:)* Que tal, hein? Isto aqui é um moirão. Pódes fazer força! *(A'parte:)* Que fatia!

Pedro apparece ao fundo e, vendo os dois em colloquio, deixa cahir a bandeja e fica esgaseado. O Vigario sahe da direita, em jupon, com uma toalha no braço; pasmo.

PEDRO

Sinhô!

VIGARIO, *á meia voz:*

Olhem que maganão!

SABINA, *baixo:*

Ih! o padre e o negro!

ANATOLIO, *baixo a Sabina:*

Abre a boca! abre a boca depressa! *(Sabina obedece; alto, examinando-lhe os dentes:)* Não é nada. Que diabo! Tambem você faz um escarcéu medonho por uma coisa á tôa. *(Baixo:)* Queixa-te dos dentes, anda!

SABINA

Mas dóe tanto!

VIGARIO, *adiantando-se:*

Então, que é isso?

ANATOLIO

Estou a examinar os dentes d'esta rapariga que estava aqui a torcer-se de dôres. *(Afasta-se de Sabina; chamando:)* Pedro, dá cá o café. *(Pedro adianta-se; ao Vigario:)* Vais ao banho? *(Sabina geme.)* Vê, Bonifacio, vê se lhe achas alguma coisa nos dentes.

VIGARIO, *com intenção:*

Já lhe conheço os dentes todos.

ANATOLIO

Como?

VIGARIO

Pois não. Ainda hontem appliquei-lhe um chumaço. Não foi, rapariga?

SABINA, *d'olhos baixos:*

Foi sim, senhor. *(Põe-se a limpar os moveis.)*

PEDRO

Sinhô!

ANATOLIO

Estavas ahi? Que é do café?

PEDRO

Tá hi sim, sinhô.

ANATOLIO

Ali, onde?

PEDRO

Ni chão, sinhô: bandeja virô.

ANATOLIO

O' pedaço não sei de quê! E ficas aqui a olhar para mim? Vai já buscar outra chicara.

Pedro sahe fazendo signaes ameaçadores á Sabina.

VIGARIO, *baixo a Anatolio:*

Mais cuidado com esses exames de dentes, Anatolio. Olha que estamos em uma casa de Pensão e não sabemos se estas paredes têm olhos.

Sabina, que tem apanhado as ramas, sahe pelo fundo, corrida.

ANATOLIO, *escamado:*

Hein? pois desconfias, Bonifacio?!

VIGARIO

Não desconfio, tenho certeza. Não levo a mal, que diabo! estás ainda em tempo, não és um caco e a rapariga tenta, isso tenta, sou franco, mas toma cuidado! Assim como fui eu podia ser tua mulher e então? A gente póde examinar os

dentes de uma rapariga, é até uma obra de misericordia, mas não em uma sala como esta e a portas abertas. Toma cuidado! *(Outro tom:)* Mas vamos a saber: foste ao banho?

ANATOLIO

Fui, venho de lá: molhei-me por partes. Aquillo está por um fio. Não é um banheiro, é um conta gottas. Decididamente o teu afilhado metteu-nos em uma boa espelunca. O tal commodo que me deram é um incommodo. Tenho um visinho que, sonhando, berra como um perdido por uma Clara que deve ser surda como uma porta.

VIGARIO

Ha coisas peiores, Anatolio. Tambem posso queixar-me da visinhança, mas... *(Outro tom:)* E a pequena? como passou?

ANATOLIO

Vai melhor. Mordeu-me apenas duas vezes durante a noite; de madrugada atirou-se á orelha da criada que a acompanha e quebrou toda a louça do lavatorio. *(Outro tom:)* E o tal fakir? o tal homem da força occulta?

VIGARIO

Não deve tardar. O pequeno marcou para as dez horas.

ANATOLIO

E tu acreditas, Bonifacio?

VIGARIO

O pequeno tem grande confiança no homem. Garantiu-me que tem realisado prodigios. E' tal o seu poder sobre os espiritos malignos que os traz no bolso como nós trazemos o dinheiro e os cigarros. Tem uma immensidade de attestados e de medalhas. Emfim, vamos vêr. Vou indo para o banheiro e vai tu tratando de preparar as coisas porque o tempo avança. *(Baixo:)* E cautela com os dentes! *(Pedro apparece com uma chicara de café.)*

PEDRO

Café tá hi, sinhô. *(Correndo os olhos pela sala; áparte:)* Zêri zá fô, sinhô ta murchu. *(Anatolio toma o café.)*

VIGARIO, *sahindo pelo fundo:*

Então é uma gotteira o tal banheiro?

ANATOLIO

Um conta gottas. Bom, vamos ao vestuario. *(Entra á esquerda.)*

SCENA II

PEDRO, VALENTINA, depois OCTAVIO

PEDRO

Ah! muié, muié! Quem mi mandô vi ni capitá? Lá ni roça criôla turu andava in cima di mim: Pruquê ti Pedru p'r'aqui, pruquê ti Pedru p'r'ali. Ti Pedru vem ni capitá muié não qué sabê d'elle pruquê ti Pedru não tem gimbo i brancu tem. Ma Noss Sinhô tá oiandu. *(Tirando do bolso um bilhete de loteria:)* Biête tá qui; si sorti sai n'essi numbru manhan mêmu negru tá di rolojo i di gravata, rangendo botina i batendu bengala ni cidadi. Antonce qué vê si negru vai p'r'u cantu. *(Valentina sahe da 1.ª porta á esquerda. Vendo-a, áparte:)* Uhm, uhm! denti tá hi. *(Sahe a correr pelo fundo.)*

VALENTINA

Quasi dez horas! *(Atravessa a scena e vai ba-*

ter á porta do quarto do Vigario.) Seu Vigario! O' seu Vigario! Estará dormindo ainda? Seu Vigario! *(Outro tom:)* E se eu entrasse para despertal-o? *(Hesitante:)* E' um homem, mas é um padre... *(Outro tom:)* E' um padre, mas é um homem. Não! Seu Vigario! *(Desanimada:)* Ah! meu Deus! que hei de fazer sósinha? Que hei de fazer diante d'esse medico que me vem examinar? Isto já está entrando pelos olhos. *(Outro tom:)* E se eu fugisse? Mas como, se não conheço a cidade? Fujo, mas perco-me. Ora, perdida já estou eu. *(Batendo á porta do quarto:)* Seu Vigario! *(Depois d'uma pausa, descorçoada:)* Com certeza recolheu-se tarde, como papai que entrou quando os gallos começavam a cantar. Este Rio de Janeiro! Nem Octavio ao menos. *(Octavio apparece ao fundo, azafamado:)* Que hei de fazer, meu Deus!

OCTAVIO, *precipitando-se*:

Valentina!

VALENTINA

Até que emfim! *(Octavio olha em torno.)* Estás tão frio, Octavio!

OCTAVIO

Frio, eu? pois olha: estou sobre brazas, tenho o juizo a arder. Que é do meu padrinho? E teu pai? Então? não estás mais á vontade aqui? Ah! Valentina, se soubesses... Tenho feito prodigios! Has de convencer-te de que sou um homem de imaginação! *(Outro tom:)* E o padrinho?

VALENTINA

Mas que tens? Que modos são esses? Estás atordoado.

OCTAVIO

Pudéra! Ha tres noites que não durmo. O fakir já está ahi.

VALENTINA

Que fakir?

OCTAVIO

Thomé, meu criado; o medico.

VALENTINA

Mas que criado? Que medico?

OCTAVIO

O meu. *(Batendo á porta do quarto do Vigario:)* Padrinho, são dez horas, o fakir está ahi.

VALENTINA

E', então, o teu medico que me vem examinar?

OCTAVIO

E' o meu criado. *(Outro tom:)* Mas que espiga, hein? aquelle passeio ao pomar. Quem diria que havias de voltar com um fruto.

VALENTINA

Que me tem amargado muito, valha a verdade.

OCTAVIO

Olha lá, Valentina: nada de sustos, tu não estás em condição de apanhar sustos; nem sustos, nem carreiras. Arranjei as coisas maravilhosamente; tudo depende do desempenho, vê lá! Lembrei-me de fazer um ensaio, mas como? onde?

VALENTINA

Mas explica-me: que hei de fazer?

OCTAVIO

Has de dormir, entendes? e, como em sonho, contarás a scena do pomar.

VALENTINA

Eu, não! Deus me livre!

OCTAVIO

Ouve; quando eu digo «a scena do pomar», fica subentendido que não me refiro á verdadeira scena. Dirás que, adormecendo, uma tarde, á sombra dos laranjaes, viste um pequenino diabo, um diabo vermelho, que te perseguia. Lutaste energicamente, mas não conseguiste evitar que o maldito penetrasse.

VALENTINA

Mas isso é quasi a verdade.

OCTAVIO

Por outras palavras: a personagem apparece

com o pseudonymo de diabo. Ah! o pseudonymo é uma grande coisa, Valentina!

VALENTINA

Que é pseudonymo?

OCTAVIO

Pseudonymo é assim uma forma do «ser e do não ser», *essere o non essere, to be or not to be...*

VIGARIO, *fóra:*

Eu estou habituado a grandes aguas, a verdadeiros diluvios. Isso não é banheiro, é uma bisnaga.

Entra esfregando a cabeça.

SCENA III

VALENTINA, OCTAVIO e o VIGARIO

OCTAVIO, *adiantando-se:*

Padrinho! *(Beija-lhe a mão.)*

VALENTINA

Ah! seu Vigario!

VIGARIO

Que é? Que ha? Que é do homem, o fakir?

OCTAVIO

Não deve tardar: deixei-o engraxando os borzeguins do Louzada.

VIGARIO

Bem, vou vestir-me. *(A Valentina:)* Agora, menina, calma: nada de precipitações — sangue frio e presença de espirito porque vamos jogar a grande cartada. *(Discretamente:)* O homem é um criado.

OCTAVIO

E' o meu criado, um pobre idiota.

VIGARIO

Vai agora para o teu quarto e, vê lá! Calma e presença de espirito.

VALENTINA, *ingenuamente:*

Devo morder?

VIGARIO, *indeciso:*

Isso agora... *(A Octavio:)* Que dizes? uma

dentadasinha para principiar, hein? E' de effeito.

OCTAVIO

Não, meu padrinho; nunca! Façamos as coisas com cautela e respeitando as conveniencias. Thomé é um poltrão de marca. Se Valentina mordel-o tenho a certeza de que abalará por ahi, a berrar e perderemos a occasião e o trabalho. Demais, convém não esquecer que elle é uma notabilidade, que tem uma grande força hypnotica: é assim como um Charcot ou como uma poesia nephelebata: adormece logo. Ao seu olhar ella deve cahir fulminada. *(A Valentina:)* Logo que o vires, brrr, um estremeção, rangidos de dentes, olhos esbogalhados, braços retorcidos, brrr! e, de repente: bumba! no sofá, numa cadeira, no chão, onde quizeres, dormindo. *(Ao Vigario:)* E' preciso que as coisas sejam solemnes.

VIGARIO

Pois sim, pois sim. Então é brrr! brrr! Entendeste, pequena?

VALENTINA

Perfeitamente: brrr! brrr! Vou, então, preparar-me. Até já.

OCTAVIO

Calma, Valentina, calma.

VALENTINA

Descança.

SCENA IV

O VIGARIO, OCTAVIO, depois ANATOLIO

OCTAVIO

Ah! padrinho, palavra de honra, que espiga! não durmo, não cômo, não descanço. Hontem estava dissecando um cadaver e tive tal accesso de nervos que lhe cravei o bisturi no coração. Se não fôsse um defunto eu estava agora com um processo ás costas por crime de homicidio. Não sei onde tinha a cabeça, palavra de honra.

VIGARIO

Pois, meu amigo, agora é aguentar com as consequencias... E has de casar.

OCTAVIO

Certamente, mas... o coronel não me vê com

bons olhos, acha que sou um libertino, um incendiario, um atheu.

VIGARIO

Já o abrandei e, depois... que remedio tem elle? *(Cruzando os braços:)* Mas, francamente: tu não tinhas mais que fazer, rapaz?

OCTAVIO

Ora, padrinho, ponha-se o senhor 'no meu lugar.

VIGARIO

Que eu me ponha no teu lugar!

OCTAVIO

E' um modo de dizer.

VIGARIO

Um modo de dizer... Foi um abuso de confiança! *(Outro tom:)* E esta casa? Pois não achaste na cidade coisa melhor do que isto? Uma casa sem banheiro, onde só ha linguas: linguas ao almoço, linguas ao jantar... Tenho linguas até aqui. Não é uma Pensão, é a torre de Babel.

De mais a mais um trombone de vara que me põe nervoso. Bem nos podias ter deixado no *Hotel Flor da Harmonia*, ali, ao menos, havia comida e agua.

OCTAVIO

E moscas e escandalos. Aqui, ao menos, quanto á honestidade...

VIGARIO

Qual honestidade! Eu preferia mais agua e mais bife.

Anatolio apparece á porta do quarto, á esquerda, de sobrecasaca e calças amarellas.

ANATOLIO, *a Octavio:*

Bons olhos o vejam! Então, que é do grande homem?

OCTAVIO

Não deve tardar, coronel. Ficou engraxando os borzeguins do Louzada.

ANATOLIO

Engraxando os borzeguins? Pois elle engraxa?

VIGARIO

Querias que o homem viesse para aqui com os sapatos sujos?

ANATOLIO

Perdão, mas o Octavio disse que elle ficou engraxando os borzeguins do Louzada...

OCTAVIO

No Louzada, coronel; lugar onde.

ANATOLIO

Ah! *(Outro tom; ao Vigario:)* Homem, minha mulher é que não vai bem. Creio que pegou a molestia da pequena.

OCTAVIO, *á parte:*

Com quarenta e cinco annos!

ANATOLIO

Esta noite, a pretexto de que eu estava perfumado, atirou-se a mim aos beliscões que não sei como não me acabou. Palavra, estou com mêdo.

VIGARIO

E' caso para isso.

OCTAVIO, *ao Vigario :*

Mas porque não se vai vestir, meu padrinho? *(Consultando o relogio:)* São quasi dez horas, o homem não tarda.

VIGARIO

Tens razão; vou indo. *(Entra no quarto.)*

SCENA V

ANATOLIO e OCTAVIO

OCTAVIO

Pois é verdade, coronel... Vai o senhor vêr uma notabilidade.

ANATOLIO

O tal... como se chama?

OCTAVIO

Thomé Ledesma.

ANATOLIO

Ledesma, isso! Mas que nome... Ledesma!

OCTAVIO

Quer dizer em aryano: claro sol.

ANATOLIO

Ah! Queira Deus que elle realise o prodigio. Já é tempo, mesmo porque ha ahi uma pessoa que se interessa muito pela pequena, mas... não tem animo de a pedir porque, tu sabes, com a mania das dentadas, é um perigo. Preciso cuidar do seu futuro, estou velho e a gente não sabe quando é o dia da viagem grande. Não lhe têm faltado pretendentes, tem tido muitos: o Gomes, da *Babylonia*; o Candinho, da *Olaria*; o Zezinho, *Feijão Branco*.

OCTAVIO

Um bom partido.

ANATOLIO

Qual bom partido! quebrado, hypothecado, sem vintem. Não, o homem que eu tenho de olho

é formado e tem um grande futuro. Não é rico, mas que diabo! o dinheiro é palha, não achas?

OCTAVIO

Palha reles, coronel. Só ha um banco que não quebra: *(Batendo na fronte:)* é este.

ANATOLIO

Só a cacete.

OCTAVIO

A cabeça é um grande e solido capital.

ANATOLIO

Para os que não andám com o juizo a juros, como eu. *(Outro tom:)* Mas como eu dizia: é um moço de futuro. *(Resoluto:)* Homem, aqui entre nós, é o Dr. Liborio. Conheces o Dr. Liborio?

OCTAVIO

O Liborinho?

ANATOLIO

Liborinho!? Liborão! Liborão é que é! Liborão! *(Com solemnidade:)* E' um representante.

OCTAVIO

Perdão, coronel: será. As urnas ainda não se manifestaram e, se a eleição correr livremente, jogo alguma coisa na derrota d'esse... *(Decidido:)* Coronel, eu tambem sou candidato e apresento-me pelo 5.º districto.

ANATOLIO

Tu!

OCTAVIO

Eu mesmo, coronel. Saio a campo sem apparato, tal é a confiança que me inspira o eleitorado independente do 5.º districto, que não hesitará um instante entre o meu nome e o do Dr. Liborio. Perdôe-me, coronel, mas quem é o Dr. Liborio? um aventureiro, filho da cabala e da alicantina, que surgiu d'um momento para outro inculcando-se para representar um districto onde nem sequer é conhecido. Vive em constantes viagens, de fazenda em fazenda, implorando votos a troco de «apoiados» que dará, mais tarde, na Camara, e de um subsidio pingue que é o seu verdadeiro e unico ideal politico. Que tem feito o Liborinho pelo 5.º districto? fez a festa de S. Benedicto e

aquelle escandalo com a mulher do Pecegueiro que lhe custou uma boa roda de pau. Quaes são as idéas do Liborinho?

ANATOLIO, *quasi vencido:*

Homem, eu mesmo não sei.

OCTAVIO

Nem elle.

ANATOLIO, *depois de uma pausa:*

E' exacto — nem elle. Umas vezes, tal e coisas, a lavoura, fonte da riqueza nacional; d'ahi a pouco, num berro: «Tudo pelo proletariado!»

OCTAVIO

E mais ainda, coronel. *(Com mysterio:)* frequenta assembleias de socialistas.

ANATOLIO, *espantado:*

Que me dizes?!

OCTAVIO

A pura verdade. Liborinho é um perigo, é uma marmita de dynamite. *(Lisonjeiro:)* E eu,

coronel, nasci no 5.º districto e aprendi a verdadeira doutrina com um homem que é o catechismo do politico, o vademecum do perfeito republicano.

ANATOLIO

E quem é esse homem?

OCTAVIO

O coronel Anatolio Domingues do Espirito Santo.

ANATOLIO, *lisongeado:*

Ora, ora... Catechismo, não digo; vademecum tambem não... *(A'parte:)* Vademecum!? *(Alto:)* Mas as minhas idéas são as de um homem de bem e de experiencia. *(Outro tom:)* Homem, as tuas observações parecem-me justas: d'onde terá vindo esse Dr. Liborio?

OCTAVIO

Anda de aventura em aventura, coronel. Tem explorado tudo, quer agora tentar a politica. E talvez consiga o seu desejo porque, infelizmente, os que mais valem são os que menos merecem. De que servem talento, illustração, caracter se a

astucia e um meio arco de circulo espinhal têm mais valor aos olhos dos homens? Conheço a fundo a natureza humana, não só anatomicamente como psychologicamente: terra e fraude, coronel, hypocrisia e vaidade. Já ouvi dizer, e peço-lhe a maior reserva, que o Liborinho é bigamo.

ANATOLIO

Bigamo! Como bigamo?! *(A'parte:)* Que diabo vem a ser bigamo? eu sabia... *(Alto:)* Mas... bigamo? Bigamo de verdade?

OCTAVIO

Sim, senhor: casado com duas mulheres.

ANATOLIO

Hein?! Então, se eu lhe dér a pequena, fica trigamo. Olhem o turco!

OCTAVIO

Talvez sejam calumnias, mas que ouvi, juro, coronel.

ANATOLIO

Trigamo! E' um serralheiro, um pachá! E

tão sonso; parece que não mata uma mosca... e com duas e pensando na terceira, o Barba azul!

OCTAVIO

Acho prudente que o coronel tire a limpo esse caso antes de qualquer resolução.

ANATOLIO

Por certo, vou tratar d'isso. Trigamo! que patifaria!

OCTAVIO

Talvez sejam calumnias... em todo caso...

ANATOLIO

E eu que estava resolvido a dar-lhe a pequena logo que ella ficasse desoccupada do demonio...

SCENA VI

Os mesmos, VIGARIO e MARGARIDA

VIGARIO, *sahindo do quarto :*

Esse trombone...! Decididamente levo d'aqui a trompa dos ouvidos em frangalhos. Estava

para encetar a minha leiturasinha santa quando a coisa começou: ahon! ahon! O diabo que ature semelhante casa que é até philarmonica.

MARGARIDA, *sahindo do quarto á esquerda vestida extravagantemente :*

São dez e um quarto. *(Comprimentando:)* Bom dia! Adeus, Octavio. *(A Anatolio:)* Eu já estou com fome, não posso esperar mais. Vem ou não o tal homem? *(Baixo:)* Olha o que eu achei na manga do teu casaco.

ANATOLIO

Que é?

MARGARIDA

Um fio de cabello louro. Isto é de alguma franceza, Anatolio!

ANATOLIO

Que franceza, creatura! Pois eu sei francez para andar com francezas? só se as traduzissem...

MARGARIDA

Então de quem é este fio de cabello?

ANATOLIO

Sei lá! póde ser da Occasião. *(Outro tom:)* Demais, minha filha, é tal o aperto na rua do Ouvidor que a gente custa a livrar-se d'essas coisas. Tive um amigo que um dia levou para a casa uma trança de metro e meio agarrada ao cabo do guarda-chuva. Que queres? quando a gente entra no matto não vem cheia de carrapichos? Na rua do Ouvidor não ha carrapichos, mas ha cabellos que é um nunca acabar. Não é verdade, Bonifacio? Hein? *(Pisca-lhe o olho.)*

VIGARIO, *atarantado:*

Pois não, pois não: a pura verdade.

MARGARIDA

Então um fio de cabello d'este tamanho?

VIGARIO

Pois não, póde ser de barba. Como os cabellos são hoje vendidos por bom preço ha homens que deixam crescrer a barba e vendem-n'a depois para tranças.

MARGARIDA

Que barba, seu Vigario! Então o senhor pensa que eu engulo caraminholas...

SABINA, *fóra :*

Eu já disse que não quero brincadeiras commigo. Diabo do tição!

SCENA VII

Os mesmos, SABINA e PEDRO

Sabina apparece ao fundo seguida de Pedro que vem de sobrecasaca e botinas, mancando.

MARGARIDA, *á parte :*

A mulata...

SABINA, *a Anatolio :*

Está lá em baixo uma pessoa que quer falar com o senhor.

ANATOLIO

Commigo? Quer falar commigo?! Quem é? *(Baixo:)* Não te esqueças do encosto, hein?

SABINA

Não disse não, senhor.

MARGARIDA

Deve ser o homem. Manda subir.

VIGARIO, *baixo a Octavio :*

Olha o teu criado; vai buscal-o.

OCTAVIO, *precipitando-se :*

Eu vou recebel-o. Com licença! *(Sahe ás pressas; Sabina acompanha-o.)*

SCENA VIII

ANATOLIO, VIGARIO, MARGARIDA e PEDRO

VIGARIO

Vamos arranjando a sala. *(A'parte:)* Candidato! Decididamente este rapaz tem alguma idéa na cabeça.

ANATOLIO, *ás voltas com a gravata :*

Maldita gravata! Parece que estou com a

corda na garganta. *(A Margarida:)* Avia-te, filha!

MARGARIDA, *com um mômo:*

Avia-te! Olha que o tal cabello não me sahe da cabeça.

ANATOLIO

E bom será que não saia porque eu não te quero vêr pellada. *(Afflicto:)* Raio de gravata!

VIGARIO

Vamos arranjando esta sala.

MARGARIDA

E' verdade: quem teria levado d'aqui as batatas do Marçal?

ANATOLIO

Que batatas?

MARGARIDA

As que elle te deu para mostrares aos medicos.

ANATOLIO

E' verdade! As batatas do Marçal. *(A Pedro:)* Não viste por ahi as batatas do Marçal?

PEDRO

Batata? Batata di nhô Marçá? sim, sinhô: pareci qui esse môça caregó lá p'ra baxo.

MARGARIDA

Que môça?

PEDRO

Esse môça qui aranja us quartu, sinhá.

VIGARIO, *sempre arranjando a sala:*

Olha, Anatolio, manda prevenir que as taes batatas são medicinaes. Póde acontecer alguma.

ANATOLIO

Sim, sim, tens razão. Pedro, vai dizer á senhora que me mande as batatas que a criada levou d'aqui. *(Ao Vigario, sempre ás voltas com a gravata:)* Viu aquelle monte de rama e julgou, com certeza, que era lixo. *(A Pedro:)* Anda, rapaz! Move-te! *(Pedro vai até á porta, mas volta espantado.)*

PEDRO, *mysterioso:*

Sinhô, tá hi aquelli môço d'un vidru só nu ôio.

ANATOLIO, *á parte, furioso:*

O Liborio...? o trigamo! *(Desesperado:)* Esta gravata mata-me! *(Alto:)* Está ahi o Dr. Liborio.

MARGARIDA

O Dr. Liborio!? *(A'parte:)* Eu nem quero olhar para esse homem que teve o sem vergonhismo de apresentar-se diante de mim quasi nú.

SCENA IX

ANATOLIO, o VIGARIO, MARGARIDA e LIBORIO

LIBORIO, *apparecendo ao fundo:*

Dão licença?

ANATOLIO, *contrafazendo-se:*

Pois não, doutor! *(Liborio entra. A'parte, indignado:)* Duas mulheres! *(Alto:)* Então como tem passado? *(Apresentando-o:)* O Dr. Liborio... *(A'parte:)* Trigamo!

VIGARIO

Já nos conhecemos. *(Trocam-se apertos de mão.)*

MARGARIDA, *á parte:*

Não posso mais olhar para esse moço sem rir; parece-me sempre que elle está em fraldas de camisa.

LIBORIO, *sorridente:*

Soube que haviam chegado e não quiz demorar a minha visita. Como parto no expresso da tarde resolvi dar um pulo até aqui. Então, coronel, que disse o Dr. Bispo?

VIGARIO, *á parte:*

Dr. Bispo!?

ANATOLIO

Ainda não veiu vêl-a; mas não deve tardar.

LIBORIO

Ah! *(Outro tom:)* Aqui lhe trago, coronel, a minha circular definitiva. E' uma peça!

VIGARIO, *á parte:*

A mim é que não a pregas!

ANATOLIO

Mas nós estamos esperando o medico.

MARGARIDA

Elle já deve vir pelas escadas.

ANATOLIO, *á parte :*

Em mulheres e circulares ninguem o ganha. *(Furioso com a gravata:)* Irra!

LIBORIO

E' pouca coisa, coronel, e como a tenho lido a todos os eleitores já a sei de cór. Vai vêr. *(Com emphase:)* «Ao intrepido e independente eleitorado do 5.º districto. Meus amigos... *(Ouve-se o trombone:)* Que é isto?

VIGARIO

E' o meu visinho da direita. Como é um pouco surdo toca assim forte para que os visinhos lhe digam quando desafina.

LIBORIO

Ah! *(Continuando a declamar:)* «Apresentando a minha candidatura a um lugar na repre-

sentação nacional...» *(Explicando:)* Não escrevi «no seio da representação nacional» porque, na eleição passada, a senhora do capitão Virtulino trabalhou contra mim allegando que eu me servia de palavras indecentes. Tirei o seio, acho que não se perde grande coisa...

ANATOLIO

Nada, doutor. Olhe, eu nem havia dado por isso.

O Vigario e Margarida continuam a arranjar a sala. Anatolio, diante do espelho, nervoso, puxa e repuxa a gravata.

LIBORIO, *continuando:*

...na representação nacional, devo dizer-vos, antes mesmo de pleitear a minha causa, quaes são as idéas do meu programma. *(Com enthusiasmo:)* Sou dos que pensam que a patria está á beira d'um abysmo, dum barathro, d'um vórtice. Urge dar-lhe mão forte.

VIGARIO, *dando um pulo:*

Oh! diabo! até lagartixas ha por aqui. *(Dando com o lenço:)* Chiça!

LIBORIO, *continuando:*

O povo, esquecido dos seus direitos, cahe em abatimento, em inercia...

ANATOLIO

Decididamente não me ageito com as taes gravatas modernas. Vê se me dás um laço aqui, Margarida. *(Volta-se e esbarra com o doutor:)* Oh! doutor...

LIBORIO

A lavoura luta com a falta de braços.

ANATOLIO

Grande verdade! *(Outro tom:)* Vê se me dás um laço aqui, Margarida.

LIBORIO

As industrias estão paralysadas, o commercio soffre a pressão do estrangeiro que tem os olhos voltados para nós como um abutre acompanhando a agonia de um corpo.

ANATOLIO, *á parte:*

Agoniado estou eu, grandissimo trigamo!

MARGARIDA, *nervosa:*

Não posso! Não entendo d'isto.

ANATOLIO

Bonifacio, vê se me arranjas esta gravata. *(A Liborio:)* ...agonia de um corpo, doutor.

VIGARIO

Filho, eu nunca lidei com essas modas. *(Saltando:)* Chiça! O' senhores, quanta largatixa!

ANATOLIO

Doutor, desculpe-me, mas o senhor deve entender... Por favor, já estou pelos cabellos!

LIBORIO

Pois não, coronel. Em gravatas sou forte. *(Vai fazendo o laço e declamando:)* ...e nós, indifferentes. *(Detem-se:)* ...indifferentes... *(Distrahidamente vai apertando o laço:)* ...indifferentes...

ANATOLIO, *angustiado:*

Ai! Está-me enforcando!

LIBORIO

Esqueci.

ANATOLIO

Pois tambem...?

LIBORIO

Não, coronel, esqueci a circular. Mas não ha duvida, trago-a sempre commigo. *(Tira um rolo de papeis do bolso.)* Cá está.

ANATOLIO, *á parte:*

Pois sim!

SCENA X

Os mesmos, PEDRO, NHÁ RITA, depois SABINA

PEDRO, *fóra:*

E' aqui mêmo sim, senhora.

NHÁ RITA, *fóra:*

Quanta escada, Virgem Maria!

PEDRO, *apparecendo ao fundo:*

Sinhô, Nhá Rita tá hi!

NHÁ RITA, *apparecendo ao fundo:*

Que é da pequena? *(Precipitam-se todos para recebel-a.)*

MARGARIDA

Nhá Rita! A senhora no Rio de Janeiro! Que é isto? *(Abraça-a.)*

ANATOLIO

Que novidade é esta? *(Offerecendo-lhe uma cadeira:)* Sente-se.

VIGARIO

Por cá!

NHÁ RITA

E' verdade, seu Vigario. *(Sentando-se:)* Ai! minhas pernas! Não posso com esta cidade. Que lufa-lufa! E' carro p'r'aqui, bond p'r'ali... Uma confusão que põe a gente tonta.

MARGARIDA

Como deixou todos?

NHÁ RITA

Todos bons, com a graça de Deus. O que

houve de maior foi a queda da pinguella do Manoel Dias, com as aguas, e a pobre da Maria Luiza que estava em cima que ficou descadeirada. *(Outro tom:)* Sabem porque vim cá?

VIGARIO

Veiu fazer sortimento.

NHÁ RITA

Sortimento de que, seu Vigario? Vim por causa dos dentes. Têm-me doído muito.

LIBORIO

Aqui ha dentistas de primeira ordem que chumbam, que arrancam sem dôr.

NHÁ RITA

Chumbar o quê, moço? Arrancar o quê?

LIBORIO

Pois a senhora não está soffrendo dos dentes?

NHÁ RITA

Dos dentes d'ella, moço. Os meus não precisam de chumbo nem de nada, graças a Deus.

Estou velha, mas olhe! *(Escancella a boca mostrando os dentes:)* Aqui o Senhor não encontra um caco. *(Outro tom:)* Mas como eu ia dizendo. Seu Chico Thomaz appareceu lá em casa para me levar uma gallinha, justamente no dia da benzedura da pequena. Eu estava de cama, coberta de cataplasmas, gemendo, quando elle entrou. Seu Chico perguntou: «Que é que vosmecê tem, Nhá Rita?» Contei a coisa: que a pequena tinha-me ferrado os dentes num momento de raiva. Palavras não eram ditas quando o homem, como se houvesse sido picado por uma cobra, deu um pulo p'ra traz. *(A Pedro:)* Vai buscar um cópo d'agua que estou com a guella secca que não posso. *(Pedro sahe. Continuando, tom de espanto, a imitar a voz de um homem:)* «Nhá Rita, vosmecê foi mordida? a menina estava com raiva e vosmecê ainda está aqui? Corra já para o Rio de Janeiro, porque vosmecê está aqui, está damnada que nem cachorro.» *(Outro tom:)* Quando ouvi isso, palavra de honra! tive vontade de atirar com um diabo á cara de seu Chico Thomaz, mas comecei a matutar commigo: «Quem sabe lá? E se eu damnar mesmo?» Pois, não lhes conto nada: não preguei olho toda a santa noite e parecia que alguem me dizia baixinho: «Nhá Rita, você

está damnada que nem cachorro. Você está damnada.» Assim que amanheceu não quiz saber de historias, mandei chamar o Zé Telles, o que cura os bichos, e perguntei se a gente podia damnar como cachorro. «Como não, Nhá Rita? tenho visto tantos casos...» Ah! então é que foi medo! Que é que eu hei de fazer? Fale, seu Zé Telles. Eu fui mordida; me dê um remedio, pelo amor de Deus. Elle, coitado! só entende de molestias de burros e de cachorros, disse mesmo, foi franco: «Nhá Rita, se vosmecê fôsse bicho eu curava, mas assim, não me atrevo. Olhe, vá ao Rio de Janeiro, ha lá um substituto que cura a gente de damnação.» Elle me deu o nome do substituto, parece que é Pastel. *(Outro tom:)* Não quiz saber de mais nada: puz na mala umas duas camisas, uns dois pares de meias e toquei-me por ahi abaixo, no expresso da manhan. Cheguei ind'agorinha e vim num tilbury até aqui, porque seu Marçal me deu o nome da rua e o numero da casa *(Pedro apparece com a agua. Depois de beber:)* Agora só quero que me digam onde é que mora o tal substituto.

ANATOLIO

Exageros, Nhá Rita, exageros. As denta-

das da menina são inoffensivas. Olhe, aqui o doutor tambem foi mordido, entretanto... *(Pedro sahe.)*

NHÁ RITA

Elle que se fie na Virgem. A mim é que ella não apanha mais. *(Correndo os olhos pela casa:)* Não vá ella apparecer por aqui.

Liborio senta-se e vai, cuidadosamente, dispondo em ordem as tiras da sua circular.

MARGARIDA

Já não morde, Nhá Rita.

VIGARIO

Está um cordeirinho.

NHÁ RITA

Pois sim, mas o meu corpo é que ella não apanha mais. *(Outro tom:)* Mas falemos de outras coisas. Não haverá aqui um commodo que me sirva, comtanto que não seja neste andar, porque não posso com a lida de subir escadas nem quero ficar perto de Valentina, desculpem-me, mas o seguro morreu de velho?

VIGARIO

Arranja-se, arranja-se.

SABINA, *entrando, a Margarida:*

A senhora está chamando?

MARGARIDA

Chamei, sim. Não viste umas hervas e umas batatas que estavam naquelle canto?

SABINA

Vi sim, senhora.

MARGARIDA

Onde estão?

SABINA

Levei lá para baixo. Pensei que a senhora não queria aqui aquelle matto.

MARGARIDA

Pois quero, principalmente as batatas que são medicinaes.

NHÁ RITA

Ah! é verdade! as batatas de seu Marçal. Elle

pede que não se esqueçam de mostral-as a um medico.

VIGARIO, *a Sabina:*

E, vê lá! não te demores. Olha que a cosinheira póde ter-se enganado com alguma das batatas e são venenosissimas. Uma só é bastante para dar cabo de metade da população d'esta cidade.

ANATOLIO

Metade?! toda a população!

SABINA, *aterrada:*

E eu que deixei tudo na cosinha, meu Deus!

VIGARIO

Pois vai a correr, rapariga. Trata de evitar a tremenda catastrophe.

SABINA

Ah! minha Nossa Senhora! *(Outro tom:)* E se ella já tiver ensopado as batatas?

VIGARIO

Não escapa um hospede.

ANATOLIO

Não escapa um rato.

VIGARIO

Uma lagartixa.

MARGARIDA

Anda, rapariga! corre! Talvez ainda possas evitar a desgraça.

SABINA, *vai até á porta e volta desanimada:*

Mas os hospedes já estão almoçando.

VIGARIO

Corre e grita que não comam batatas.

SABINA

Valha-me Deus! *(Sahe a correr.)*

LIBORIO, *levantando-se:*

Prompto, coronel. Agora eu leio. *(Lendo, com emphase:)* «Ao intrepido e independente eleitorado do 5.º...

MARGARIDA, *intervindo:*

Mas agora não é possivel...

SCENA XI

ANATOLIO, VIGARIO, LIBORIO, MARGARIDA, NHÁ RITA, OCTAVIO, THOMÉ depois VALENTINA

OCTAVIO, *apparecendo ao fundo:*

Entre, Doutor.

Thomé apparece ao fundo: oculos escuros, grandes barbas, cabellos até os hombros. Anatolio adianta-se para recebel-o e, vendo-o cambalear, ampara-o. Emquanto Thomé distribue apertos de mão, o Vigario e Octavio conversam á esquerda.

VIGARIO, *baixo:*

Então?

OCTAVIO, *furioso:*

Ah! meu padrinho, o maldito está que não se póde ter nas pernas. Deixei-o ali na venda da esquina e... *(Outro tom:)* Mas eu estarei junto d'elle, descance. *(Fecha a porta do fundo; alto:)* E dona Valentina?

VIGARIO

Vão chamar a pequena. *(A'parte:)* Mas em que estado vem o tal Ledesma. *(Anatolio vai ba-*

ter á porta do quarto de Valentina: Thomé procura amparar-se aos moveis.)

NHÁ RITA, *a Margarida:*

Esse homem não me parece muito seguro das pernas.

LIBORIO, *baixo, a Octavio:*

Doutor, o fakir parece-me um pouco... *(Gesto de beber.)*

OCTAVIO

Elle é estrangeiro, cambaleia um pouco porque não conhece bem o solo em que está pisando. *(A'parte:)* Grandissimo bebedo! *(Baixo a Thomé:)* Senta-te e segura-te!

THOMÉ, *sentando-se, a meia voz:*

Olhe, patrão, eu preciso explicar o meu procedimento: faz hoje um anno que morreu minha madrinha, a senhora que me criou, porque eu não conheci pai nem mãi, nem nada... *(Chora.)*

LIBORIO, *baixo, a Octavio:*

Elle está chorando.

OCTAVIO

Sim, é... é com a influencia dos fluidos ethereos.

LIBORIO

Ah!

ANATOLIO, *á porta do quarto de Valentina:*

Minha filha! Valentina...

Valentina sahe do quarto. Ao vêl-a Nhá Rita persigna-se e foge para o fundo.

OCTAVIO, *baixo a Thomé:*

Levanta-te! E' a hora. Vê lá! os braços estendidos, o olhar bem seguro. Vamos: Em nome do Paráclito!

THOMÉ, *põe-se de pé, com difficuldade, estende os braços e, fitando os olhos em Valentina, brada:*

Em nome do Paráclito!

Grande silencio. Valentina estaca com os olhos cravados em Thomé que ri, alvarmente. O trombone sôa com estrondo:

NHÁ RITA, *aterrada :*

Minha Nossa Senhora!

OCTAVIO, *baixo a Thomé :*

Em mim reside a Força que tudo cria...

THOMÉ

Em mim reside a Força que tudo cria... *(Fazendo grandes esforços para lembrar-se:)* que... que tudo rege, que... tudo destróe. Em mim reside a vida. A minha vontade é soberana: a um aceno meu... a um aceno meu... os mortos morrem e os vivos resuscitam.

OCTAVIO, *baixo :*

E' o contrario!

THOMÉ, *repetindo :*

E' o contrario... *(Movimento de Octavio.)*

OCTAVIO, *baixo :*

A' minha vontade a natureza inteira dobra-se...

THOMÉ

A' minha vontade a natureza inteira dobra-se... o ceu vem occupar o plano inferior, as aguas sobem..., os astros perecem. Eu represento a Grande Força.

OCTAVIO, *baixo:*

Alma, principio immortal!...

THOMÉ

Alma, principio immortal, força suprema, germen eterno, abandona o corpo que te serve de... de... de... *(O trombone sôa com violencia:)* de tilbury.

OCTAVIO, *baixo, desesperado:*

Qual tilbury, animal: vehiculo!

THOMÉ, *voltando-se, á meia voz:*

Pois não foi o senhor mesmo que me disse que se eu esquecesse a palavra que me lembrasse de tilbury?

OCTAVIO, *a Valentina, de longe:*

Brrr!

Valentina vai, como attrahida, recuando até o sofá onde cahe e logo adormece.

NHÁ RITA, *assombrada:*

Nossa Senhora!

ANATOLIO

E' assombroso!

OCTAVIO, *baixo, a Thomé:*

Vai fazer os passes.

Thomé aproxima-se de Valentina e põe-se a fazer passes mysteriosos contendo-se para não cahir sobre ella.

LIBORIO, *a Anatolio:*

O que se está passando é, realmente, maravilhoso!

ANATOLIO

Eu estou com os cabellos em pé. *(Grande balburdia á porta do fundo. Vozes bradando: «Assassinos! Feiticeiros!» Thomé cahe sobre Valentina que o empurra e salta para o meio da sala. Octavio ampara Thomé.)* Que será?

LIBORIO

Denuncia, com certeza. A policia não permitte estas sessões mysteriosas.

NHÁ RITA, *aterrada:*

A policia? E' a policia que está ahi? Ah! minha Mãi do céu!

As vozes continuam; a porta estremece forçada.

ANATOLIO, *baixo a Octavio, indicando Liborio:*

Deve ser por causa d'elle.

VIGARIO

Mas que tem a policia comnosco?

MARGARIDA

E' um desaforo!

LIBORIO

Coronel, não resistamos á autoridade: abramos a porta.

OCTAVIO

Mas...

VIGARIO

Homem, acabemos com isto!

Abre a porta: A scena é invadida pelos hos-

pedes armados de facas de mesa, garfos, garrafas, cadeiras. Alguns contorcem-se gemendo.

ANATOLIO

Que quer dizer isto? *(Nhá Rita, Margarida e Valentina abraçam-se.)*

SCENA XII

Os mesmos, PEDRO, SABINA, VALERIA, a cosinheira e hospedes de ambos os sexos; depois o inspector e duas praças

VALERIA

Quer dizer que estamos todos envenenados.

VIGARIO

Mas expliquem-se.

VALERIA

Não temos tempo para explicações: estamos ás portas da morte.

THOMÉ, *á parte:*

Isto não está direito e eu vou tratar de sa-

far-me. *(Vai sahindo, os hospedes, porém, embargam-lhe a passagem e, na balburdia, a barba desprende-se-lhe do rosto ficando nas mãos de Valeria. Pasmo de todos:)* Agora sim: é que estou abarbado...

VALERIA, *com a barba na mão:*

Disfarçado com esta barbaridade! E' o envenenador!

OS HOSPEDES

E' o envenenador!

THOMÉ, *a Octavio:*

Ah! meu patrão! eu bem não queria...

NHÁ RITA

Esta cidade é um inferno! Eu é que nunca mais!

OCTAVIO, *aos hospedes:*

Perdão, senhores: este cavalheiro é o famoso fakir Ledesma, especialista no tratamento das molestias sobrenaturaes e da hydrophobia. Como a sua especialidade demanda certo mysterio, elle costuma caracterisar-se. Acabou de fazer uma

cura maravilhosa e ia agora tratar aquella senhora *(Indica Nhá Rita:)* que está damnada. *(Os hospedes recuam.)*

NHÁ RITA

Damnado está o senhor, não seja tolo!

VALERIA

Expliquem isso na policia.

OS HOSPEDES

Sim, expliquem na policia.

THOMÉ

Ah! patrão!

OCTAVIO, *baixo:*

Cala-te!

VALERIA

E as batatas?

ANATOLIO

Que batatas?

OS HOSPEDES

Que batatas?! as suas...

A COSINHEIRA, *com uma batata na mão :*

As que Sabina levou d'aqui, as companheiras d'esta.

VIGARIO, *tomando a batata :*

Pelo amor de Deus! esta batata é inoffensiva.

OS HOSPEDES

E' um veneno violento.

SABINA

O senhor disse que não escapava um rato.

A COSINHEIRA

...uma barata...

VALERIA

Uma lagartixa. Mas as autoridades já fôram prevenidas.

PEDRO, *tremendo, a Anatolio :*

Ah! sinhô, sordado tá hi.

Apparecem ao fundo o inspector e duas praças. Valentina cahe com um ataque.

O INSPECTOR

Em nome da lei, estão presos.

ANATOLIO, *á parte:*

Bem se vê que anda aqui o dedo do demonio.

Panno

TERCEIRO ACTO

Sala de jantar na fazenda de Anatolio. Mesa ao centro preparada para o banquete. Portas lateraes. Porta e janellas ao fundo abrindo sobre a varanda illuminada a giorno.

SCENA PRIMEIRA

ANATOLIO, MARGARIDA, PEDRO, negros e negras

Ao subir o panno ouve-se o «tan tan» longinquo do caxambú e a toada melancolica da cantilena dos negros.

MARGARIDA, *tristemente:*

Essa cantoria está me cortando o coração. *(Suspirando:)* Coitada de minha filha!

ANATOLIO

Estás ahi a lastimar a pequena como se o casamento fosse uma coisa do outro mundo.

MARGARIDA

Sim, mas quem sabe lá o que lhe está reservado.

ANATOLIO

Ora! não ha de ser nenhum bicho de sete cabeças, fica tranquilla. *(A Pedro:)* Anda com isso, rapaz.

PEDRO, *arranjando a mesa:*

Tá ranjando sim, sinhô. *(Entram negros trazendo pratos.)*

ANATOLIO

Mas parece um sonho! Uma menina que nasceu hontem.

MARGARIDA

Eu ainda guardo a primeira fralda que ella usou. Minha pobre filha! *(Puxa um relicario do seio e beija-o commovidamente:)* Minha pobre filha!

ANATOLIO

Que é isso que estás beijando? Já andas ás voltas com Santa Barbara. Deixa a santa em paz, Margarida.

MARGARIDA

Não é Santa Barbara, é o umbiguinho d'ella. *(Outro tom:)* Ah! Anatolio, e quando me passa pela cabeça a lembrança de que esse homem já me appareceu quasi nú...

ANATOLIO

Ora! que tem isso? elle tambem appareceu nú á mãi, quando nasceu, e a mãi era uma senhora de muito respeito. Deixa-te de coisas, é um excellente partido e nós não podemos andar a escolher muito, bem sabes. Se a pequena não tivesse aquelle diabo no buxo outro gallo nos cantaria, mas naquelle estado, Margarida, olha que é uma pechincha! *(Mysterioso:)* Queres que te diga uma coisa? eu, com uma mulher assim, não casava... nem a páu.

MARGARIDA

Nem que fosse eu?

ANATOLIO

Nem que fosse o diabo! Aquillo, cá para mim, sabes que parece, mal comparando? parece... de nove mezes.

MARGARIDA, *ingenuamente:*

E' a opinião de Nhá Rita. Ella diz que é menino.

ANATOLIO

Menino! Quem?

MARGARIDA

O diabo.

ANATOLIO

O diabo? menino! como menino? só se virou. *(De repente:)* Eu tambem já pensei nisso. *(Preoccupado:)* Menino... Mas como diabo entrou elle? Um demonio passa até pelo ouvido d'uma agulha, mas um menino... fia mais fino, ou mais grosso. *(Impetuoso:)* Ah! Margarida, se fôr um menino... se fôr um menino... tu já me conheces: faço uma das minhas.

MARGARIDA

Que fazes?

ANATOLIO

Que faço, hein? Que faço...? rebento-o!

MARGARIDA

Quê? rebentas meu neto? meu primeiro neto?!

ANATOLIO

Qual neto! não o reconheço como tal. E as minhas barbas? e as nossas barbas, porque tu tambem has de soffrer? Que dirão de nós os nossos amigos... e os nossos inimigos?

MARGARIDA

Ora! dirão que sômos avós. *(Outro tom, tranquilla:)* Anatolio, o que tem de ser tem muita força.

ANATOLIO

Força tambem tenho eu, minha senhora. *(Furioso:)* Então pensas que engulo um escandalo d'essa ordem? Um neto! Então que diabo de papel faço eu aqui?

MARGARIDA

Mas é a lei do mundo, Anatolio.

ANATOLIO

Qual lei! A lei é um bom cacete.

MARGARIDA

Então preferes que tua filha tenha um diabo?

ANATOLIO

Está visto! Ao menos ninguem dirá que é o resultado de uma pouca vergonha.

MARGARIDA

Que é isso, homem? Olha que Deus te castiga.

ANATOLIO

Um menino...! E dizem isso assim como se se tratasse da coisa mais natural d'este mundo. *(Outro tom:)* Minha amiga, eu sou filho de um homem de bem, um homem de grande moral. Se eu, antes de casar-me, lhe apresentasse um menino elle rachava-nos! Em questões de honra era peior que Herodes: era uma fera! Eu sou outra fera: racho-os! Estão enganados commigo! Hei de ser um avô modelo, mas... de tempo. Assim de pé para mão... nem amarrado.

MARGARIDA, *baixo:*

Olha que os negros estão ouvindo. Que genio!

ANATOLIO

Não é genio, é uma pouca vergonha.

MARGARIDA

Pois sim, mas não grites.

ANATOLIO

Hei de gritar! Sou um homem de bem. *(O Vigario apparece á esquerda.)*

SCENA II

Os mesmos, o VIGARIO, depois NHÁ RITA

VIGARIO

Homem, vocês desappareceram lá da sala... *(A Anatolio:)* Que é isso? Estás com uma cara de poucos amigos.

ANATOLIO

Coisas... *(De repente:)* Minha mulher entende que eu hei de ter sangue de barata: vive a inventar extravagancias e fica depois toda amuada se lhe digo uma das minhas.

PEDRO, *com uma travessa na mão:*

Bôta lêtão na mesa, sinhô?

VIGARIO

Mas que houve?

ANATOLIO

Esteve aqui a dizer-me que ouviu de Nhá Rita que aquillo da pequena não é o diabo.

PEDRO

Bóta lêtão na meza, sinhô?

VIGARIO

Homem, eu te digo... a mim tambem parece agóra outra coisa.

PEDRO

Bóta lêtão na mesa, sinhô.

ANATOLIO

Outra coisa! Como outra coisa?

VIGARIO

Anatolio, o mundo dá muitas voltas e, francamente: queres que te diga a verdade?

PEDRO

Bóta lêtão na mesa, sinhô?

ANATOLIO

Bóta esse leitão no inferno, não me aborreças! *(Ao Vigario:)* Bonifacio, tu dizes as coisas num tom que eu, palavra de honra... Mas, em summa: que ha?

VIGARIO

Ha... *(A' parte:)* Com seiscentos diabos! como hei de descalçar esta bota?! *(Alto:)* A pequena deve ser pedida hoje, não é verdade?

ANATOLIO

Sem falta. O Liborinho escreveu-me pedindo uma entrevista e o assumpto não póde ser outro. Não é de hoje, bem o sabes, que o rapaz gosta da pequena... E é um excellente partido.

VIGARIO

Sim, sim, mas... Valentina não está em estado de casar.

ANATOLIO

Como!? Não está em estado de casar? com dezoito annos, da minha altura...

VIGARIO

Ha impedimento e... *(A'parte:)* Que diabo hei de eu dizer? *(Nhá Rita entra apressada.)* Ora! eu digo tudo...

NHÁ RITA, *a Margarida:*

Sua filha não está bôa. Venha commigo, preciso da senhora lá no quarto.

ANATOLIO

Que ha? Que tem ella?

NHÁ RITA

Que tem? Pois o senhor não sabe? está... *(O Vigario tapa-lhe a boca.)*

VIGARIO

Pelo amor de Deus, Nhá Rita... Assim á queima roupa, não. *(Pasmo de Anatolio. Nhá Rita debate-se:)*

ANATOLIO, *desconfiado:*

Aqui ha marosca!... Ah! minhas barbas!

MARGARIDA, *á parte:*

Virgem Nossa Senhora! *(Aos negros:)* Deixem isso; vão lá para dentro. *(Os negros sahem.)*

NHÁ RITA, *libertando-se do Vigario:*

Eu não gosto d'essas brincadeiras commigo, seu Vigario.

ANATOLIO

Nhá Rita, diga toda a verdade. Trata-se das minhas barbas.

NHÁ RITA

Das suas barbas?

VIGARIO

Elle quer dizer: da menina. *(A'parte:)* Com seiscentos diabos!

NHÁ RITA

Da menina?

ANATOLIO

Sim. Que pensa a senhora do estado da menina?

NHÁ RITA

Para mim é interessante.

VIGARIO, *á parte:*

Bumba!

ANATOLIO

Interessante, mas... do diabo, não?

NHÁ RITA

Quê diabo, seu Anatolio! Então o senhor pensa que o diabo não tem mais que fazer senão andar pelo mundo entrando no corpo da gente? *(Outro tom:)* Ella não está nada boa, não. Vão tratando de arranjar por ahi alguma roupa: umas fraldinhas, umas toucas...

ANATOLIO

Fraldinhas? toucas? para quê? Então a senhora acha que devemos arranjar toucas e fraldas para uma menina...?

VIGARIO

Descancem — comprei tudo no Rio: tenho um enxoval completo.

ANATOLIO

Um enxoval?! Então... *(Furioso:)* Ah! Bonifacio, tu me trahiste!

VIGARIO, *escamado:*

Eu? Estás doido, homem?

NHÁ RITA

Nada de zangas. O que ha eu digo em poucas palavras, já que ninguem tem coragem nesta casa. Nunca vi gente tão molle.

ANATOLIO, *a parte:*

Ah! minhas barbas!

MARGARIDA, *a parte:*

Estou sem uma pinga de sangue.

VIGARIO, *á parte:*

E' agora!

NHÁ RITA, *a Anatolio:*

Ora, venha cá. Imagine que o senhor vai muito bem por uma rua e vê, á porta de uma loja, um vaso de porcellana. Acha bonito, pára, pega nelle e começa a examinal-o. De repente... zás! quebra a aza do vaso. Se o senhor fugir o dono da casa apita, o senhor é preso, é mettido no xadrez, porque não se quebra assim a aza do vaso dos outros; mas se o senhor ficar com o vaso, que se importa o dono da casa que elle vá com aza ou sem ella?

VIGARIO, *a parte:*

E' um Salomão, esta mulher!

NHÁ RITA

Mas não é assim?

ANATOLIO

Lá isso é...

VIGARIO, *solemne:*

Pois eu sei quem foi o desastrado que quebrou a aza de tua filha, Anatolio.

ANATOLIO

Conheces? Dá-me o seu nome, quero estrangulal-o.

VIGARIO, *curvando a cabeça:*

Então estrangula-me.

ANATOLIO, *pasmado:*

Pois foste tu, Bonifacio?

VIGARIO

Eu? eu não; mas, como dizes que estrangulas, offereço-me como victima do teu furor, resgatando com a minha vida a existencia preciosa de um rapaz destinado a ser uma gloria da Patria. *(Outro tom:)* Anatolio, quem quebrou a aza de Valentina foi Octavio, ahi tens.

ANATOLIO

Ah! patife!

MARGARIDA

E agora?

VIGARIO

Elle fica com o vaso, já se vê. E, que diabo! é um excellente partido, não tens rasão de queixa.

ANATOLIO

Como não tenho rasão de queixa? E as minhas barbas?

VIGARIO

E elle a dar-lhe com as barbas!

ANATOLIO

E a minha boa fé illudida? E os meus braços mordidos?

NHÁ RITA

E eu que fiz uma viagem ao Rio e que fui espetada não sei quantas vezes por causa d'ella e, ainda por cima, com risco de acabar os meus dias ás mãos d'aquella gente por causa das batatas?

MARGARIDA

E por causa d'aquelle homem da barba postiça.

ANATOLIO

Um reles criado que nos illudiu dizendo na policia que fôra á Pensão fazer uma pandega com uns matutos, a mandado de uns estudantes. *(Ao Vigario:)* E agora? Que diabo hei de dizer ao Liborinho?

VIGARIO

Ora, manda-o passeiar. Dize-lhe que a pequena não quer. Eu encarrego-me d'isso, deixa por minha conta.

NHÁ RITA

E vamos lá para dentro, porque isso não passa d'esta noite.

ANATOLIO

D'esta noite...?! Ah! minhas barbas. Com a casa cheia, no dia dos meus annos... *(Outro tom:)* E que se ha de dizer?

VIGARIO

Nada: guarda-se o maior segredo, o mais absoluto segredo.

ANATOLIO

Eu estouro!

VIGARIO

Calma, homem, calma. *(Outro tom:)* Ahi vem gente!

Nhá Rita e Margarida entram á direita.

SCENA III

ANATOLIO, VIGARIO, SÁ PATO, PEDRO, negros e negras

Negros e negras entram com as iguarias para a mesa e dispõem-n'as.

SÁ PATO

Cá para mim, na minha humilde opinião, o que a pequena tem é uma inflammação do figado.

GERTRUDES

Isso é das aguas.

SÁ PATO

Deve ser. Eu já tive isso; sarei, com um emplastro de timbó e com uma duzia de jurubébas. Não tem valor. *(Vendo a mesa servida:) In hoc signo vinces.* Que tal, seu vigario?

VIGARIO

Bom, bom...

ANATOLIO, *tomando Octavio pela manga do casaco; voz surda:*

Sei tudo! Agora diga-me: que é aquillo?

OCTAVIO

Aquillo quê, coronel?

ANATOLIO

O Diabo?

OCTAVIO

O Diabo?! *(A'parte:)* E' agora! *(Outro tom:)* Mas, coronel... temos tempo.

ANATOLIO

Não, senhor; não senhor. Quero a explicação immediatamente.

VIGARIO

Sentemo-nos, meus senhores. *(Chamando:)* Anatolio, comadre... *(A' parte:)* Estão engalfinhados.

Vão tomando lugar á mesa. Pedro e os negros começam a servir.

ANATOLIO, *a Octavio:*

Então?

OCTAVIO

Eu lhe digo, coronel: foi uma imprudencia. Succedeu comnosco o mesmo caso de que foram victimas os nossos primeiros pais. Um dia, seguindo caminhos oppostos, achamo-nos, por acaso, no mesmo sitio: o pomar. Era pelo tempo das frutas, os galhos estavam derreados e o arôma era tal que ficamos atordoados. Era só estender a mão e colher, porque o senhor não faz questão de uma laranja, nem mesmo de um cento.

ANATOLIO

Nem de um carro. Mais do que isto dou eu aos porcos.

SÁ PATO, *á mesa :*

Sic vos non vobis.

OCTAVIO

Pois não, mas a serpente seduziu-nos.

VIGARIO

Pedro, passa-me o môlho pardo. *(Chamando:)* Então, Anatolio...

ANATOLIO

Vão comendo, vão comendo. Estou aqui resolvendo um caso. *(A Octavio:)* Continuemos.

OCTAVIO, *de olhos baixos :*

Deixamos as laranjeiras e fomos justamente á arvore do fruto prohibido, a arvore do meio. Era tarde quando reconhecemos o nosso peccado. Para cobrir a sua vergonha o homem lançou mão d'uma folha de figueira, eu servi-me d'uma mentira. Mas meu padrinho, severo, expulsou-me do Paraiso, obrigando-me a seguir para o Rio, a pretexto de formatura. Mas não foi só isso.

SÁ PATO

Então, senhores? Olhem que está esfriando.

ANATOLIO

Já vamos, já vamos. *(A Octavio:)* Continuemos.

OCTAVIO

Meu padrinho escreveu-me quando o meu crime começou a tomar vulto e, com quanta dureza, coronel! E eu tive a visão horrivel do desfecho: Vi o senhor armado como um deus vingador, espostejando Valentina e o fruto prohibido a golpes de foice, sahindo depois, á minha procura, com a arma ainda gottejante e arrancando-me dos hombros a cabeça onde eu havia accumulado vasta sciencia adquirida em seis longos annos de estudos. Foi então que escrevi a meu padrinho pedindo-lhe que arranjasse um embuste qualquer para ganharmos tempo e elle teve a idéa do diabo.

ANATOLIO

Foi então de Bonifacio que sahiu o diabo?

OCTAVIO

Foi, coronel.

ANATOLIO, *á parte:*

É eu que o julgava um santo! *(Indo á mesa; baixo ao Vigario:)* Ah! Bonifacio d'uma figa!

VIGARIO, *com a boca cheia:*

Hein? que ha? Senta-te, homem. O môlho pardo está divino!

ANATOLIO, *baixo:*

Então foste tu que inventaste o diabo?

VIGARIO

Eu?! O' homem de Deus, o diabo é tão velho como o mundo.

ANATOLIO, *a Octavio:*

E o tal fakir, Thomé Ledesma?

OCTAVIO

Não me fale nesse homem: era meu criado. Se soubesse os transes porque passei na policia para guardar o segredo. O animal mettia os pés

pelas mãos e fez taes coisas que me vi obrigado a andar de jornal em jornal para evitar a publicação de uma scena intima das mais ridiculas, das mais comprometedoras. Lancei mão do maldito criado para salvar a situação e quasi o imbecil a enterra. Se eu não tivesse usado de expedientes taes, que seria de Valentina? Procurei insinuar-me em seu coração para poder merecel-a e consegui, mas como era preciso explicar de algum modo aquelle desenvolvimento precoce, puz em jogo toda a minha imaginação e ella tambem.

GERTRUDES

Então, senhores?

ANATOLIO

E as dentadas?

OCTAVIO

Farça, coronel. Ella estava numa situação critica, mentia e, para dar mais realce ao embuste, mordia. Ou dente ou queixo, coronel. Com medo dos dentes todos evitavam-n'a e, assim, não viam o volume, a grandeza do nosso peccado. Agora deixemos operar a natureza.

ANATOLIO, *caminhando ao longo da sala:*

A natureza? E as minhas barbas? E o Dr. Liborio que não tarda ahi para pedir a mão da pequena? Que lhe hei de eu dizer?

OCTAVIO

Diga-lhe que me adiantei e que fui aceito por Valentina.

ANATOLIO

Ah! mas eu vou dizer duas palavras a essa senhora...

OCTAVIO

Agora não, coronel. O senhor não será tão cruel que leve a morte a duas creaturas, uma das quaes innocente... *(Enternecido:)* seu neto que, a esta hora, está, talvez, abrindo os olhos á luz...

ANATOLIO

Que me diz?! abrindo os olhos! Eu suffoco! Tenho essa criança atravessada na garganta. Eu estouro! *(A'parte:)* Mas que hei de fazer, se ella já está abrindo os olhos! Que escandalo! *(Commovido:)* Mas a pequena talvez precise de alguma coisa. Assim como assim, desde que já

está abrindo os olhos... Que pouca vergonha! *(Dirige-se para a porta do fundo limpando os olhos.)*

OCTAVIO, *alcançando-o :*

Onde vai, coronel?

ANATOLIO

Onde vou? ainda pergunta. Vou mandar buscar um medico á Barra.

OCTAVIO

Aqui estou eu, coronel. E lembre-se que precisamos guardar segredo. Calma, calma e vamos para a mesa porque já começam a desconfiar de nós.

ANATOLIO, *á parte :*

Eu estouro! *(Tomam lugares á mesa.)*

SÁ PATO

Ora graças! Sou capaz de jurar que estavam a falar de politica.

OCTAVIO

Politica de coração. O coronel acaba de tor-

nar-me o mais feliz dos homens dando-me a mão de Valentina.

GERTRUDES

Bravo!

TODOS

Parabens.

ANATOLIO, *á parte:*

Eu estouro! Mas agora, com os olhos abertos... *(Alto:)* E' verdade, meus amigos; é verdade.

VIGARIO, *á parte:*

Se não bebi demais tudo isto é maravilhoso. Como este rapaz arranja as coisas! Engenho assim só... só o Central.

SÁ PATO

Grande dia! Grande dia!

VIGARIO, *baixo, a Anatolio*

Elle fez o pedido?

ANATOLIO

Qual pedido, qual historia! arrancou-m'a. E queres saber? eu estouro!

VIGARIO

Deixa-te d'isso. Bebe-lhe por cima um gole. E aqui vai á tua saude; é de coração. *(Bebe.)*

SÁ PATO, *de pé:*

Meus amigos, se eu podesse dizer o que me vai nalma neste momento de satisfação geral... *(Outro tom:)* Porque mesmo aquillo da pequena não tem valor; eu já disse á dona Margarida que experimente o timbó, não quer... *(Solemne:)* Se eu podesse dizer o que sinto neste momento de satisfação geral, diria que o meu amigo Anatolio não poderia ter escolhido outro dia melhor para seu anniversario do que aquelle em que sua filha foi pedida em casamento. Assim, reunindo o util ao agradavel, deu a todos uma prova duradoura da grandeza do seu coração e das virtudes civicas do seu caracter. Ao Anatolio e aos noivos!

VIGARIO

A' razão da mesma. Hip! hip! hip! hurrah!

TODOS

Hip! hip! hip! hurrah!

ANATOLIO

Muito obrigado, Sá Pato.

SÁ PATO

Interpretei os sentimentos da grey: *Dura veritas, sed veritas* — a verdada acima de tudo.

SCENA IV

Os mesmos, LIBORIO e MARÇAL

Liborio enlameado, coxeando, apparece ao fundo apoiado a Marçal.

LIBORIO

Vim trazer os meus parabens ao coronel... *(Voltam-se todos, pasmo geral.)*

VIGARIO

Mas que é isso?

ANATOLIO

Em que estado, doutor?!... *(A'parte:)* Que diabo hei de eu dizer a este homem?

SÁ PATO

Vejo que o doutor não cahiu em terreno secco.

MARÇAL

Foi Deus que me poz ali á beira do açude.

LIBORIO

Ha de permittir que eu diga o contrario, meu caro senhor Marçal: foi o diabo.

VIGARIO

Mas está tambem esfolado.

GERTRUDES

E com um gallo na testa.

OCTAVIO

E tem lama no corpo que é um Deus nos acuda.

LIBORIO

Muita lama, pois não. *(A Gertrudes:)* E, quanto a gallos, sou um poleiro. *(Mostrando a cabeça:)* Olhem para isto.

ANATOLIO

Mas que aconteceu?

VIGARIO

Tome um calice de vinho, doutor.

SÁ PATO

Agua com arnica; um pouco d'agua com arnica.

LIBORIO

Prefiro o vinho. *(Bebe:)* Eu vinha na ruana, a besta que os senhores conhecem...

ANATOLIO

Um animal excellente!

SÁ PATO

Mansa até ali.

LIBORIO

Pois não: muito mansa. Perto do açude estava o senhor Marçal á espera.

MARÇAL

De uma paca: um pacão!

LIBORIO

E justamente lembrou-se de disparar a espingarda quando a ruana passava. Ah! meus senhores, nunca desci de um animal com tanta agilidade. Fui num charco e a ruana... é por aqui!...

MARÇAL

Parecia o diabo. Eu deitei a correr atraz da besta, mas quando cheguei ao inhamal, lembreime do doutor e voltei a tempo de arrancal-o do lodo onde cahira. Foi um trambolhão mestre.

ANATOLIO

Mas o senhor não póde ficar assim. Venha mudar a roupa. A minha deve servir-lhe. *(A'parte:)* Mas que diabo hei de eu dizer a este homem?

LIBORIO

Aceito, coronel. *(Espira:)* Com licença, meus senhores. *(Entra á esquerda acompanhando Anatolio.)*

SÁ PATO

E constipou-se ainda por cima. *(Marçal sahe pelo fundo.)*

VIGARIO

Além de queda, coice. *(A Octavio.)* Felizmente estamos livre da tal prebenda.

SCENA V

ANATOLIO, VIGARIO, OCTAVIO, SÁ PATO, GERTRUDES, MARGARIDA, depois uma negra

MARGARIDA, *entrando muito afflicta:*

Ah! minha Nossa Senhora! *(Ao Vigario:)* Tenha paciencia, compadre, venha fazer uma oração.

VIGARIO

Mas não está roncando trovoada, filha;

MARGARIDA

Reze por ella, dona Gertrudes. Ah! meu Deus!

SÁ PATO

Mas que ha?

MARGARIDA

E' minha filha...

OCTAVIO, *baixo, a Margarida:*

Olhe o segredo, minha sogra.

MARGARIDA, *baixo, a Octavio :*

E' por sua causa mesmo, seu diabo! *(Alto:)* E' a colica.

UMA NEGRA, *entrando a correr, a Margarida:*

Nhá Rita mandô pruguntá a vamcê onde é que estão as fraldas.

SÁ PATO

Fraldas!? Para que fraldas?

MARGARIDA

São fraldas antigas, fraldas que foram d'ella.

Dizem que, aquecidas e applicadas sobre o figado, fazem passar as colicas. *(A'parte:)* Eu já não sei que digo... Valha-me Nossa Senhora!

SÁ PATO

Historias! Ponham-lhe um emplastro. *(Resoluto.)* Homem, vocês não têm energia. Eu mesmo vou buscar o timbó. Com licença!

VIGARIO

Espera, homem; onde queres ir?

OCTAVIO

Não é preciso.

MARGARIDA

Não é preciso.

SÁ PATO

Quem sabe se as fraldas fazem mais effeito? Não, minha senhora, em coisas de figado não aceito conselhos de ninguem. Vai vêr como, em um instante, a menina melhora. Já estive assim, sei o que isso é. Fiquei... pergunte aqui á Gertrudes... fiquei assim! *(Arqueia os braços diante do ventre:)* Os medicos não me deram volta e só

com o timbó estou aqui, graças a Deus. E' um instantinho! *(Sahe pelo fundo.)*

OCTAVIO

Mas onde vai o senhor achar timbó a esta hora da noite?

SÁ PATO

Ali perto do curral: conheço os sitios.

UMA NEGRA, *reapparecendo; a Margarida:*

Nhá Rita tá chamando, sinhá.

MARGARIDA

Já vou, já vou. *(Ao Vigario:)* Ah! seu Vigario, que ha de ser d'ella?

VIGARIO

Calma, calma. Isso é um instante.

GERTRUDES

Então a menina está passando tão mal assim?

MARGARIDA

Faz pena.

GERTRUDES

Olhe, dona Margarida, eu estou aqui, não se acanhe: posso fazer alguma coisa.

OCTAVIO

Não é preciso, dona Gertrudes.

ANATOLIO, *á parte, bufando:*

Isto é mesmo para um homem estourar.

MARGARIDA

Obrigada, dona Gertrudes; não é preciso. *(A'parte:)* Eu enlouqueço!

GERTRUDES

Não se acanhe. Não, que eu não sou creatura que fique de mãos cruzadas quando ha que fazer. Hoje por mim, ámanhan por ti, é a lei do mundo. Eu estou aqui para ajudar.

OCTAVIO, *á parte, desanimado:*

Tudo perdido! *(Baixo ao Vigario, que dorme:)* Ah! meu padrinho, salve-me! trata-se da minha honra. Veja se consegue prender aqui

dona Gertrudes. *(Sacudindo-o:)* Padrinho! Padrinho! *(Furioso:)* Depois de comer é isto.

VIGARIO, *estremunhando:*

Ainda não perdeste essa mania das cocegas, homem?

OCTAVIO

Mas meu padrinho, eu estou perdido. Veja se consegue prender aqui dona Gertrudes. Convença-a, agarre-a.

VIGARIO

Pois sim.

MARGARIDA, *sempre insistindo com Gertrudes:*

Não é preciso, dona Gertrudes: não é preciso.

OCTAVIO, *de repente, á parte:*

Ah! *(Sahe a correr pelo fundo.)*

MARGARIDA, *a Gertrudes:*

Olhe, então tenha paciencia, veja se me arranja umas brazas na cosinha. Não sei onde andam essas malditas negras.

GERTRUDES

Pois não, pois não! *(Apanha as saias e entra a correr, á esquerda.)*

MARGARIDA, *á parte:*

Agora é trancar a porta por dentro. Valha-me Nossa Senhora! *(Entra á direita.)*

VIGARIO, *estremunhando:*

Ahn!

LIBORIO, *dentro, á esquerda:*

Um pouco justa, um pouco justa...

ANATOLIO, *á esquerda:*

Mas secca.

LIBORIO

Muito, muito secca.

SCENA VI

VIGARIO, ANATOLIO, LIBORIO;
depois GERTRUDES, OCTAVIO, MARÇAL;
depois uma negra

Liborio e Anatolio entram pela esquerda, Liborio arrochado na roupa de Anatolio.

ANATOLIO

Agora venha petiscar alguma coisa, meu caro doutor. *(Vendo o Vigario a dormir:)* Olhe como está ferrado o nosso Vigario. Sente-se. *(A'parte:)* Palavra de honra, não sei que hei de dizer a este homem. *(Outro tom:)* Onde se terá mettido essa gente? *(Alto:)* Mas agora está mais á vontade, não?

LIBORIO

Um pouco apertado, mas, em summa, á vontade. *(Tenta sentar-se, mas não consegue:)* Tambem que idéa do senhor Marçal, caçar á noite. *(A'parte:)* Isto é uma camisola de força.

ANATOLIO

E' a hora melhor, doutor. Mas sente-se, sente-se. *(Correndo os olhos pela mesa:)* Que é do leitão?

LIBORIO

Sem incommodo, coronel; petisco qualquer coisa, o que houver. *(Outro tom:)* Então dona Valentina está passando mal? *(A'parte:)* Estas calças são d'uas tenazes.

ANATOLIO

Infelizmente. E' o tal figado. Na familia somos todos assim, já meu pai... *(Outro tom:)* Mas que é do perú? O' Pedro!

LIBORIO

Sem incommodo, coronel; eu cômo qualquer coisa. *(Outro tom:)* E o tal fakir? Era um intrujão. Disseram-me que, na policia, declarou ser criado de 'uns estudantes. *(Outro tom:)* Coronel, se me permitte, direi agora o motivo da entrevista que lhe pedi.

ANATOLIO

Pois não: sente-se. Côma primeiro alguma coisa, doutor.

LIBORIO

Sem incommodo. *(A'parte:)* Este casaco é uma prensa! *(Alto:)* Confesso que me sinto ve-

xado, embaraçado, apezar das muitas provas de amisade e confiança que tenho recebido...

ANATOLIO

Ora, doutor... *(Outro tom:)* Nem gallinha, ao menos. O' Pedro! *(Outro tom:)* Desculpe-me, doutor, mas com a molestia da pequena...

LIBORIO

Ora, coronel, nos grandes jantares é sempre assim; de mais... eu almocei como um frade. *(A'parte:)* Se cômo, rebento este costume. *(Alto:)* Mas coronel...

ANATOLIO

Mas levaram tudo! Nem dôce ha. Pedro! *(Outro tom:)* Mas fale, doutor. *(A'parte:)* O melhor é acabar com isto.

LIBORIO

Coronel, eu sei que dona Valentina não me vê com bons olhos, não sei a razão, mas...

ANATOLIO, *á parte:*

Ora, a razão... *(Alto:)* Engano, doutor.

LIBORIO

Lembrei-me de conversar com ella, mas não me achei com animo... *(A'parte:)* E' que as dentadas...

ANATOLIO, *á parte:*

Que diabo hei de eu dizer?

LIBORIO

Eis porque resolvi apadrinhar-me com o coronel. Se o senhor quizer auxiliar-me...

ANATOLIO

Se me tivesse falado de manhan, é possivel... agora, porém, é tarde, doutor.

LIBORIO

E' tarde? como tarde? Terá outro, por acaso...?

ANATOLIO

E' verdade: o doutor Octavio, afilhado do Vigario. Fez o pedido, ha pouco.

LIBORIO

Então... Elle era candidato?

ANATOLIO

Desde o seu quarto anno. Formou-se e veiu logo apresentar-se.

LIBORIO

E está incluido na chapa official?

ANATOLIO

Que chapa? Elle desistiu da eleição.

LIBORIO

Ah! se desistiu, eu insisto... e até falarei com elle porque sei que tem grande prestigio.

ANATOLIO, *á parte:*

Não percebo, palavra de honra. *(Alto:)* Mas, doutor... Valentina é noiva.

LIBORIO

Noiva? O' coronel, eu não sabia. Meus sinceros parabens...!

ANATOLIO

Foi pedida hoje.

LIBORIO

Muito bem! o coronel deve estar satisfeito...

ANATOLIO

Bem vê que não é possivel. O noivo é o doutor Octavio.

LIBORIO

Perfeitamente. Mas o coronel não acabou de dizer que elle desistiu?

ANATOLIO

Desistir?! se desistisse eu matava-o! Hade casar!

LIBORIO

Da eleição, coronel; eu falo da eleição.

ANATOLIO

Ah! sim; da eleição desistiu.

LIBORIO

Pois é isso. E o que eu pretendo de D. Valentina, é que ella fale ao coronel Barbosa, que é a grande força em Sant'Anna. Sei que ella con-

segue tudo do tio e eu, com a votação de Sant'-Anna, estou eleito. E' isto. E, quanto ao mais... parabens, muitos parabens. E' um partidão, o doutor Octavio.

ANATOLIO, *á parte:*

Ora bolas! *(Alto:)* Pois se é só isso, doutor, póde ficar tranquillo. *(Gertrudes entra pela esquerda soprando um têsto cheio de brazas. Vendo-a:)* O' minha senhora... *(Espantado:)* Brazas!

GERTRUDES

São para a menina, para aquecer a flanella.

LIBORIO, *tentando sentar-se:*

Decididamente isto é uma armadura.

GERTRUDES

Com licença... *(Encaminha-se para a direita.)*

MARÇAL E OCTAVIO, *fóra:*

Dona Gertrudes! Dona Gertrudes!

UMA NEGRA, *entra pela direita a correr, sacudindo o Vigario:*

Seu Vigario! Seu Vigario!

GERTRUDES

Chamam por mim...

A NEGRA, *ao Vigario:*

Sinhá tá chamando vasmicê mod' a oração.

VIGARIO

Han?!

Octavio e Marçal apparecem ao fundo demudados.

OCTAVIO

Que desgraça, dona Gertrudes! Logo hoje!

MARÇAL

Que desgraça! *(A'parte:)* Palavra que não comprehendo nada.

ANATOLIO

Mas que houve?

GERTRUDES

Pelo amor de Deus! fale de uma vez...

OCTAVIO

Seu marido deitou-se a afogar no açude. *(Gertrudes deixa cahir o têsto.)*

GERTRUDES

Deitou-se a afogar no açude?! Mãi de Misericordia!

ANATOLIO E LIBORIO, *aterrados:*

Como?

A NEGRA, *ao Vigario:*

Sinhá tá chamando vasmicê mod' a oração.

VIGARIO, *levantando-se furioso:*

Que oração?

GERTRUDES

Ah! seu Vigario!

VIGARIO

Que ha?

OCTAVIO

Talvez ainda possamos fazer alguma coisa.

GERTRUDES

Mas porque foi? Elle estava tão contente...

MARÇAL

Foi o José Pequeno que nos disse, passava na occasião... *(A'parte:)* Decididamente...

GERTRUDES, *soluçando:*

Ah! seu Vigario, estou viuva. Meu marido suicidou-se no açude.

VIGARIO

Como? depois do jantar?! Pois aquelle doido foi metter-se no açude com o estomago cheio?

ANATOLIO

Mas já morreu, homem!

VIGARIO

E eu aqui a dormir. E', então, por elle que querem que eu reze? Mas isso é no setimo dia.

ANATOLIO

Em todo caso vamos até lá. Póde ser que

ainda cheguemos a tempo. Vamos a correr. *(A Liborio:)* Venha comnosco, doutor.

LIBORIO

A correr, confesso que não me ha de ser muito facil. Emfim...

GERTRUDES, *afflicta:*

Venham! Venham commigo, pelo amor de Deus!

OCTAVIO

Vá, Marçal, vá com a senhora emquanto eu fico preparando um cordial. *(Toma Anatolio e o Vigario áparte e fala-lhes em segredo. Pasmo dos dois).*

MARÇAL, *á parte, intrigado:*

Decididamente não percebo nada. *(Alto:)* Vamos, minha senhora.

GERTRUDES

Elle, ás vezes, anda amuado, tem os seus burros, mas hoje...

VIGARIO, *á parte:*

Hoje deu com os burros nagua. *(Outro tom:)* Mas que rapaz!

ANATOLIO

Não perca tempo, dona Gertrudes. *(A' parte:)* E' d'arromba!

OCTAVIO

E a lanterna? E' indispensavel uma lanterna, um facho; qualquer coisa que alumie. *(Tomando um balão veneziano:)* Doutor Liborio, meu amigo, por obsequio...

LIBORIO, *aceitando o balão:*

Mas...

ANATOLIO, *com o chapeu do Vigario:*

Olhe, doutor, leve este chapeu por causa do sereno. *(Enterra-lhe o chapeu na cabeça.)*

OCTAVIO

E' um acto de caridade, doutor.

ANATOLIO

Vão indo emquanto procuro uma rede para

vêr se, ao menos, pescamos o pobre Sá. Mas vá depressa, doutor.

LIBORIO

Ha de ser difficil, coronel; ha de ser muito difficil! *(Marçal e Gertrudes sahem, á pressa, pelo fundo; acompanhando-os lentamente; á parte:)* Olhem que a muito obriga a Politica. De mais a mais é um voto de menos. *(Sahe.)*

SCENA VII

ANATOLIO, VIGARIO e OCTAVIO

OCTAVIO, *deixando-se cahir em uma cadeira :*

Uf! não posso mais!

ANATOLIO, *severamente :*

Outra farça.

OCTAVIO

Queria o senhor que dona Gertrudes fosse lá ao quarto?

ANATOLIO

Tudo por causa do demonio da mentira. Se

me houvesses procurado logo no começo da coisa, expondo-me tudo com franqueza, eu não teria os braços sarapintados e estariamos tranquillos. *(Cruzando os braços:)* E agora? Como havemos de apresentar a criança? porque ella não hade ficar escondida toda a vida. *(Depois d'uma pausa:)* Uma idéa! Podemos dizer que é meu filho.

VIGARIO

Teu filho?! ora, Anatolio...

OCTAVIO

E' um absurdo.

ANATOLIO

De Bonifacio... *(Outro tom:)* Ah! Bonifacio não póde. *(De repente:)* Do Marçal...

OCTAVIO

E o segredo?

ANATOLIO

O segredo, tens razão. Mas afinal: quem ha de ser o pai da criança?

OCTAVIO

Um desconhecido.

ANATOLIO

Um desconhecido!? E as minhas barbas?

OCTAVIO

Deixe as barbas em paz, coronel. O caso resolve-se facilmente. Eu mesmo apresento a criança.

ANATOLIO

Como? E o escandalo?

OCTAVIO

Tenho o meu plano, descance. E olhe que não ha tempo para discussões. *(Entra á direita.)*

SCENA VIII

ANATOLIO, o VIGARIO; depois SÁ PATO

VIGARIO

Deixa lá o rapaz, elle arranja as coisas melhor do que nós. E' um talento, Anatolio!

Anatolio, *passeiando:*

Ah! minhas barbas, minhas barbas! Sinceramente, não é o pequeno (ou pequena) que me preoccupa, põe-se uma pedra em cima, mas a minha boa fé illudida, as torturas d'aquella viagem á capital, aquelle escandalo das batatas, o tal Ledesma... Isso sim, isso é que me põe o figado em alvoroço. Um neto, em summa, não é coisa do outro mundo, assim como assim elle tinha de vir mesmo; mas a minha boa fé... *(Outro tom:)* E justamente no dia dos meus annos com a casa cheia. Ah! minhas barbas! *(Sá Pato apparece ao fundo carregado de hervas.)*

Vigario, *baixo, a Anatolio:*

Tudo perdido! Está ahi Sá Pato.

Anatolio, *desanimado:*

Bonito!

Sá Pato

Cá está o timbó. Custei a achar, mas quem porfia mata caça. Agora é só fazerem o emplastro.

ANATOLIO E O VIGARIO, *com espanto:*

Tu!?

SÁ PATO

Hein? E então? Eu mesmo. Queriam vocês que fôsse a minha sombra? *(Vendo o espanto dos dois:)* Mas que é isto? Que tenho eu de extraordinario? *(Examina-se:)* Que tenho eu?

ANATOLIO

Pois não morreste?

VIGARIO

No açude?

SÁ PATO

Vocês estão doidos...?!

ANATOLIO

Disseram-nos que havias procurado a morte.

SÁ PATO

Eu estava procurando timbó ali junto ao curral.

VIGARIO

Pois tua mulher anda explorando as aguas do açude á procura do teu cadaver.

ANATOLIO

Foi para lá com o Marçal.

VIGARIO

E o Dr. Liborio.

SÁ PATO

Mas que diabo de historia estão vocês ahi a contar...?

ANATOLIO

E' a pura verdade: tu morreste, tanto que nós já estavamos preparando uma rêde para pescar o teu corpo.

SÁ PATO

Com seiscentos diabos! basta de graça...

VIGARIO

Eu até já encommendei tua alma.

ANATOLIO

E vai, vai tirar da afflicção a pobre viuva; vai!

SÁ PATO

Vou, mas com seiscentos diabos! quem foi o patife que inventou tal chalaça?

ANATOLIO

Foi um negro da fazenda do Malveiro.

VIGARIO

Um tal José Pequeno.

SÁ PATO

Pois eu escangalho-o!

ANATOLIO

Sim, mas vai, que tua mulher é capaz de morrer de angustia.

SÁ PATO

No açude... *(Rindo:)* Homem, deixem lá, tem graça. *(Serio e ameaçador:)* Se eu apanho o tal José Pequeno... acabo em Fernando, mas

dou-lhe uma lição. Grandissimo patife! *(Outro tom:)* Olhem o timbó. Pobre Gertrudes! *(Vai sahindo pelo fundo.)*

OCTAVIO, *apparecendo á direita a tempo de vêr Sa Pato:*

Elle!

SCENA IX

ANATOLIO, o VIGARIO e OCTAVIO

ANATOLIO, *a Octavio, anciosamente:*

Então?

OCTAVIO

Um menino.

ANATOLIO, *enternecido:*

Avô! Sou avô de um menino. E' um escandalo, mas palavra de honra, bole com as entranhas. Ah! Octavio! *(Ao Vigario:)* Não imaginas o que vai de ternura aqui dentro. Se eu pudesse expandir-me!

VIGARIO

Pois expande-te!

ANATOLIO

E as minhas barbas?

VIGARIO, *a Octavio:*

E o teu plano?

ANATOLIO

Sim, é verdade, o plano.

OCTAVIO

Eil-o. E' muito natural apparecer uma criança abandonada á beira da estrada...

ANATOLIO

Hein? atirar á estrada um Espirito Santo? Isso nunca!

VIGARIO

Espera, homem; não te precipites.

OCTAVIO

Calma, coronel. Lembre-se que as precipitações e as rebentinas só lhe têm trazido contrariedades. Se o senhor não fôsse tão impetuoso eu não teria incorrido na gravissima falta de que

me accusam. Amava Valentina e não ousava declarar-me, receioso de que o senhor sahisse-me com duas pedras na mão; o resultado ahi tem.

ANATOLIO

Pois fale, homem.

OCTAVIO

Commummente apparecem crianças abandonadas á beira dos caminhos, não é verdade? Pois bem, para salvar as apparencias, direi aos que aqui se acham que, depois da volta do Sá, tendo eu sahido com um cordial para prevenir qualquer accidente que pudesse sobrevir á D. Gertrudes, no momento da surpreza feliz do reapparecimento do marido encontrei, junto á porteira, esse anjinho e, enternecido, querendo commemorar com um acto de piedade o dia da minha maior ventura, tomei-o nos braços tornando á casa com elle. Quem desconfiará das minhas palavras?

ANATOLIO

E' uma idéa d'arromba. E depois? quando o pequeno crescer?

OCTAVIO

Já lhe disse, coronel, que pretendo praticar nos hospitaes europeus; a criança irá commigo, ou antes: comnosco, e, de lá, logo que chegarmos, terá o senhor uma carta annunciando a morte do engeitadinho e, conjunctamente, o annuncio do proximo nascimento do nosso primeiro filho. A' volta, d'aqui a dois ou tres annos, o pequeno poderá chamar-me publicamente «papai» sem escandalo para as suas barbas. Será apenas um menino... extraordinariamente desenvolvido, nada mais.

VIGARIO

E' genial!

ANATOLIO

Sim, é genial, mas... e Nhá Rita?

VIGARIO

E' um poço, garanto.

OCTAVIO

Meu padrinho tem confiança?

VIGARIO

E' um poço! *(Timido:)* Eu... eu... *(Resoluto:)* Ora, deixemo-nos de mysterios: tu és um homem, Anatolio; tu és outro, Octavio... Pois aqui lhes digo com o coração nas mãos: eu tambem sou um homem. Hoje, pacato ministro de Deus, vivo tranquillamente, cuidando apenas dos sagrados misteres do culto, mas fui o diabo! A minha mocidade foi mais estourada que a de Santo Agostinho. Pequei..., mea culpa, mea culpa! Era ainda seminarista... Pois aqui te digo em confidencia, Anatolio, se Nhá Rita não fosse um poço toda a gente conheceria o grande segredo da minha vida, segredo que hoje desvendo á face de Deus e dos homens. *(Commovido:)* Tu, Octavio, tu és mais que meu afilhado, muito mais! Eu não te dei apenas o nome, fui mais prodigo. *(Com lagrimas; a Anatolio:)* Eu tambem sou avô...

ANATOLIO

Quê! pois elle é teu neto?

VIGARIO

Meu neto, não: meu neto é o teu. Elle é... Homem, pois não percebes?

ANATOLIO

Percebo... *(A'parte:)* Mas quantas surprezas! Pobre Bonifacio!

VIGARIO

A meus braços! *(A Anatolio:)* E tu também! *(Radiante:)* Eis aqui a Trindade: Padre, Filho e Espirito Santo.

GERTRUDES, *fóra:*

Ah! meu Deus! Estou mais morta do que viva. Que noite!

OCTAVIO

Elle! Não ha tempo a perder! *(Entra á direita correndo:)*

SCENA X

ANATOLIO, VIGARIO, SÁ PATO, LIBORIO, MARÇAL e GERTRUDES

Sá Pato e Marçal entram conduzindo Gertrudes que vem derreada de fadiga. Liborio, coxeando, traz o balão apagado.

GERTRUDES

Ah! *(Deixa-se cahir em uma cadeira:)* Olhem que sempre arranjáram-me uma...! Estou descadeirada!

LIBORIO

Uf! Vou desapertar-me! *(Entra á esquerda.)*

MARÇAL, *á parte:*

Eu é que não comprehendo nada.

ANATOLIO, *a Gertrudes:*

Então?

SÁ PATO

Achei-a em caminho, debulhada em lagrimas.

GERTRUDES

Levamos todo esse tempo a pescar e só conseguimos apanhar uma abóbora pôdre.

MARÇAL

E um samburá velho. *(A'parte:)* E eu pirome! estou sem pernas e... *(Sahe pelo fundo.)*

VIGARIO

Foi um plano do negro. O grande patife quiz distrahir a nossa attenção para praticar um crime.

GERTRUDES

Um crime!

ANATOLIO

Sim, senhora: um crime.

SÁ PATO

Como?

VIGARIO

Eu conto. O patife estava justamente á porteira quando foi descoberto por Octavio e, sem perder a calma, precipitou-se dizendo que vira

um homem atirar-se no açude e, pelos signaes que deu: barrigudo, barbado, não podia ser outro senão tu. Octavio voltou a correr com a noticia emquanto o miseravel deixava sobre as hervas um innocentinho recem-nascido.

SÁ PATO

Que Herodes!

VIGARIO

Vocês passaram por elle, mas como iam afflictos, não ouviram os seus vagidos, e foi Octavio quem o descobriu junto á porteira quando sahiu com um cordial, com receio de algum accidente que pudesse sobrevir á commoção que, certamente, dona Gertrudes soffreu, encontrando o seu marido vivo e são. Tomou o innocentinho nos braços e trouxe-o carinhosamente.

SÁ PATO

Mas eu escangalho-o, palavra de honra!

GERTRUDES

E a criança?

ANATOLIO

Cria-se... Já agora!

Entram pela direita Octavio, Margarida e Nhá Rita.

SCENA XI

Os mesmos, OCTAVIO, MARGARIDA e NHÁ RITA, depois PEDRO

MARGARIDA, *baixo, a Anatolio:*

Ah! como é lindo, Anatolio!

ANATOLIO, *baixo:*

Silencio! E' um engeitadinho.

MARGARIDA

Já sei! *(Suspirando:)* Meu pobre neto!

SÁ PATO, *a Octavio:*

Então o tal negro, hein?

OCTAVIO

Para deixar-nos uma criança atirou-o no açude.

MARGARIDA

E eu, então, que gosto tanto de crianças...

NHÁ RITA

E para alegrar uma casa não ha como um demoninho d'esses.

PEDRO, *ao fundo :*

Sinhô, Zé Cabinda manda pruguntá si podi guardá us animá...?

SÁ PATO

Não, vai buscar os nossos. *(Liborio entra com o seu costume.)*

LIBORIO

A ruana tambem. *(Pedro sahe.)*

SÁ PATO

Meu chapeu? *(Outro tom:)* E' verdade: e a pequena? *(Margarida entra á direita.)*

ANATOLIO

Adormeceu, felizmente.

GERTRUDES

E a colica?

NHÁ RITA

Passou. *(Distrahida:)* Mas nunca vi daquelle tamanho!

GERTRUDES

Como?

ANATOLIO

Uma colica feroz!... Se até lhe doíam os dentes.

SÁ PATO

Ah! mas o timbó é um santo remedio. *(Margarida reapparece com os chapeus de Gertrudes e de Sá Pato.)*

PEDRO, *ao fundo:*

Animá tá hi.

SÁ PATO

Bem, vamos aproveitar a lua. *(A Octavio:)* Muitas e muitas felicidades. Cá estarei no dia do «Conjugo.» Adeus, Anatolio. Muitos ainda e bons. Vou, felizmente, para casa eu que, a esta

hora, já devia estar batendo as estradas do outro mundo. *(Despedindo-se.)*

GERTRUDES

Eu hei de voltar para vêr o pequeno.

LIBORIO

Coronel, não se esqueça. Senhor Vigario, doutor, minhas senhoras. Meus respeitos a D. Valentina. Faço votos pelo seu restabelecimento.

GERTRUDES, *fóra:*

Lembranças a Valentina!

SÁ PATO, *fóra, recommendando:*

Olhem o timbó!

Vão todos á varanda. Ouvem-se «adeuses» durante algum tempo.

SCENA XII

ANATOLIO, VIGARIO, OCTAVIO, NHÁ RITA e MARGARIDA

ANATOLIO

Então?

NHÁ RITA

E agora? quem venceu? Eu não dizia sempre que aquillo não era demonio? Ah! nessas coisas eu não me engano.

ANATOLIO

E' verdade! Felizmente agora podemos expandir-nos.

MARGARIDA, *enternecida:*

E' lindo, Anatolio!

NHÁ RITA, *rindo:*

O diabo não é tão feio como se pinta.

OCTAVIO

Que olhos! *(A Anatolio:)* Creio que agora estou perdoado...?

ANATOLIO, *abraçando-o:*

Dois que fossem, tres, quatro, palavra de honra! Eu não sei que tenho, mas... *(Enternecido:)* Sou avô! *(A Margarida:)* Tu és avó... *(Baixo, ao Vigario, apertando-lhe a mão:)* Tu tambem és avô, Bonifacio. *(A Octavio:)* Afinal... o casamento é uma carta de fiança, tu pagaste adiantado, é a mesma coisa.

VIGARIO

E o Liborinho? falou-te?

ANATOLIO

Ah! sim, não era para pedir-me a pequena: queria Sant'Anna.

VIGARIO, *pasmado:*

Sant'Anna!?

OCTAVIO

Sant'Anna? Para que Sant'Anna?

ANATOLIO

Por causa da eleição. Elle é politico, homem de Deus!

Surdina na orchestra.

MARGARIDA, *pé ante pé:*

Psiu!

ANATOLIO

Que é?

NHÁ RITA

E' Maria Caxambú que está ninando o pequeno.

ANATOLIO

Ah!

VIGARIO

Lá está quem te ha de amansar, meu velho.

ANATOLIO

A mim?

VIGARIO

Sim, a ti.

NHÁ RITA

Não falem tão alto!

MARGARIDA

Que gente...!

ANATOLIO, *em voz sumida:*

E' Bonifacio.

VOZ, *á direita:*

Tu tur lu tu tu
Atraz do murundú,
Leva este menino
Pr'a covinha do tatu.

O panno desce lentamente sobre o extase de todos